



I

VIAGENS DE JULES VERNE PELO TEATRO

Organizadora
Mônica Fiuza Bento de Faria



edições makunaima

Coordenador

José Luís Jobim

Diagramação e editoração

Casa Doze Projetos e Edições

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

V598 Viagens de Jules Verne pelo Teatro (1) [livro eletrônico] /
Organizadora Mônica Fiuza Bento de Faria. – Rio de Janeiro, RJ:
Edições Makunaima, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-87250-39-7

1. Ensaios brasileiros. 2. Teatro. 3. Verne, Jules, 1828-1905 –
Crítica e interpretação. I. Faria, Mônica Fiuza Bento de.

CDD 843

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

I

VIAGENS DE JULES VERNE PELO TEATRO

Organização
Mônica Fiuza Bento de Faria

Rio de Janeiro

2023



Conselho Consultivo

Alcir Pécora (Universidade de Campinas, Brasil)
Alckmar Luiz dos Santos (NUPILL, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)
Amelia Sanz Cabrerizo (Universidade Complutense de Madrid, Espanha)
Benjamin Abdala Jr. (Universidade de São Paulo, Brasil)
Bethania Mariani (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Cristián Montes (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Eduardo Coutinho (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
Guillermo Mariaca (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Horst Nitschack (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Ítalo Moriconi (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
João Cezar de Castro Rocha (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Jorge Fornet (Centro de Investigaciones Literárias – Casa de las Américas, Cuba)
Lívia Reis (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Luiz Gonzaga Marchezan (Universidade Estadual Paulista, Brasil)
Luisa Campuzano (Universidad de La Habana, Cuba)
Luiz Fernando Valente (Brown University, EUA)
Marcelo Villena Alvarado (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Márcia Abreu (Universidade de Campinas, Brasil)
Maria da Glória Bordini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Maria Elizabeth Chaves de Mello (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Marisa Lajolo (Universidade de Campinas/Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil)
Marli de Oliveira Fantini Scarpelli (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)
Mireille Garcia (Université de Rennes 2)
Pablo Rocca (Universidad de la Republica, Uruguai)
Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Rita Olivieri-Godet (Université de Rennes 2)
Roberto Acízelo de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Roberto Fernández Retamar (Casa de las Américas, Cuba)
Salete de Almeida Cara (Universidade de São Paulo, Brasil)
Sandra Guardini Vasconcelos (Universidade de São Paulo, Brasil)
Saulo Neiva (Université Clermont Auvergne)
Silvano Peloso (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)
Sonia Neto Salomão (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)

Agradecimentos

Agradecemos ao Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Federal Fluminense pelo apoio ao pesquisador, ao Professor Doutor Edmar Guirra dos Santos¹ por ter aceitado o convite para colaborar com esta obra e à Maria Ruth Fellows pela releitura e sugestões preciosas.

¹ Professor de Francês no Ensino Básico do Colégio Pedro II (Rio de Janeiro), onde desenvolve o Projeto de Extensão TRANS*former: francês para pessoas transvestigêneres. Doutor em Literaturas de Língua Francesa pelo PPG em Letras Neolatinas da UFRJ, tendo realizado, desde 2008, pesquisas e publicações sobre a trajetória de Jules Verne no campo literário e, ainda, sobre deselitização do ensino de Francês no Brasil. Desde 2015, é membro do Conselho Administrativo do Centre International Jules Verne (CIJV) e, eventualmente, atua como curador independente.

Sumário

APRESENTAÇÃO 7

Parte 1

JULES VERNE, SEUS POSSÍVEIS ESTÉTICOS E O CAMPO LITERÁRIO 10

Edmar Guirra dos Santos

Parte 2

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS 42

Parte 3

MICHEL STROGOFF 147

Apresentação

Le théâtre représente un salon de lecture et de jeu...

Jules Verne

Quando o sucesso de suas *Viagens extraordinárias* já o coroava, tornando-o um autor mundialmente conhecido e famoso, Jules Verne ainda pensava no teatro, uma de suas grandes paixões, nunca esquecida. Adapta para o teatro, então, em parceria com Adolphe Ennery, dramaturgo e romancista francês (1811-1899), algumas de suas “viagens”, as *Voyages au Théâtre*.

O leitor encontrará, na primeira parte deste livro, um artigo do Professor Doutor Edmar Guirra dos Santos, através do qual seremos introduzidos aos possíveis estéticos de Jules Verne. Em seguida, duas peças adaptadas de seus romances, inéditas no idioma português. A primeira, *Tour du monde en 80 jours*, peça “geográfica” encenada em 1874, com grande sucesso: duas mil representações em vinte e cinco anos, somente em Paris. O espectador dessa peça, sem sair da poltrona do teatro, mergulha em um universo de paisagens exóticas, povos selvagens, terremotos, naufrágios e ataques a trem pelos Peles Vermelhas... Nessa adaptação, Jules Verne introduz alguns personagens e cenas novas (em relação ao romance), uma hábil dosagem de força dramática e humor, com diálogos eficazes. *Michel Strogoff*, representada em 1881, também obteve um enorme sucesso, com uma mise-en-scène bastante complexa, tendo às vezes em cena 400 pessoas. O espectador, nessa adaptação

do romance para o teatro, viaja pela Rússia e Sibéria, com diálogos incisivos e algumas surpresas.

No ano seguinte, em 1882, outra peça foi encenada, *Voyage à travers l'impossible*, uma obra feérica que desconcertou o público da época, mas cujo texto se perdeu. Na Bnf Gallica.fr, encontramos apenas alguns desenhos. O único registro a que temos acesso é a adaptação livre de Georges Méliès para o cinema, em 1904. Na plataforma Youtube ainda é possível assisti-la, apesar da péssima qualidade de imagem e som. Em breve, publicaremos *Viagens de Jules Verne pelo teatro* (2), com outras viagens ao teatro de Jules Verne.

Mônica Fiuza Bento de Faria

Parte 1

Jules Verne, seus possíveis estéticos e o campo literário

Edmar Guirra dos Santos

10 Qualquer que seja a pesquisa empreendida sobre a obra de Jules Verne, não se pode deixar de reservar interesse a seu encontro com o editor Pierre-Jules Hetzel. As biografias do escritor inscrevem esse momento de sua trajetória no campo literário, em 1862, como o acontecimento inaugural que conduzirá a carreira de Verne para horizontes de notoriedade e para a posteridade, engajando o escritor na arte da ficção pelas vias do “romance científico”, programada através do lançamento das *Viagens extraordinárias*.

Atribuir um espaço a esse encontro em um artigo que leva em conta a trajetória de Verne no campo literário é, portanto, legítimo. Definitivamente, Pierre-Jules Hetzel, editor capaz de verificar o valor literário de Verne, caucionado por um público ávido pela ciência, será promotor de uma renovação da visão editorial sobre a literatura para crianças e jovens e integrará Verne à equipe fundadora do *Magasin d'Éducation et de Récréation*, em 1864. Em suma, é engajando-se na editora Hetzel que Jules Verne dispõe de um potencial de publicação que lhe permitirá adquirir *status* de “escritor”, garantido pelos sucessivos contratos assinados entre os anos de 1862 e 1871. No entanto, antes de 1862, data do primeiro contrato de Verne, o escritor já havia realizado diversas tentativas de entrada no universo da literatura, escrevendo poemas, textos dramáticos, novelas para o periódico *Musée des familles* e um artigo crítico sobre o Salão de 1857.

Neste artigo, a cronologia dos fatos organizará o texto. Apreciaremos criticamente, portanto, os possíveis estéticos para Jules Verne, até o momento que caracterizamos como o de sua “hetzelização”, por assim dizer, momento a partir do qual Jules Verne escreve, única e exclusivamente, seguindo a via do romance. Para tanto, levaremos em consideração as indeterminações do campo literário no Segundo Império e na Terceira República da França, relacionando-as à(s) escolha(s) genérica(s) do escritor¹.

Os possíveis estéticos para Jules Verne

Até o momento da publicação do manuscrito de *Voyage en l'air*, nome original de *Cinq semaines en ballon*, alguns posicionamentos marcam a trajetória de Jules Verne no campo literário, todos pouco explorados diante da importância que terá o primeiro contrato de Verne e suas consequências. Afinal, o contrato atesta juridicamente sua associação a uma editora, em outubro de 1862, o que lhe permite “tornar-se” escritor.

A difusão de *Cinq semaines en ballon*, em janeiro de 1863, permite cernir, entre outros, a habilidade comercial de Hetzel em harmonia com as expectativas do público e os acontecimentos da época, como a fundação da “Sociedade de encorajamento à locomoção aérea por aparelhos mais pesados que o ar”, por Félix Nadar, e o lançamento do balão Le Géant, em Paris, que inspirará, inclusive, um artigo de Verne para o *Musée des familles*.² No entanto, esses fatos, que alimentaram o sucesso da trama do jovem romancista, não são suficientes para explicitar a obra literária ulterior, cujo

11

1 As transcrições dos contratos originais entre Jules Verne e seu editor podem ser consultadas em SANTOS, Edmar Guirra dos. A trajetória de Jules Verne; a arte, o escritor e seu editor. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2016, p. 192-201. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Kv9_spVOBzYErXG3h3byX8ldv9YlOnR7/view.

2 VERNE, Jules. “À propos du Géant”. *Musée des familles*, vol. 31, n° 3, décembre 1863, p. 92-93.

programa será marcado, em 1867, pelo título genérico de *Viagens extraordinárias*.

Evocar um retorno aos acontecimentos que antecederam a publicação de *Cinq semaines en ballon*, articulando-os à teoria do campo literário, é tirar o foco de uma possível imagem de um Jules Verne de 1848 “determinado, objetivamente e subjetivamente, à indeterminação³. Se assim procedêssemos em nossos estudos, estaríamos reduzindo nossa análise da trajetória do autor. Assim, percorreremos criticamente a obra do aspirante a uma posição literária, enquanto se esforça para constituir sua identidade de escritor, verificando suas negociações com seu editor para a elaboração de um empreendimento literário.

O encontro entre Verne e Hetzel é frequentemente interpretado pela via das mediações simbólicas, o que traz um significado intrínseco ao fato; faz-se referência a esse encontro como se fosse um rito de passagem a partir do qual Jules Verne se torna escritor, considerado sob a influência do ciclo romanesco. Em vez de tentar elucidar a história do encontro entre Verne e Hetzel, interrogamo-nos sobre a importância do editor para a criação das *Viagens extraordinárias*, observando a correlação entre as circunstâncias do encontro e a interação entre os protagonistas. De fato, do ponto de vista de Jules Verne, esse encontro se apresenta como a oportu-

12

3 Cf. BOURDIEU, Pierre. “L’invention de la vie d’artiste”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 1, n^o 2, 1975, p. 67-93. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1975_num_1_2_2458. Apesar da interpretação de Jean Chesneaux sobre a influência da tradição “quarante-huitarde” nos anos de formação parisiense de Jules Verne (CHESNEAUX, Jean. *Jules Verne, une lecture politique de Jules Verne*. Paris: Maspero, 1971), seria difícil aproximá-lo do personagem Frédéric Moreau, de Flaubert, que Pierre Bourdieu utiliza para constituir o símbolo dessa indeterminação do escritor, tomando o romance *l’Éducation sentimentale* como referência sócio-analítica da autonomização do campo literário depois de 1848. Cf. BOURDIEU, 1998, p. 17.

tunidade para a realização de sua busca de ser (ou de se tornar) escritor. O contrato para a publicação de *Voyage en l'air* legitima sua qualidade de autor, confirmado pela unanimidade do sucesso junto ao público.

Na lógica da exploração de fronteiras que buscamos, o sucesso de *Cinq semaines en ballon* constitui, para Verne, um sinal de reconhecimento da consciência de si mesmo enquanto escritor, que coincide com as representações feitas pela crítica ao fundador do “*roman scientifique*”. Para além da originalidade e do sucesso nas vendas, o que confirma o valor desse romance, fez-se necessário que Hetzel proporcionasse a Jules Verne condições de validade de ser (ou tornar-se) escritor, propondo-lhe uma garantia, a longo prazo, de seu estatuto de autor, através da associação duradoura com sua editora. Para Verne, o contrato é uma garantia de acesso a uma posição dentro do campo. No entanto, ele já escrevia e publicava antes desse marco de sua trajetória. Questionamo-nos, então: a partir de que momento Verne pode, efetivamente, considerar-se escritor?

Em seu estudo sobre a singularidade, Nathalie Heinich propõe pensar balizas de indeterminação, entre as quais transita quem quer que esteja relacionado com a criação literária. Segundo a socióloga, do momento da alfabetização de um indivíduo à sua eventual atividade de escrita literária, existem dois aspectos a serem considerados: o primeiro é o interesse de ser um indivíduo da escrita, na medida em que a passagem do “escrever” transitivo ao “escrever” intransitivo sinaliza uma disposição existencial daquele que escreve; o outro é a efetiva passagem à publicação, que constituiria uma verdadeira identidade de escritor⁴. Esse processo se mostra importante para analisarmos o caso de Jules Verne, pois ele atribui “superioridade” ao fato de ser escritor, como atesta a carta de 25 de abril de 1864. Enviada a P.-J. Hetzel, Verne agradece as duras críticas do editor após submissão e recusa de publicação do romance *Paris au XX^e*

4 Cf. HEINICH, Nathalie. *Être écrivain*. Paris : La découverte, 2000, p. 61.

siècle, justificando que o editor sabe, melhor do que ninguém, de sua aspiração de se tornar um escritor: “*Vous savez que je veux, avant tout, devenir un écrivain*”⁵.

Considerando a importância dessas balizas de indeterminação para a constituição de uma identidade de escritor, podemos afirmar que, apesar de ter escrito diversos textos dramáticos e de assimilá-los inicialmente à sua vocação literária, Jules Verne não pôde desenvolver uma singularidade e ser reconhecido como autor por sua atividade de escrita para o teatro, visto o número de peças escritas em diversos gêneros, sem sucesso no palco ou, até mesmo, nunca encenadas. De 31 peças escritas, cinco foram encenadas e somente três tiveram relativo sucesso junto ao público. Destaca-se a peça *Les Pailles rompues*, que contou com a colaboração de Alexandre Dumas filho e foi representada no Théâtre Historique, em 12 de junho de 1850. Esse foi o primeiro sucesso de Jules Verne no teatro antes de 1862. Essa peça será reencenada no Théâtre du Gymnase em dezembro de 1853. As outras duas, *Le Colin-Maillard* e *Les Compagnons de la Marjolaine*, foram encenadas no Théâtre-Lyrique, em 1853 e 1855, respectivamente.

14

Em sua busca por uma posição no campo literário, Verne foi confrontado a uma outra oportunidade que poderia decidir seu destino nas artes dramáticas. Em 17 de fevereiro de 1858, a representação de *Monsieur de Chimpanzé*⁶ no Théâtre des Bouffes-Parisiens revelou seus talentos de libretista, em um momento em que as inovações da opereta estavam em desenvolvimento⁷. Com música de seu amigo compositor Aristide

5 VERNE, Jules. *Correspondance inédite de Jules Verne et de Pierre-Jules Hetzel* (1863-1886). Tome I (1863-1874). Établie par Olivier Dumas, Piero Gondolo Della Riva & Volker Dehs. Genève : Slatkine, 1999, p. 28.

6 Traduzido para o português por Marlon Rodrigues e Mônica Fiuza Bento de Faria. In: *Outras viagens extraordinárias de Jules Verne*. Curitiba: CRV, 2020, p. 39.

7 No início da carreira em Paris, Jacques Offenbach procura um teatro que

Hignard, essa ópera-bufa, rica em potencialidades, não permite a Verne construir uma carreira no teatro lírico, mesmo em um momento em que, graças a Offenbach, a opereta evolui. Robert Pourvoyeur defende que cogitar a hipótese de uma colaboração de Verne com o “Mozart dos Champs-Élysées” traz um aspecto de mudança biográfica, que levaria a relativizar o papel fundador do encontro com P. J. Hetzel. O articulista e especialista em Verne faz essa afirmação, analisando as tentativas de posicionamento de Jules Verne como autor de óperas-cômicas em busca de um diretor de teatro no campo da arte lírica de *boulevard* da Paris dos anos de 1850⁸. Em vez de estudar a atividade de escritor dramático de Jules Verne, adotando uma visão de ruptura entre um antes e um depois de *Cinq semaines en ballon*, Pourvoyeur prefere considerar essa experiência dramaturgica como uma reserva mnemônica de técnicas para o romance científico que será criado. O especialista defende que Verne é um “romancista dramático”⁹.

15

É coerente afirmar que as decepções de Verne no teatro podem ter provocado seu investimento no gênero romance. Na lógica do campo literário do Segundo Império, as razões se justificam por sua

lhe permita encenar suas óperas-bufas. A fundação, em 1855, do Théâtre des Bouffes-Parisiens, inaugurado na Exposição Universal, marca seus primeiros sucessos junto ao Tout-Paris, levando à abertura de uma nova sala na passagem Choiseul, na qual Verne tem representada sua ópera-bufa em um ato, sem grande sucesso (quinze apresentações). Cf. POURVOYEUR, Robert. “Jules Verne aux Bouffes-Parisiens”. *Bulletin de la Société Jules Verne*, vol. spécial théâtre n^o 1, n^o 57, 1er trim., 1981, p. 2-10.

8 Verne tem três óperas-cômicas escritas com a colaboração de Michel Carré e música de Aristide Hignard: *Le Colin-Maillard* (1853), *Les Compagnons de la Marjolaine* (1855), citadas acima, e *L'Auberge des Ardennes* (1860). Cf. POURVOYEUR, Robert. “Les trois opéras-comiques de Verne”. *Bulletin de la Société Jules Verne*, vol. 18, n^o 70, 2ème trim., 1984a, p. 71-78.

9 Cf. POURVOYEUR, Robert. “Jules Verne, écrivain de théâtre ou romancier dramatique?”. *Bulletin de la Société Jules Verne*, vol. 18, n^o 70, 1er trim., 1984b, p. 54-57.

própria estrutura, cuja hierarquia piramidal foi sublinhada por Pierre Bourdieu. Dividida do ponto de vista simbólico entre a poesia, no cume, e o teatro, na base, essa hierarquia, inversa do ponto de vista econômico, reserva ao romance um lugar intermediário, que nos permite organizar um leque de posicionamentos possíveis, devido à sua dispersão entre os polos consagrados pelo prestígio da tradição ou da instituição¹⁰. Se, em função do prestígio ligado ao sucesso comercial, o teatro tem um atrativo, a busca pelo capital de reconhecimento, assegurado pelas representações em salas renomadas, se torna complexa. Assim, em função das coerções do campo literário e de sua posição dominada em relação ao campo econômico, Jules Verne teria optado pela escrita romanesca, desviando dos gêneros poéticos que não lhe traziam mais frutos. Inclui-se aqui também o abandono da poesia de juventude que, embora Verne nunca tivesse mostrado disposição em publicar, na cronologia da escrita é o primeiro gênero no qual o escritor se lança.

16

Desde 1848, dividido entre a escrita de poemas e o interesse em ser representado nos teatros, Verne não se mobilizou para desenvolver seus sonetos para além da esfera íntima de seus carnês de poemas. Revelados no final dos anos 1980, esses dois pequenos carnês reúnem coleções de poesias que Jules Verne escreveu entre os anos de 1847-1848. Inacabado, o segundo carnê atesta a persistência desse gênero na carreira de Verne, visto que foi regularmente enriquecido com novos trabalhos até o ano de 1891¹¹. Mesmo tratando-se de gêneros distintos, poesia e teatro são, para Jules Verne, nesse momento de sua carreira, gêneros que ele reúne em um mesmo conjunto, como veremos a seguir.

Em entrevista de 1904, Verne confia ao jornalista Gordon Jones que, desde a adolescência, não parava de escrever e

10 Cf. BOURDIEU, 1998, p. 193.

11 Cf. VERNE, Jules. *Poésies inédites*. Sous la direction de Christian Robin. Paris : Le cherche midi, 1989.

trabalhava sobretudo a poesia¹². Essa declaração deve ser vista com cautela pois, em entrevistas anteriores, o escritor deixa entrever que não estimava seus dons poéticos, desabonando, junto ao jornalista Robert Sherard, em 1895, seus ensaios de juventude: “*J’ai commencé à écrire à l’âge de douze ans. Uniquement la poésie, de l’affreuse poésie*”¹³. Atribuindo essa inclinação pelos versos a um atavismo, Verne considera as extensões da poesia no plano da escrita teatral. Ele reúne os dois gêneros e afirma em entrevista à Marie A. Beloc, em 1895, a força que a arte dramática exerceu em sua geração: “*J’ai débuté ma carrière littéraire par de la poésie qui – suivant en cela la plupart des littérateurs français en herbe – s’est transformée en tragédie en cinq actes*”¹⁴.

Com a decepção diante de sua posição de escritor não reconhecido, Verne relega a poesia e o teatro em verso ao espaço de possíveis improváveis, por considerar que suas primeiras disposições para esses gêneros consagrados pelo Romantismo não se harmonizavam mais com a constituição de uma posição inovadora no campo literário. Logicamente, essa tomada de posição não está desvinculada das coerções do campo literário e da sujeição deste ao campo econômico. Após a apresentação mal sucedida da comédia em prosa *Onze jours de siège*¹⁵, em 1861, dá-se a ruptura de Verne com a carreira dramática na arte burguesa parisiense. Cabe-nos fazer, portanto, algumas observações sobre a situação do romance naquele momento, gênero no qual Verne investirá.

É comum ressaltar, na história do romance francês, sua passagem de gênero popular a gênero reconhecido pela crítica e pelo

12 VERNE, Jules. *Entretiens avec Jules Verne 1873-1905*. Réunis et commentés par Daniel Compère et Jean-Michel Margot. Genève : Slatkine, 1998, p. 214.

13 VERNE, 1998, p. 88.

14 COMPÈRE, 1998, p. 100-101.

15 Traduzido para o português por Mônica Fiuza Bento de Faria. In: *Outras viagens extraordinárias de Jules Verne*. Curitiba: CRV, 2020, p. 61.

público burguês. Antônio Candido sublinha que, até a meados do século XIX, o romance era visto com certa desconfiança junto aos homens de letras, sendo considerado uma criação menor em comparação com as artes plásticas, o teatro ou a poesia¹⁶. Considerado como arte menor, mas com apelo popular, o romance será assim caracterizado até a metade do século XIX¹⁷. Na década de 1860, entretanto, o romance já tinha sido alçado ao nível de gênero literário prestigiado e integra a esfera da literatura reconhecida pelos polos dominantes do campo literário. A respeito dessa mudança, Michel Raimond sinaliza que tudo se passa como se nos anos cinquenta do século XIX, decisivos para a história do romance, se desenvolvesse, de Balzac a Flaubert, uma “lógica interior ao romance” que, a partir da segunda metade do século, lhe confere estatuto literário às custas de certo caráter ingênuo da criação. Raimond explica que isso acontece quando o gênero abandona, especialmente com os romances de Flaubert, seu cunho popular e espontâneo, adquirindo a condição de obra de arte moderna¹⁸.

18

Auxiliado pelo desenvolvimento da imprensa, o romance se beneficiou, ainda, da difusão através do formato folhetim e do progresso da alfabetização, para aumentar seu público e diversificar seus leitores, fatos que não estão dissociados da evolução imposta pelo surgimento de estruturas editoriais para a produção e difusão de obras, depois da crise dos anos 1826-1830. Essa crise, ritmada por inúmeras falências, rompe com a era da “*librairie romantique*”, o que contribuirá para a emergência dos “novos homens para novos

16 Cf. CANDIDO, Antonio. “A timidez do romance”. In: _____. *A educação pela noite e outros estudos*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003, p. 82-99.

17 Como ressaltado por Milner e Pichois, o “maior fenômeno da história literária na metade do século é a conquista pelo romance de seu reconhecimento como gênero literário”. Cf. MILNER, Max & PICHOSIS, Claude. *De Chateaubriand à Baudelaire (1820-1869)*. Paris : Arthaud, 1990, p. 39.

18 RAIMOND, Michel. *Le roman depuis la Révolution*. 9ª ed. Paris : Armand Colin, 1988, p. 93.

tempos” – os editores, entre os quais Hetzel, que enfrentará o problema, propondo uma revitalização do mercado através da difusão do novo livro ilustrado¹⁹. Os editores, “altos barões da feodalidade industrial”²⁰, investidores no mercado de bens simbólicos, se situam em um lugar intermediário entre o campo literário e o campo econômico. O campo editorial poderia ser tratado, inclusive, como um campo à parte²¹. A vulnerabilidade a riscos financeiros permite-lhes adaptar a profissão à produção romanesca promovida, por exemplo, pelo aumento do mercado com as novas categorias de leitores que surgem com o progresso da alfabetização. Assim, novas formas literárias resultam dessa situação, levando autores a criarem suas obras com base em ideias estéticas originais, engajando-se em abordagens estratégicas, diante das diferentes categorias de editores. Essa inserção do campo editorial no sistema da comunicação literária motivou a evolução das relações entre escritores e editores, para realizarem uma personalização das associações contratuais que poderiam – e no caso de Jules Verne pôde – vincular os escritores a uma editora. Esse sucinto panorama da situação do romance e de sua relação com o campo editorial nos auxilia a avaliar as circunstâncias da futura associação entre Verne e Hetzel.

Consideramos esse encontro entre Verne e Hetzel como o resultado de duas trajetórias biográficas que se cruzam no interior do

19 Cf. MARTIN, Henri-Jean & Odile. “Le monde des éditeurs”. In : CHAR-TIER, Roger & MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'édition française; le temps des éditeurs*. Paris : Fayard, 1985, p. 176-244

20 REGNAULT, Elias. “L'éditeur”. In: CURMER, Léon. *Les Français peints par eux-mêmes*, T. II. Paris : Omnibus, 2003, p. 952.

21 Embora Jean-Yves Mollier, especialista da história da edição, não tenha sistematizado em seus trabalhos, compreendemos, na esteira de seus estudos, o campo editorial como um campo que se situa na interseção entre os campos econômico e literário. Para nós, o campo editorial é um lugar de confronto e colaboração: o editor dita coerções norteadas pela indústria e o escritor reivindica liberdade, arte e ideal. O livro surge do entendimento entre os dois.

campo literário. Enquanto conjunto de posições sucessivas ocupadas por um agente no espaço de possíveis, a trajetória permite interpretar os fatos biográficos como “posicionamentos nos diferentes estados sucessivos da estrutura na qual se distribuem os diversos tipos de capital em jogo no campo”²². É da escolha das bifurcações no caminho biográfico que podem proceder o sentido e o valor que os acontecimentos terão, como aquele da travessia dos limites que balizam a indeterminação. Queremos dizer que, se Jules Verne não tivesse fracassado na poesia e no teatro, talvez ele não tivesse tentado uma nova forma do gênero romanesco.

20 Observando a trajetória de Jules Verne, poderíamos considerar a história de seus posicionamentos no campo literário como a narrativa de uma escolha diante de uma alternativa: ela contaria um percurso no espaço de possíveis, em forma de idas e vindas, a partir da bifurcação que pode ser definida pela publicação da novela *Les Premiers navires de la marine mexicaine*, em 1851, no periódico *Musée des familles*²³.

Jules Verne relata a seu pai que, nessa primeira novela, à maneira do escritor americano James Cooper²⁴, ele conta a história de um desentendimento gerado por um oficial criminoso que, em 1825, a bordo de dois navios de guerra espanhóis, deseja vender as embarcações ao governo mexicano. No entanto, uma vez aportados, dois marinheiros fiéis a seu capitão e sua pátria, conseguem eliminar o renegado.

22 BOURDIEU, 1998, p. 425.

23 A novela foi publicada no t.8 do periódico, em julho de 1851, p. 304-312.

24 “Mon article Pitre-Chevalier n’est qu’une simple aventure que je fais passer à l’intérieur du Mexique à la façon de Cooper.” Essas correspondências são anexos da biografia editada por Olivier Dumas. VERNE, Jules. *Jules Verne : avec la publication de la correspondance inédite de Jules Verne à sa famille*. Sous la direction de Olivier Dumas. Lyon : La Manufacture, 1988, carta 30, p. 289.

Primeiro trabalho de Jules Verne publicado depois de escrever sete peças e ter somente uma encenada (*Les Pailles rompues*) – “texto-gênese” da obra verniana e não *Maître Zacharius*²⁵ como apontado por Alain Froidefond²⁶ –, essa novela seria a que define que Verne já teria tomado o caminho que lhe será produtivo em toda a carreira que se seguirá: o uso dos relatos de viagens, um dos itens previstos no gênero “romance científico”, que ele desenvolverá.

O vai e vem entre gêneros – a novela e o teatro – só cessará em 1855. Depois de *Les Premiers navires de la marine mexicaine*, de 1851, até 1855, Jules Verne ainda publica, no mesmo periódico, a novela *Un voyage en ballon*, em agosto de 1851, a comédia em um ato, *Les Châteaux en Californie, ou Pierre qui roule n’amasse pas mousse*, em junho de 1852, *Martin Paz, nouvelle historique*, em julho/agosto de 1852, a novela fantástica *Maître Zacharius ou l’horloger qui avait perdu son âme. Tradition genevoise*, em abril de 1854, e a novela *Un hivernage dans les glaces*, em março/abril de 1855²⁷.

21

25 VERNE, Jules. “Maître Zacharius ou l’horloger qui avait perdu son âme. Tradition genevoise”. *Musée des familles*, T. 21 - avril 1854, p. 193-200, mai 1854, p. 225-231.

26 Cf. FROIDEFOND, Alain. *Voyage au centre de l’horloge. Essai sur un texte-gènese “Maître Zacharius”*. Paris : Lettres Modernes, 1988.

27 A seguir, listo os textos escritos por Verne, publicados no periódico, acompanhados de suas referências: *Les Premiers navires de la marine mexicaine*, t. 8 - juillet 1851, p. 304-312; *Un voyage en ballon*, t. 8 - août 1851, p. 329-336; *Les Châteaux en Californie, ou Pierre qui roule n’amasse pas mousse*, t. 9 - juin 1852, p. 257-271; *Martin Paz, nouvelle historique*, t. 9 - juillet 1852, p. 301-313 et août 1852, p. 321-335; *Maître Zacharius ou l’horloger qui avait perdu son âme. Tradition genevoise*, t. 21 - avril 1854, p. 193-200, mai 1854, p. 225-231; *Un hivernage dans les glaces*, t. 22 - mars 1855, p. 161-172, avril 1855, p. 209-220; *À propos du Géant*, t.31 - décembre 1863, p. 92-93; *Edgard Poë et ses œuvres*, t.31 - avril 1864, p. 193-208; *Le Comte de Chanteleine - Épisode de la révolution*, t. 32 - octobre 1864, p. 1-15, novembre 1864, p. 37-51, décembre 1864, p. 73-85; *Les Forceurs de blocus*, t.33 - octobre 1865, p. 17-27, novembre 1865, p. 35-47; *Une fantai-*

No mesmo período da publicação dessas novelas, Jules Verne escreve onze textos para o teatro e terá somente dois deles encenados: as óperas-cômicas *Le Colin-Maillard* e *Les Compagnons de la Marjolaine*, que, como relatamos anteriormente, se unem ao relativo sucesso de *Les Pailles rompues*, peça em versos. As duas únicas críticas à carreira dramática de Jules Verne já encontradas dizem respeito a essas duas peças. Em janeiro de 1853, o *Mercure de France*, que entre os anos de 1835-1882 se apresentava como um complemento do *Musée des familles*, anuncia que no Théâtre-Lyrique “ensaia-se uma ópera do Senhor Vernes (*sic*) e do Senhor Ignard (*sic*) da qual se prediz o sucesso”²⁸, o que será confirmado em abril:

Prevido o sucesso de *Colin-Maillard* do nosso colaborador, o Sr. Jules Verne, nós tínhamos certeza de não estarmos enganados. *Le Colin-Maillard* obteve sucesso, com efeito. É uma das criações mais graciosas que já foram dadas à música. O Sr. Hignard, digno aluno do Sr. Halévy, preencheu essa criação com melodias ao mesmo tempo hábeis e charmosas, que todo mundo aplaudiu e que cada um repetia saindo da representação. Não conhecemos elogio mais decisivo para uma obra musical.²⁹

22

sie du docteur Ox, t. 39 - mars 1872, p. 65-74, avril 1872, p. 99-107, mai 1872, p. 133-141.

28 Anônimo. “Salons et Théâtre”. *Mercure de France*, 15 janvier au 15 février 1853, p. 9.

29 “En prédisant le succès au *Colin-Maillard* de notre collaborateur M. Verne, nous étions sûrs de ne pas être démenti. *Le Colin-Maillard* a réussi, en effet. C’est un des cadres les plus gracieux qui aient été donnés à la musique. M. Hignard, digne élève de M. Halévy, a rempli ces cadres de mélodies savantes et charmantes à la fois, que tout le monde a applaudies et que chacun répétait en sortant de la représentation. Nous ne sachions pas d’éloges plus décisif pour une œuvre musicale.” Anônimo. “Théâtres, concerts”. *Mercure de France*, 15 avril au 15 mai 1853, p. 15-16.

Em outubro do mesmo ano, o *Mercure de France* dá novamente notícias sobre as produções do Théâtre-Lyrique: “Fala-se de uma representação dos *Compagnons de la Marjolaine* do Sr. Jules Verne e Hignard, os espirituosos autores do *Colin-Maillard*³⁰.

Em 1853, há uma volta de Verne ao gênero narrativo breve. Pitre-Chevalier, diretor do *Musée des familles* à época, pede ao escritor para escrever um complemento de *L’Histoire de l’horlogerie*³¹, cuja publicação estaria prevista para início de 1854, para ocupar a rubrica “Science en famille. Mécanique”. Jules Verne concebe, portanto, a novela fantástica *Maître Zacharius ou l’horloger qui avait perdu son âme*, na qual um relojoeiro genebrino se indispõe com um ser demoníaco que bloqueia todos os seus relógios e ameaça raptar sua filha, levando-o a renegar suas convicções mais nobres e sua honestidade. A novela termina com a morte do relojoeiro e com o demônio blasfemador sendo engolido pela terra.

Em 1855, Verne publica a novela *Un hivernage dans les glaces*, sua última contribuição à revista nesse período pré-Hetzel. Trata-se de uma publicação encomendada e “remunerada” por Pitre-Chevalier³². A história narra uma expedição de salvamento de um homem desaparecido em condições heroicas nos mares nórdicos. Os personagens, equipados com peles e trenós, passam um inverno, como o título indica, aprisionados em terras geladas. No mesmo ano, o *Mercure de France*, que acompanha as novidades teatrais de

23

30 “On parle de la représentation des *Compagnons de la Marjolaine* de M. Jules Verne et Hignard, les spirituels auteurs du *Colin-Maillard*.” Anônimo. “Théâtres”. *Mercure de France*, 15 octobre au 15 novembre 1853, p. 4.

31 “L’Horloge et la montre. Histoire chronométrique”. *Musée des familles*, t. 21, février 1854, p. 129-135 et mars 1854, p. 161-168.

32 Verne faz questão de dizer que ele será “remunerado”, em carta a seu pai, em 29 de abril de 1853. Isso dá margem para pensar que não havia pagamento sistemático por suas contribuições ao *Musée des familles*. VERNE, 1988, carta 65, p. 337.

Jules Verne, informa aos leitores sobre o ensaio no Théâtre-Lyrique de “*Les Compagnons de la Marjolaine* – um ato-bijou do Sr. Jules Verne, com música do Sr. Aristide Hignard, que o *Colin-Maillard* já havia colocado no topo, e que, como todos os verdadeiros talentos, se superou, diz-se, na sua segunda obra”³³.

Ao analisarmos essas idas e vindas de Jules Verne entre o teatro e o gênero narrativo breve, podemos inferir que há uma tentativa do escritor de abandono das artes do espetáculo. O sucesso das peças que consegue levar para a cena é relativo. Ora, o único jornal que dá conta dessas apresentações é justamente o complemento daquele com o qual Verne colabora – o *Musée des familles*. Jean-Louis Mongin afirma, em seus estudos sobre o trabalho de Verne para o periódico, que as críticas positivas às peças foram publicadas anonimamente, como pudemos de fato verificar, e, portanto, não descarta a hipótese de terem sido escritas pelo próprio Jules Verne³⁴. Além disso, ele tem a comodidade de ter as peças encenadas no Théâtre-Lyrique, espaço do qual é secretário até 1855. Em suma, essas razões somadas à possibilidade de Jules Verne não ser pago pelas novelas que escreve, só as publicando no intuito de se fazer conhecer, nos levam a crer que, naquele momento de sua trajetória, Verne ainda não se vê como o “escritor” que deseja se tornar, já que, em certa medida, continua quase desconhecido dentro do campo literário.

Além dessas reflexões, a ideia de que Jules Verne deseja abandonar as artes do espetáculo poderá ser verificada no problema anunciado em uma carta a seu pai, datada de 19 de abril de 1854.

33 “*Les Compagnons de la Marjolaine* - un acte-bijou de M. Jules Verne, musique de M. Aristide Hignard, que le *Colin-Maillard* avait déjà placé si haut, et qui, comme tous les vrais talents, s’est surpassé, dit-on dans son second ouvrage.” “Théâtre, Littérature”. *Mercur de France*, 15 mars au 15 avril 1855, p. 14.

34 Cf. MONGIN, Jean-Louis. *Jules Verne et le Musée des familles*. Amiens : Encrage, 2013, p. 118.

Nela, Verne relata seu descontentamento com o teatro e seu desejo de deixar a secretaria do Théâtre-Lyrique onde trabalha. Confessa a seu pai que o acúmulo de capital social não tem ocorrido satisfatoriamente e, portanto, no que diz respeito a seu trabalho literário, ele tem estudado muito porque “percebe novos sistemas”:

[...] *Cette lettre interrompue est reprise aujourd'hui, jeudi 20, jour où je reçois la tienne : tu vois donc, mon cher père, que je t'envoie toutes sortes de renseignements. Je ne crois pas que M. Perrot me soit utile, et il n'est presque plus rien dans la direction des Beaux-Arts ; au surplus, il est facile de voir que les protections ne sont pas d'une grande utilité. Dans toutes les boutiques de théâtre, il y a une chose très vraie ; on y arrive quand on y est... j'y suis, donc. J'étudie encore plus que je ne travaille car j'aperçois des systèmes nouveaux, j'aspire avec ardeur au moment où j'aurai quitté ce Théâtre-Lyrique qui m'assomme ; j'attends la fermeture.*

25

Sur ce, je vous embrasse tous, sans distinction d'âge, ni de sexe, ni de nature (ceci est pour le chat). Quand Paul aura 5 minutes, qu'il m'écrive 5 lignes.

Ton fils respectueux.

*Jules Verne*³⁵

Por mais lacônico que Verne seja, anunciando que “percebe novos sistemas”, compreendemos que, no jogo entre a tradição e a inovação, a noção de “sistema” está associada ao “novo”. Essa aspiração à novidade condiciona as iniciativas criativas do século das revoluções, para o qual o novo é definido como um absoluto da inovação. É no século XIX que se multiplicam os movimentos literários – Romantismo, Realismo, Naturalismo e Simbolismo

35 VERNE, 1988, carta 77, p. 350.

– e os debates e conflitos característicos que trazem à literatura desse século as interrogações quanto à ontologia da própria Literatura. É essa pluralidade de “sistemas” que dá suas condições de possibilidade estéticas à gênese do campo literário, cuja estrutura organiza os lugares e as posições de acordo com polos concorrentes que regulam as lutas pela defesa das fronteiras dos modos, gêneros ou formas legítimas. Essas regras do jogo marcam os embates dos escritores que se posicionam a favor ou contra a mudança de hierarquias instituídas pela relação de força, em razão da rede de coerções que se podem infligir ao espaço de liberdade literária. Esse espaço é orientado por uma “rede de potencialidades objetivas”³⁶, na qual se revelam disposições para novos posicionamentos. Portanto, diante da problemática de um “gênero virtual”, na carta de abril de 1854, Jules Verne pôde vislumbrar a perspectiva de “novos sistemas”, no sentido de uma diversidade de escolhas possíveis entre doutrinas literárias, dentro dos limites de um contexto sócio-histórico que evoca uma abordagem de descoberta do *génie*, próprio ao desenvolvimento de seu interesse em inovar.

A esse respeito, é pertinente caracterizar o período da produção de Verne até 1855 como um momento de busca criativa, que permite localizar, em contraponto com a atividade teatral de boulevard, o interesse de Verne por gêneros narrativos breves, no caso, a novela. Mais do que um simples percurso legitimador no universo da imprensa literária, essas tentativas moldaram uma experiência mais fundamental para Verne, na medida em que levaram o escritor a refletir sobre as perspectivas possíveis para um posicionamento no campo literário.

Ao observar os títulos da produção de Verne para o *Musée des familles*, nota-se uma orientação em direção à aventura ou ao fantástico e ainda a recorrência da utilização do tema de viagem na elaboração dessas novelas, fator indicativo do desenvolvimento

36 BOURDIEU, 1998, p. 384.

de um *savoir-faire* técnico de pesquisas em relatos de viajantes. No entanto, essas novelas não apontam para a tendência de uma combinação narrativa entre tecnologia científica e ficção, da qual Jules Verne lançará mão em sua obra romanesca. Por outro lado, a colaboração do escritor para o periódico já indicaria sua posição em uma região do campo literário, que condicionará os deslocamentos de sua trajetória biográfica.

Com a ideia de difundir a “ciência em família”, Pitre-Chevalier orientava as contribuições feitas à sua revista, no sentido de uma literatura didática que deveria atender a um público tanto social quanto culturalmente diferente, isto é, leitores de diversas camadas sociais. Com o intuito de atender indistintamente a todos, o discurso “neutro” da ciência permitia promover a “arte de divertir e instruir”, subordinando a produção dos autores à lógica da utilidade das lições em família. Desse modo, tornava-se incompatível com o perfil da revista qualquer colaboração que atendesse aos preceitos da “arte pela arte”, encerrando a criação na esfera da “arte útil”. Apesar dos esforços consideráveis de reposicionamento no campo literário, o jovem novelista do *Musée des familles* terá dificuldades de emigrar do polo da arte útil.

Dentro da estrutura dual do campo literário, esse período de buscas de Verne por “novos sistemas”, anunciado na carta ao pai, só se concluirá efetivamente depois de seu encontro com Hetzel, quando se associa, em 1864, ao magazine didático-literário para jovens – o *Magasin d’Éducation et de Récréation*. Dessa afirmação – “percebo novos sistemas” –, presente na carta de Verne, depreendemos uma iniciativa de posicionamento no campo literário em um futuro indeterminado. A correspondência com sua família não traz informações que permitam confirmar que uma nova via criativa tenha sido tomada depois de sua colaboração com o *Musée des familles*, de Pitre-Chevalier.

Quando, em 1855, deixa sua função de secretário no Théâtre-Lyrique, Verne não parece aproveitar essa liberdade para se lançar nesses “sistemas”, distinguindo-se por uma criação literária original. Nesse momento de sua trajetória, o escritor não destina imediatamente um interesse ao gênero romanesco que pudesse anunciar a descoberta de uma forma nova demarcando uma distinção em seu percurso no campo literário.

Caracterizado pelos especialistas como um período de falta de fecundidade literária, os anos entre 1855 e 1861 podem ser revistos graças a três produções: a primeira, já conhecida pelos estudiosos da obra de Verne, diz respeito à elaboração dos versos da peça *Monna Lisa*; a segunda, a uma descoberta recente – ainda pouco considerada em trabalhos de pesquisa até o momento –, a publicação dos artigos críticos que Verne escreveu sobre o Salão de 1857; e a última diz respeito à escrita do romance *Paris au XX^e siècle*, nos anos de 1860-1861.

28

Essa infertilidade literária é frequentemente evocada e justificada pelo casamento de Jules Verne com a jovem viúva Honorine Deviane³⁷. Hoje, é possível afirmar que a redução a esse fato biográfico é um erro de perspectiva, e que o casamento entre o escritor e a viúva, em janeiro de 1857, não é sinal do fim do período que antecedeu a produção romanesca de Jules Verne. A duração do processo de escrita da peça *Monna Lisa* é uma das evidências. Seguindo o modelo das comédias do escritor romântico Alfred de Musset, Jules Verne escreveu e reescreveu, entre os anos de 1851 e 1855, o texto que, de maneira jocosa, dramatiza o dilema da relação entre o amor e a arte, interrogando a singularidade do “criador”, à época. A peça aponta, ao mesmo tempo, para a duplicidade das preocupações

37 Embora evocada por diversos especialistas, referimo-nos à menção que William Butcher faz na biografia de referência que escreveu sobre Jules Verne. Cf. “Tribulations of a frenchman in France: 1854-1857”. In: BUTCHER, 2006, p. 103.

socioprofissionais de Verne no campo: sua “fachada burguesa”³⁸.

A segunda produção que nega qualquer tentativa de pontuar uma lacuna literária nesse período da trajetória de Jules Verne é a existência de seu trabalho como articulista para o jornal *Gazette des Beaux-Arts*, em que critica o Salão de 1857. Ano dos processos de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e de *As Flores do mal*, de Charles Baudelaire, ambos vítimas de censura, acusados de intentar contra a moral pública, religiosa e os bons costumes, 1857 é o período em que Verne investe em um gênero nunca antes testado por ele: a crítica de arte. Isolada dentro de sua trajetória no campo, a crítica ao Salão de 1857, publicada na rubrica “Tribune de artistes” do jornal referido acima, não é aleatória em sua carreira. Na perspectiva do campo, sabemos que o escritor está construindo seu próprio projeto criador, em função de sua percepção das possibilidades estéticas disponíveis, oferecidas pelas categorias de percepção e de apreciação (“novos sistemas”), inscritas em seu *habitus* por sua trajetória e também em função da propensão a acolher ou recusar tal ou qual desses possíveis, que os interesses associados à sua posição no jogo lhe inspiram³⁹. Assim, esses seis artigos críticos publicados em dias diferentes podem ser tomados ao mesmo tempo como um distanciamento dos gêneros aos quais Verne já havia se dedicado e uma nova tentativa de entrada no campo literário, testando mais um “novo sistema” – o gênero cuja criação atribui-se a Diderot.

Reportando-nos àquele momento, depois da renúncia de alguns gêneros (teatro, poesia e novela), o escândalo que envolveu

38 Evocamos aqui a expressão de Jean Chesneaux, extraída de sua leitura política sobre Jules Verne, arrolada na bibliografia CHESNEAUX, Jean. *Une lecture politique de Jules Verne*. Paris: Maspero, 1971. Na perspectiva sócio-analítica do campo literário que propomos na pesquisa, a expressão cunhada por Chesneaux nos permite apontar para a evolução do itinerário biográfico de Jules Verne, do ponto de vista social.

39 Cf. BOURDIEU, 1996, p. 64.

Madame Bovary, de Flaubert, pode ter reforçado o interesse de Jules Verne em investir no gênero romance, em uma visada crítica da instituição social, como se fosse um desafio. A reconstituição cronológica do processo de escrita de Jules Verne nos mostra que, depois da peça *Monna Lisa*, nunca encenada, e da publicação dos textos que surgem da observação de obras de arte, situando-se entre o literário e o pictural, Verne não só se aproxima do romance, como transforma sua literatura em crítica da instituição social como um todo, no momento em que, depois das desilusões sobre as chances de deslanchar no mundo do teatro burguês e das publicações esporádicas das novelas, intenta contra o mercantilismo tecnológico do Segundo Império, escrevendo, em torno de 1860-1861, o romance panfletário *Paris au XX^e siècle*.

30

O período ao qual se atribui essa esterilidade literária de Verne é, na verdade, um momento de (re)posicionamentos no campo e de afirmação do caráter irrevogável de sua vocação literária. Desde 1856, diante das dificuldades financeiras que enfrenta depois de sair da secretaria do teatro, em cartas a seu pai Verne debate unicamente sobre seu talento, cujo reconhecimento acha provável, já que trabalha incessantemente sua escrita:

[...] *Il est moins question que jamais d'abandonner la littérature ; C'est un art avec lequel je me suis identifié et que je n'abandonnerai jamais. [...] Non ! J'en reviens à ceci, j'ai du temps et de l'activité à utiliser ! Profitons-en ! Si j'ai du talent littéraire, je le verrai bien, et j'arriverai forcément car jamais je ne cesserai de travailler ces œuvres qui me séduisent d'autant plus qu'elles deviennent sérieuses*⁴⁰.

Tu parles de découragement littéraire ; eh bien, je te jure

40 Carta a seu pai, em 29 de maio de 1856. VERNE, 1988, Carta 115, p. 400-401.

*qu'il n'existe pas ; je vois seulement qu'une situation littéraire ne peut être faite que par ce temps de ponte et d'éclosion perpétuelles, avant l'âge de 36 ans au moins*⁴¹.

Em suma, visto o caráter único da crítica ao Salão de 1857 na trajetória de Verne no campo literário, podemos afirmar que, embora não haja uma tendência do escritor para um investimento contínuo nesse gênero, é possível verificar relações com sua obra romanesca. Já sua produção novelística para o *Musée des familles*, além de ter sido mais duradoura em comparação à crítica de arte, funciona como um período de aquisição de *savoir-faire* técnico para Jules Verne. A necessidade de se documentar para escrever suas novelas o levou a frequentar bibliotecas ricas em informações históricas, geográficas e científicas. Despertando uma atração pela veia enciclopédica, essas pesquisas provocaram em Jules Verne uma reavaliação do uso de documentos na escrita literária, que contribuiu para direcionar seu trabalho para a constituição de uma reserva de conhecimentos sobre os mais diversos temas científicos, servindo-se da tendência do século, de compilação do conhecimento em dicionários, enciclopédias e na imprensa de vulgarização científica.

Na medida em que o discurso enciclopédico é atravessado por uma linguagem especializada, afirmamos que Verne pôde aproveitar a acumulação desse conhecimento técnico, o que lhe permitiu, mais tarde em sua carreira, detectar as virtudes estilísticas quando as exigências do didatismo hetzeliano o levaram a fazer listas e a usar nomenclaturas genéricas ou específicas para falar de descobertas ou, simplesmente, descrever espaços ou coisas. Concluímos que sua aptidão em manejar as informações extraídas de documentos técnicos e científicos contribuiu para instaurar sua reputação de “*savant*”, interessante aos olhos de seu futuro editor, e que, portan-

41 Carta a seu pai, em 9 de julho de 1856. VERNE, 1988, Carta 120, p. 408.

to, sua contribuição ao periódico *Musée des familles* não se limitou unicamente a lhe ensinar as técnicas do gênero narrativo breve.

Após suas contribuições para o periódico e sua atividade pontual como crítico de arte, Jules Verne investirá no romance. Passar da novela ou da crítica de arte para o romance supõe uma mudança de posicionamento no campo literário, mas o escritor não pôde vislumbrar um investimento nesse gênero, sem ter tido uma ideia literária que orientasse seu projeto estético-criativo. Para alcançar o domínio de sua atividade de escrita, foi necessário, para Verne, articular um encontro com alguém que revelasse o romancista a ele próprio. No entanto, antes do encontro com o editor Hetzel, Verne já se interessara pela narrativa romanesca, por mais de dez anos como errante no campo literário, desde que se deparou com a obra de Edgar Allan Poe.

32

Em 1861, ocorre um retorno de Verne ao gênero breve: ele publica *À propos du Géant*, novela baseada no voo do balão de Félix Nadar em Paris, e, em 1862, Charles Wallut, diretor do *Musée des familles* à época, anuncia a publicação na revista de um longo artigo crítico de Jules Verne sobre a obra de Poe. Efetivamente publicado em abril de 1864, o artigo é a única contribuição dentro do gênero da crítica literária que Verne possui em sua obra⁴². A elaboração desse texto institui, dentro de uma trajetória biográfica instável, um marco determinante que aponta para o posicionamento ulterior de Verne no campo literário, em direção ao romance científico.

Mesmo que as traduções das *Histórias extraordinárias*, *As novas histórias extraordinárias* e *As aventuras de Gordon Pym*, feitas por Charles Baudelaire, tenham sido publicadas por Michel Lévy em 1856, 1857 e 1858, respectivamente, não significa que Verne tenha se interessado por esses livros no momento de sua primeira difusão. Foi entre os anos de 1861 e 1862 que Jules Verne parece

42 VERNE, Jules. “Edgard Poe et ses œuvres”. *Musée des familles*, t. XXXIe, n° 7, avril, 1864. O artigo crítico pode ser consultado em sua integralidade em: <http://jv.gilead.org.il/almasty/aepoe/>.

ter se interessado pelo universo imaginário da obra de Edgar Allan Poe, quando recebe a encomenda do artigo crítico, por Wallut. O interesse em Poe e a elaboração do artigo coincidem ainda com um possível início da escrita de *Voyage en l'air*, romance que será submetido a Hetzel em 1862 e será publicado em 1863 sob o título *Cinq semaines en ballon*.

A partir do ano de 1857, a atenção à obra de Poe entra em uma fase de depressão na França, em função do efeito que a crítica burguesa arquiteta contra Charles Baudelaire, com o escândalo provocado pelo processo de *As Flores do Mal* – a reputação do artista americano é associada à de Baudelaire. Léon Lemonnier sinaliza que é somente em 1862 que o escritor americano ganha novamente popularidade⁴³, da qual o mercado editorial se aproveitará, inclusive P.-J. Hetzel, lançando os *Contes inédits*, traduzidos por W. L. Hughes⁴⁴. O anúncio de publicação do artigo “Edgard Poë et ses oeuvres” deve ser situado, portanto, no contexto de um renovado interesse do público e do mercado editorial pela figura literária de Poe, que tinha sido associada à de Baudelaire e, portanto, vilipendiada moral e socialmente. A esse respeito, no *incipit* de seu ensaio crítico, Jules Verne dissocia o “homem” da “obra”; Verne opõe a assinatura da obra que identifica a singularidade do escritor na esfera literária à fama em torno de Edgar Allan Poe enquanto “autor”, permitida pela circulação de seu nome na crítica francesa:

Voici mes chers lecteurs un romancier de haute réputation ; vous connaissez son nom, beaucoup sans doute, mais peu ses ouvrages. Permettez-moi donc de vous raconter l'homme et son œuvre ; ils occupent tous les deux une place importante dans l'histoire de

43 Cf. LEMONNIER, Léon. *Edgar Poe et la critique française de 1845 à 1875*. Paris : PUF, 1928, p. 194.

44 POE, Edgar Allan. *Contes inédits*. Trad. de W. L. Hughes. Paris: Hetzel, 1862. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2558853/f1.item>.

l'imagination, car Poe a créé un genre à part, ne procédant que de lui-même, et dont il me paraît avoir emporté le secret ; on peut le dire chef de l'Ecole de l'étrange. [...] Je vous dirai tout d'abord qu'un critique français, M. Charles Baudelaire, a écrit, en tête de sa traduction des œuvres d'Edgard Poe, une préface non moins étrange que l'ouvrage lui-même. [...] M. Charles Baudelaire était digne d'expliquer l'auteur américain à sa façon, et je ne souhaiterais pas à l'auteur français d'autre commentateur de ses œuvres présentes et futures qu'un nouvel Edgard Poe. A charge de revanche ; ils sont tous deux faits pour se comprendre. D'ailleurs, la traduction de M. Baudelaire est excellente, et je lui emprunterai les passages cités dans ce présent article⁴⁵.

34 Para o Jules Verne de 1862, na iminência de conhecer seu futuro editor, não há ainda nenhuma preocupação evidente em escrever uma poética do extraordinário, como fez Poe, sobre a qual poderia se basear o romance científico. No entanto, afirmamos que é dessa leitura de Poe que Jules Verne extrai motivação para investir no gênero romanesco, de maneira a inovar, elegendo uma associação entre arte e ciência através do interdiscurso. Não nos causa estranheza, assim, que, dessa leitura de Edgar Allan Poe, advenha um reforço no investimento de Verne no relato de viagem enquanto gênero.

No contexto europeu do século XIX, as representações geográfica e etnográfica do globo terrestre procuram a legitimidade do gênero literário, na arte de narrar a viagem, que oscila entre dois polos: o relato autêntico da pesquisa científica e o divertimento literário cuja “verdade” só pode ser preservada por uma ficção geográfica verossímil. As viagens que Verne escreverá serão o exemplo da ficcionalização de relatos de viagem. O autor que, depois de sua leitura de Poe, reavalia o potencial de renovação que o insólito do escritor americano pode trazer para a tradição da viagem imaginária,

45 VERNE, 1864, s.p.

equilibra o relato de viagem com uma verossimilhança ficcional e toma para si a postura enunciativa do escritor-viajante, que guiará sua futura obra.

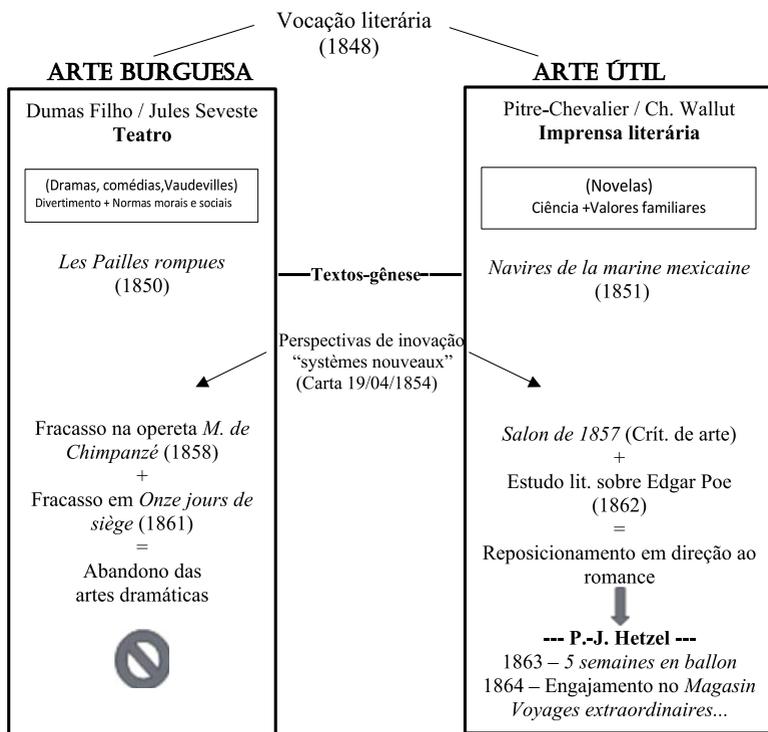
Com a criação de *Voyage en l'air*, Verne estreia como um romancista que, entre outros, se debruçou sobre o material da novela de Poe. Surge, pela primeira vez, uma montagem ficcional que excede o capital de experiência adquirido no gênero breve quando escrevia para o *Musée des familles*. Para esse romance, Verne se vale de três fórmulas-tema gerais. A fim de explorar o interdiscurso com a ciência, o primeiro interesse é pelo tema do balonismo, alimentado tanto pelos acontecimentos da época quanto pela falsa história de Edgar Allan Poe: *Le Canard au ballon (The Balloon hoax)*, de 1844. Em seguida, apropriando-se dos relatos de viagem, Verne funde dados históricos e científicos, transformando-os em romance de aventura. Por fim, ambientando o romance no norte da África das explorações e das expedições coloniais, o romancista dispõe de vasto material para conceber uma renovação do romance, na forma pedagógica da telemaquia, aquela em que o personagem amadurece ao longo da viagem: *Cinq semaines en ballon*.

Desde a declaração a seu pai sobre a irrevogabilidade de sua vocação literária, a trajetória biográfica de Verne mostra que a escolha do romance não se impôs de imediato a seu julgamento estético, como investimento genérico mais adequado à sua intenção de inovar, como foi declarado na carta de 1854. Essa tomada de posição se dá *pari passu* com o “envelhecimento social”, que as indeterminações do postulante à profissão de escritor contribuíram a constituir através dos dez anos de busca de capital simbólico⁴⁶. Os posicionamentos e reposicionamentos de Jules Verne no campo literário, desde os anos de 1850, são condicionados por questões estéticas, mas igualmente pelas coerções do campo econômico. Eles desembocam e

46 Cf. BOURDIEU, 1996, p. 81 e 292

coincidem, em 1862, com o encontro com Hetzel. Este, por sua vez, explorará um aspecto que Verne já desenvolvia embrionariamente e lhe foi apresentado na forma do romance *Voyage en l'air*. Na trajetória apresentada aqui, Jules Verne não é, portanto, “inventado” por seu editor, o que não diminui a importância desse encontro em sua carreira. No entanto, é somente a partir dele que Verne disporá das condições necessárias para se tornar o “escritor” que almeja ser. O esquema a seguir é uma síntese da cronologia dessa trajetória:

36



A síntese acima nos permite melhor visualizar duas evidências: a primeira trata do vai e vem de Jules Verne entre gêneros, dado evidenciado pelas datas, expondo e ilustrando as tentativas

de Verne de entrada no campo literário; a segunda diz respeito à via da “arte útil” que, desde o “início”, se apresentou como mais propícia aos investimentos de uma carreira de sucesso. Em 1862, portanto, a redação do ensaio crítico “Edgard Poe et ses oeuvres” pode ter motivado Jules Verne a percorrer a esfera literária como romancista, inovando com uma forma de combinação entre ciência e narrativa ficcional, vinculada a um imaginário geográfico moldado pela experiência da viagem e sua narrativa.

Embora não tenha sido alocado no esquema acima, por não ter sido publicado, o romance *Paris au XX^e siècle* tem um lugar importante na trajetória de Jules Verne. Se *Voyage en l'air* é um romance com cujos gênero e temas o escritor já se apresenta “tal como será”, é o manuscrito que o precede, *Paris au XX^e siècle* (1860-1861), que marcará o reposicionamento de Verne em direção ao romance. Em suma, queremos dizer que o novo investimento genérico, ocorrido em torno de 1860, se impõe a Verne em função das coerções do campo; e a confirmação dos aportes estéticos – as narrativas de viagem, o insólito e o extraordinário – teria a marca da leitura de Poe, em torno de 1862.

Não resta dúvida de que a iniciativa de Flaubert de escrever um “livro sobre nada”⁴⁷, que resulta em um primeiro momento em *Madame Bovary*, somada à publicidade de seu processo em 1857 são fatores que contribuem para uma revolução romanesca, pela proposta de combinação inovadora entre a dignidade da forma e a mediocridade do assunto, produtora de novos esquemas de pensamento sobre as possibilidades criativas do gênero. Queremos

47 “O que me parece belo, o que gostaria de fazer, é um livro sobre nada, um livro sem vínculo exterior, que se cumprisse (ou conservasse) por si mesmo, pela força interna do seu estilo.” Gustave Flaubert em correspondência com Louise Colet. FLAUBERT, Gustave. *Correspondance*, T. II. Carta de 16 de janeiro de 1852. Paris : Louis Conrad Libraire-Editeur, 1926-1933, p. 342-348.

acreditar que existe uma relação entre esses acontecimentos que movimentaram o campo literário francês no final da década de 1850 e o investimento de Verne no romance. Não queremos afirmar que, por esse ângulo, Jules Verne teria entrado em contato com os preceitos da “Arte pela arte”; ao contrário. As discussões em torno do gênero romanesco à época só reforçaram a tendência romântica “anacrônica”, por assim dizer, em Jules Verne, quando escreve *Paris au XX^e siècle*, romance panfletário no qual prevê a ausência de espaço para as artes, sobretudo para a literatura romântica, depois do pernicioso desenvolvimento tecnológico e científico do século XIX.

38 A discussão em torno da obra de Flaubert, em 1857, como acontecimento importante no campo literário, indicaria para Verne a confirmação das mudanças que aconteciam e a perda de espaço do Romantismo, sobretudo se somado à morte de Alfred de Musset naquele mesmo ano, um dos expoentes da escola romântica e modelos para Verne. *Paris au XX^e siècle* se configura na trajetória do escritor, portanto, como um romance de despedida da escola romântica, à qual nunca conseguiu se afiliar concretamente, e uma abertura ao “novo sistema” que se apresenta: *Voyage en l’air*, intitulado em sua publicação, em 1863, *Cinq semaines en ballon*.

De fato, a inovação de *Voyage en l’air* ia modificar a posição literária de Verne, na medida em que o ato de batismo desse novo sistema engajava duravelmente sua trajetória com sua admissão no círculo restrito de uma editora parisiense, alocando-o em uma região precisa do campo literário. Essa responsabilidade caberá às negociações e aos acordos entre o editor P.-J. Hetzel e o escritor, depois do sucesso de *Cinq semaines en ballon*. Se esse encontro com o editor tem o valor de um acontecimento biográfico importante na trajetória de Verne, é primeiramente porque Hetzel soube persuadir o jovem romancista, que ambicionava ser reconhecido como escritor, usando de sua autoridade conferida pelo capital simbólico acumulado, quando o contrata para publicar romances visando um público ávido

pela ciência vulgarizada, através da ficção romanesca. Contratos e coerções editoriais constituem somente uma contrapartida desse posicionamento, mas é, ao mesmo tempo, garantia de segurança profissional para Jules Verne. A ambição romanesca do escritor permitirá assegurar a coerência do projeto ideológico de uma literatura não exclusiva, mas voltada para crianças e jovens, constituído pelo lançamento do *Magasin d'Éducation et de Récréation*, em 1864.

Tratando-se de um engajamento contratual na linha dos romances de aventura, o encontro entre Hetzel e Verne só reitera o provérbio francês que estava no espírito do editor, do escritor e do público que o comprava e o lia: *les voyages forment la jeunesse*.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. “L’invention de la vie d’artiste”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 1, n^o 2, 1975.

_____. *Les règles de l’art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1998 (1992).

BUTCHER, William. *Jules Verne; The definitive biography*. New York: Thunder’s Mouth Press, 2006.

CANDIDO, Antonio. “A timidez do romance”. In: _____. *A educação pela noite e outros estudos*. 3^a ed. São Paulo: Ática, 2003.

CHARTIER, Roger & MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l’édition française ; le temps des éditeurs*. Paris : Fayard, 1985.

CHESNEAUX, Jean. *Jules Verne, une lecture politique de Jules Verne*. Paris : Maspero, 1971.

FLAUBERT, Gustave. *Correspondance*, T. II. Paris : Louis Conrad Libraire-Editeur, 1926-1933.

FROIDEFOND, Alain. *Voyage au centre de l’horloge. Essai sur un texte-genèse “Maître Zacharius”*. Paris : Lettres Modernes, 1988.

HEINICH, Nathalie. *Être écrivain*. Paris : La découverte, 2000.

LEMONNIER, Léon. *Edgar Poe et la critique française de 1845 à 1875*.

Paris : PUF, 1928.

MILNER, Max & PICHOS, Claude. *De Chateaubriand à Baudelaire (1820-1869)*. Paris : Arthaud, 1990.

MONGIN, Jean-Louis. *Jules Verne et le Musée des familles*. Amiens : Encrage, 2013.

POE, Edgar Allan. *Contes inédits*. Trad. de W. L. Hughes. Paris : Hetzel, 1862.

POURVOYEUR, Robert. “Jules Verne aux Bouffes-Parisiens”. *Bulletin de la Société Jules Verne*, vol. spécial théâtre n^o1, n^o 57, 1^{er} trim, 1984.

_____. “Les trois opéras-comiques de Verne”. *Bulletin de la Société Jules Verne*, vol. 18, n^o 70, 2^{ème} trim., 1984a.

_____. “Jules Verne, écrivain de théâtre ou romancier dramatique ?”. *Bulletin de la Société Jules Verne*, vol. 18, n^o 70, 1^{er} trim., 1984b.

RAIMOND, Michel. *Le roman depuis la Révolution*. 9^a ed. Paris : Armand Colin, 1988.

40 REGNAULT, Elias. “L’éditeur”. In: CURMER, Léon. *Les Français peints par eux-mêmes*. T. II. Paris: Omnibus, 2003.

SANTOS, Edmar Guirra dos. A trajetória de Jules Verne; a arte, o escritor e seu editor. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2016.

VERNE, Jules. “Maître Zacharius ou l’horloger qui avait perdu son âme. Tradition genevoise”. *Musée des familles*, T. 21 - avril 1854.

_____. “À propos du Géant”. *Musée des familles*, vol. 31, n^o 3, décembre 1863.

_____. “Edgard Poë et ses œuvres”. *Musée des familles*, T. XXXI^e, n^o 7, avril, 1864.

_____. *Jules Verne : avec la publication de la correspondance inédite de Jules Verne à sa famille*. Sous la direction de Olivier Dumas. Lyon : La Manufacture, 1988.

_____. *Poésies inédites*. Sous la direction de Christian Robin. Paris : Le cherche midi, 1989.

_____. *Entretiens avec Jules Verne 1873-1905*. Réunis et commentés par Daniel Compère et Jean-Michel Margot. Genève : Slatkine, 1998.

_____. *Correspondance inédite de Jules Verne et de Pierre-Jules Hetzel (1863-1886)*. Tome I (1863-1874). Établie par Olivier Dumas, Piero Gondolo Della Riva & Volker Dehs. Genève : Slatkine, 1999.

Parte 2

A volta ao mundo em 80 dias¹

Peça em 5 atos e um prólogo

Adolphe d'Ennery e Jules Verne

Apresentada pela primeira vez no Teatro da Porte de Saint Martin,
Paris, 7 de novembro de 1874

*“Sempre gostei muito dos palcos e de tudo relacionado à arte
teatral. Uma das maiores alegrias da minha vida de escritor foi
ver vários romances meus terem sucesso no palco de um teatro.”*

(Jules Verne)

PERSONAGENS

42

FLANAGAN, STUART, RALPH, SULLIVAN (membros do Clube dos Excêntricos)

PASSEPARTOUT (empregado do Clube e, depois, de Phileas Fogg)

MARGARET (lavadeira do Clube)

PHILEAS FOGG (gentleman inglês e membro do Clube dos Excêntricos)

MUSTAPHA (governador de Suez)

FIX (policial e investigador do roubo no Banco da Inglaterra)

ARCHIBALD CORSICAN (cidadão americano, cujo único desejo era ser admitido no Clube)

AOUDA (viúva do rajá)

NAKAHIRA (escrava malaia)

UM PARSI

CHEFE DOS BRÂMANES

NEMEA (irmã de Aouda)

¹ Tradução de Mônica Fiuza Bento de Faria

MAGISTRADO, DOIS POLICIAIS
JOVEM MALAIA
UM TABERNEIRO
DOIS OPERÁRIOS
CHEFE PAWNEE, ÍNDIOS PAWNEE
SARGENTO, SOLDADOS AMERICANOS
CAPITÃO (do Henrieta)
CONTRAMESTRE, MESTRE, MARINHEIROS
MAQUINISTA, AJUDANTES, FUNCIONÁRIOS, VIAJANTES

PRÓLOGO

Primeiro Quadro

No palco, um salão de leitura e de jogos, do Clube dos Excêntricos, em Londres, com dois salões laterais. Sofás, cadeiras e poltronas. Mesa de jogo em primeiro plano. No centro, mesa oval coberta de jornais. Lareira acesa à esquerda. É inverno. Relógio de parede. Decoração aconchegante, mas sem luxo.

CENA I

FLANAGAN, STUART, RALPH (se aquecendo e olhando revistas e jornais), PASSEPARTOUT

RALPH - Senhores! E nossa nova sede, quando será comprada?

44 FLANAGAN - Sede, meu caro Ralph? Nosso palácio!

RALPH - Concordo, palácio! É detestável para os *gentlemen* que fundaram o Clube dos Excêntricos de se reunir aqui, um lugar miserável.

STUART - Ralph tem razão. Como? Comemos, bebemos, descansamos, vivemos, claro, como todo mundo. Que a velha Inglaterra nos perdoe, mas há em Londres comerciantes de algodão e cervejeiros mais excêntricos do que nós. Vejam o açougueiro Mordisson, depois de vender sua carne na cidade, sobe em sua carroça de quatro cavalos, com os braços nus, o avental na cintura, e volta para sua casa em Piccadilly. Eis aí um açougueiro excêntrico!

FLANAGAN - Mas nem todo mundo pode ser açougueiro.

RALPH - Não! Nós devemos nos distinguir de todo mundo.

FLANAGAN - Fique tranquilo, meu caro Ralph! No nosso novo palácio, você não terá motivos para reclamar, no que diz respeito às instalações.

STUART - Ele custará dez milhões. Só isso já é excêntrico!

RALPH - Somos cinquenta para pagar por essa fantasia!

STUART - Ele estará pronto?

FLANAGAN - Daqui a três meses. Os tapeceiros já estão trabalhando.

STUART (*surpreso*) - Tapeceiros? Teremos tapetes?

FLANAGAN - Claro, temos assoalho!

STUART - E as cortinas?

FLANAGAN - Sim, pois temos janelas!

STUART - Temos teto, portas e escadas! Aposto que teremos escadas!

FLANAGAN - Provavelmente.

STUART (*impressionado*) - Com degraus!

FLANAGAN - Com degraus, claro! Mas que diabo! Apesar de excêntricos, é necessário janelas para enxergar com claridade, portas para entrar nos quartos e escadas para subir até eles!

STUART - Sim, sim, é claro! Mas esses degraus... tão incômodos!

RALPH - E daremos uma festa para inaugurar esse palácio?

FLANAGAN - Sim, um baile excêntrico precedido de um jantar de cento e cinquenta mil francos.

STUART - Sem vinho.

FLANAGAN - Provavelmente! Inclusive, vamos nomear uma comissão para escolher o cardápio.

RALPH - A propósito, senhores, decidimos alguma coisa a respeito do pedido de admissão do cidadão americano Archibald Corsican?

FLANAGAN - Seus títulos não nos pareceram corretos o suficiente, e de acordo com o parecer de nosso colega Phileas Fogg, o pedido deve ser indeferido. (*nesse momento a porta ao fundo se abre e Passepartout aparece*)

PASSEPARTOUT (*com voz grave*) - O jantar está servido.

STUART - Ah, jantar! Como todo mundo!

RALPH (*pegando Ralph pelo braço*) - Mas, pelo menos, foram buscar o gelo do lago Erié²?

2 O lago Erie é um dos cinco Grandes Lagos. Com uma área de 25 745 km², é o 13º maior lago do mundo, em extensão territorial. Limita-se ao norte com a província canadense de Ontário e ao sul com os estados americanos

PASSEPARTOUT (*sério*) - Sim, em vossa honra! Trouxeram da ponta sudeste do lago, onde o gelo é de melhor qualidade! (*os membros do clube saem pela porta de trás e Passepartout se abandona em um sofá*)

CENA II

PASSEPARTOUT, MARGARET

PASSEPARTOUT - Servir um excêntrico, vá lá, mas cinquenta! Não aguento mais! Digo excêntricos, mas se esses *gentlemen* fossem realmente excêntricos, não seriam eles que deveriam servir os empregados, arrumar nossos quartos, passar nossas roupas?

MARGARET (*olhando pela porta à direita*) - Tem alguém aí?

PASSEPARTOUT - Tem sim, eu.

46 MARGARET - Posso entrar?

PASSEPARTOUT - Senhorita Margaret, seu lugar é na lavanderia. O que quer aqui?

MARGARET - Vim perguntar, senhor Passepartout, se definitivamente o senhor quer ou não quer que eu seja sua esposa.

PASSEPARTOUT (*levantando-se do sofá e sentando-se em uma poltrona*) - Não quero!

MARGARET - Mas você me prometera...

PASSEPARTOUT - Evasivamente, minha cara.

MARGARET - Eu não lhe agrado?

PASSEPARTOUT - Agrada sim.

MARGARET - Eu não seria uma boa esposa?

PASSEPARTOUT - Excelente!

MARGARET - O senhor é um corajoso francês e eu, uma corajosa inglesa!

PASSEPARTOUT - Mesmo que fosse chinesa, diria não. Escute

de Nova Iorque, Ohio e Pensilvânia.

(*levantando-se*) Até agora, tenho uma existência mais ou menos agitada: um serviço aqui, outro lá. Tive vinte empregos e nenhum bom, percorri vinte países sem me fixar em nenhum. Ora, estou cansado, exausto, desanimado e decidido a me repousar.

MARGARET - Pois, então, vamos nos esposar.

PASSEPARTOUT - Eu disse me repousar!

MARGARET - E então?

PASSEPARTOUT - Quero criar raízes em algum lugar, em um bom terreno bem localizado.

MARGARET - Exatamente! O bom terreno... olha eu aqui... bem localizada.

PASSEPARTOUT - Bem localizada demais! Não sou mais um tronco, ou melhor, não sou mais de ferro como devem ser os maridos. Inclusive, vou embora do Clube.

MARGARET - Vai embora do Clube?

PASSEPARTOUT - Vou! Atender a todos os toques de campanha está além de minhas forças. Tem trabalho demais. Preciso de algo excepcional.

MARGARET - E já encontrou?

PASSEPARTOUT - Sim, encontrei.

MARGARET - Verdade? Onde?

PASSEPARTOUT - Na casa do senhor Phileas Fogg.

MARGARET - Ah, esse *gentleman* que vem regularmente, todos os dias, na mesma hora, no mesmo minuto, que entra por esta porta, queda três passos, que dá o chapéu à direita, sua bengala à esquerda e seu sobretudo. Que senta lá, que coloca suas mãos assim e seus pés assim, e fica imóvel até que alguém traga seu jornal? Um robô.

PASSEPARTOUT - Pois é, não me importo de servir a um robô.

MARGARET - É um homem de molas, que toda manhã precisa ser reajustado.

PASSEPARTOUT - Ficarei encarregado dos reajustes e apertos!

MARGARET - Pensei que ele tivesse um empregado, um tal John Forster.

PASSEPARTOUT - Ou seja, John Forster tinha um patrão, mas eu o comprei.

MARGARET - Comprou?

PASSEPARTOUT - Sim, procurei John Forster e lhe disse: quanto quer por seu patrão? Mil francos, ele respondeu. Que tal quinhentos? Propus, mas ele não aceitou, pois seu patrão vale mais. Ofereci oitocentos e ele aceitou porque era eu que pedia. Dei-lhe, então, oitocentos francos. Gastei todas as minhas economias, mas tenho o *gentleman* que precisava.

MARGARET - E John Forster?

PASSEPARTOUT - John Forster arranjou um jeito de ser dispensado. Não foi justo em relação ao senhor Fogg, que não se perturba facilmente. Forster negligenciou as roupas, o senhor Fogg não disse nada. Forster quebrou dois espelhos, o senhor Fogg não disse nada. Desesperador! Felizmente, hoje de manhã, Forster levou água para o senhor Fogg fazer a barba. O senhor Fogg chamou Forster e lhe disse calmamente: “John, ficamos combinados que água para minha barba deveria ter trinta e cinco graus no inverno. A água que me trouxe tem trinta e quatro! A partir deste momento, onze horas e dezessete minutos, você não trabalha mais para mim”. Foi assim que o fleugmático *gentleman* se tornou meu.

MARGARET - E se você não gostar dele, Passepartout?

PASSEPARTOUT - Ele me convém, isso é suficiente, Margaret.

MARGARET - Então está decidido?

PASSEPARTOUT - O quê?

MARGARET - Você não me quer como sua esposinha, Passepartoutzinho?

PASSEPARTOUT - Não, Margaret. Passepartoutzinho não viverá uma situação desagradável.

MARGARET - Passepartout! Passepartout! Vou ficar zangada!

PASSEPARTOUT - Pode ficar zangada.

MARGARET - Ofereceram-me um trabalho na América. Vou para a América.

PASSEPARTOUT - Boa viagem!

MARGARET - Estão tocando.

PASSEPARTOUT - Meu patrão.

MARGARET - Seu futuro patrão.

PASSEPARTOUT - Não. Já paguei por ele, ele é meu! *(levanta-se)*

CENA III

PASSEPARTOUT, MARGARET, FOGG

(Fogg entra pela direita, anda automaticamente, senta-se perto da mesa dos jornais, corpo ereto, cabeça altiva, os dois pés juntos como um soldado; pega um jornal e começa a ler)

PASSEPARTOUT *(observando Fogg)* - Que obra prima da precisão! Está bem lubrificado! Funciona muito bem!

MARGARET - Admirável! Admirável!

PASSEPARTOUT *(aparte)* - Agora, trataremos do assunto. *(falando alto)* Senhor, sou seu novo criado.

FOGG - Você é francês e você se chama John?

PASSEPARTOUT - Jean, se o senhor assim quiser. Jean Passepartout, um apelido que ficou e justifica minha atitude natural em lidar ou enfrentar diferentes situações.

FOGG - Conhece minhas condições?

PASSEPARTOUT - Sim, senhor.

FOGG - Muito bem! Que horas são?

PASSEPARTOUT *(pegando um enorme relógio de bolso, estilo oignon, de seu bolso)* - Seis horas e quarenta e sete minutos.

FOGG - Está atrasado.

PASSEPARTOUT - Perdoe-me, é um relógio antigo.

FOGG - Está atrasado quatro minutos. Pouco importa, é necessário lembrar da diferença. A partir deste momento, seis horas e cinquenta e um minutos, da noite de quinta-feira, três de outubro de 1872, você está a meu serviço. Vamos. *(nesse momento, Fogg abre o jornal e desaparece atrás das imensas folhas)*

PASSEPARTOUT - Estou às suas ordens, senhor... *(aparte)* Enfim, tranquilidade e certeza de me repousar indefinidamente.

CENA IV

FOGG, FLANAGAN, STUART, RALPH, SULLIVAN, OUTROS MEMBROS DO CLUBE *(entram pela porta dos fundos)*

STUART - E então, meu caro Sullivan, o que se sabe sobre esse caso do roubo de dois milhões, acontecido há quinze dias no Banco da Inglaterra? Você é o governador, deve poder nos informar sobre o caso.

RALPH - Temo que o banco não recupere o dinheiro.

SULLIVAN - Ao contrário, espero que, cedo ou tarde, se descubra o autor do roubo. Inspetores da polícia, bem hábeis, foram enviados a Liverpool, Glasgow, Havre, Suez, Brindisi, Nova York, e há oito dias a polícia metropolitana enviou uma descrição de dois indivíduos, bem vestidos, bem apessoados, que foram vistos, indo e vindo, na sala de pagamentos do banco, no mesmo dia do roubo.

RALPH - Descrição! Todas as descrições se parecem.

SULLIVAN - Em todo caso, é certo que há alvoroço e muito zelo dos detetives, pois o Banco da Inglaterra ofereceu uma recompensa de dez por cento da soma recuperada.

STUART - Duzentos mil francos, se dois milhões forem recuperados! Meu deus! Acho que seria um tanto excêntrico procurar o ladrão, se valesse a pena.

FLANAGAN - Primeiramente, não é um ladrão.

SULLIVAN - Como assim? Um indivíduo que se apossa de dois

milhões de bilhetes de banco não é um ladrão?

FLANAGAN - Não. É um industrial.

FOGG (*por trás de seu jornal*) - O *Times* afirma ser um *gentleman*.

STUART - Quem está falando? Olhem, o senhor Fogg!

TODOS - Senhor Fogg!

STUART - Então, senhores, creio que o ladrão escapará de todas as investigações.

FLANAGAN - Vejam! Há apenas um país onde ele pode se refugiar.

STUART - Qual?

FLANAGAN - Aonde poderia ir?

STUART - Não sei, mas, enfim, a terra é vasta.

FOGG - Antigamente era.

STUART - Como assim, antigamente era? A terra diminuiu?

FOGG - Diminuiu, pois podemos percorrê-la dez vezes mais rápido que há vinte anos. Fato que, no nosso caso, possibilitará a fuga mais fácil do *gentleman* suspeito.

STUART - Confesso, senhor Fogg, que encontrou uma maneira charmosa de dizer que a terra diminuiu. Como fazemos, agora, a volta da terra em três meses...

FOGG - Em oitenta dias somente!

SULLIVAN - De fato, senhores, em oitenta dias, desde que o trecho da ferrovia entre Rothal e Allhabad foi aberto na Índia, atravessando o país.

STUART - Tudo bem, oitenta dias, mas sem considerar o tempo ruim, os naufrágios, os descarrilamentos, as explosões...

FOGG - Corretamente!

STUART - Teoricamente, o senhor tem razão, senhor Fogg, mas na prática...

FOGG - Na prática também, senhor Stuart.

STUART - Gostaria muito de ver isso.

FOGG - Só depende de você. Partamos todos juntos!

STUART - Deus me livre! No entanto, apostaria dois milhões de

francos que tal viagem é impossível!

FOGG (*a Stuart*) - Totalmente possível.

STUART - Pois bem, senhor Fogg, faça essa viagem em oitenta dias!

FOGG - Com certeza!

SULLIVAN - Mas quando?

FOGG - Imediatamente.

TODOS - Imediatamente?

FOGG - Tenho uma modesta fortuna de dois milhões, senhores.

Querem, vocês quatro, apostar a metade?

SULLIVAN - Um milhão, que cinco minutos de atraso serão suficientes para você perder.

FOGG - Não acredito em atrasos.

RALPH - Mas e os imprevistos?

FOGG - Imprevistos não existem.

52

FLANAGAN - Veja, senhor Fogg, que oitenta dias para fazer a volta ao mundo são ditos apenas como um mínimo de tempo.

FOGG - Um mínimo bem utilizado é suficiente para tudo.

RALPH - Para não ultrapassá-lo, será preciso pular matematicamente do trem para os navios e dos navios para o trem.

FOGG - Pularei matematicamente.

SULLIVAN - Era brincadeira.

FOGG (*levantando-se*) - Não brinco nunca com algo tão sério quanto uma aposta. Senhores, aposto um milhão que farei a volta ao mundo em oitenta dias, ou seja, nove mil cento e vinte horas, ou ainda, cento e quinze mil e duzentos minutos.

TODOS - Apostado!

FOGG - Aposta feita. O trem para Douvres³ parte às oito horas e quarenta cinco, pegarei esse trem.

STUART - Esta noite?

FOGG - Esta noite. Tenho um milhão guardado no Banco Baring

³ Douvres é uma comuna francesa na região administrativa de Auvérnia-Ródano-Alpes.

frères e o outro milhão levarei comigo.

STUART - Na viagem?

FOGG - Se for preciso, gastarei o dinheiro. Não preciso dizer que, para mim, não existem obstáculos. (*tirando um calendário do bolso*) Sendo assim, senhores, retornarei ao clube no domingo dia 22 de dezembro, visto que estamos na quinta-feira, dia 3 de outubro. Antes da nona badalada das nove horas desse relógio.

FLANAGAN - Não aqui, na nova sede, nosso palácio, que será inaugurado na noite de seu retorno.

STUART - E para a festa de inauguração, usaremos o milhão que...

FOGG - Que vocês perderão, senhores... (*Fogg toca a campainha; um dos empregados do clube aparece*) Chame meu novo criado!

CENA V

OS MESMOS, PASSEPARTOUT

53

FOGG - Passepartout, você tem dezessete minutos para ir a minha casa. Tome as chaves. No meu quarto tem um armário...

PASSEPARTOUT - Armário F.

FOGG - Abra-o. No fundo...

PASSEPARTOUT - Série K.

FOGG - Encontrará uma bolsa de viagem preparada. Pegue-a e traga-a.

PASSEPARTOUT - Uma bolsa de...

FOGG - Uma bolsa de viagem, sempre pronta em caso de partida.

PASSEPARTOUT - Mas, senhor... (*aterrorizado*) O senhor vai viajar?

FOGG - Nós faremos a volta ao mundo!

PASSEPARTOUT - A volta... a volta... a volta ao mundo? (*caindo no sofá*)

FOGG - Nem malas, nem caixas. Tudo que iremos precisar compraremos durante a viagem.

PASSEPARTOUT (*hesitando, apavorado, chocado*) - A volta ao mundo! E eu que só queria descansar!

FOGG - Vá, você já perdeu um minuto!

PASSEPARTOUT (*na porta, desesperado*) - Ah, se eu não tivesse pagado oitocentos francos, você não iria me rever!

CENA VI

OS MESMOS, sem PASSEPARTOUT

STUART - Bom, senhor Fogg, vamos deixá-lo se preparar.

FOGG - Sempre estou pronto, senhores. Ainda tenho cinquenta minutos, vinte e dois serão suficientes para chegar à estação de trem. Senhores, está na hora de nossa partida habitual, sentem-se.

TODOS - Vamos!

54

PRIMEIRO ATO

SEGUNDO QUADRO

Um cais do canal de Suez

Algum lugar em Suez. À esquerda, um café, com mesas e toalhas à moda turca, à direita, os escritórios de Mustapha-Pacha, governador da cidade, ao fundo um cais do canal de Suez, onde se vê embarcações, navios e máquinas de dragagem... Em último plano, a planície árabe com as montanhas ao longe. Europeus e felás indo e vindo pelo cais e pela praça.

CENA I

MUSTAPHA, FIX

(Mustapha sai de seu escritório, vestido como um europeu elegante, Fix entra pela esquerda e se dirige a Mustapha)

MUSTAPHA (*despedindo-se de dois indivíduos e dando-lhes alguns papéis*) - Podem ir, senhores!

FIX (*cumprimentando-o*) - Ah, senhor Governador?

MUSTAPHA - É você, Fix?

FIX - Sim, Excelência. E Vossa Excelência, a quem o governo inglês tão bem me recomendou, não tem nada a me dizer?

MUSTAPHA - Nada, senhor. Nenhum estrangeiro suspeito foi visto na província ou desembarcou em Suez.

FIX - É bem verdade. Há quinze dias estou aqui, sempre pelo cais, vendo todos os passageiros de todas as embarcações, para ver se reconheço o ladrão do Banco da Inglaterra, e nada. Nada!

MUSTAPHA - Um pouco de paciência, senhor! Os ladrões nem sempre estão apressados em serem capturados. Falando nisso, sabia que o Mongólia foi visto ontem ao largo de Porto Saide⁴? Chegará em breve, então.

FIX - O Mongólia vem diretamente de Brindisi⁵?

MUSTAPHA - De Brindisi, onde embarcou as malas e mercadorias das Índias, sábado, às cinco horas da tarde.

FIX - E vai para Bombaim⁶?

MUSTAPHA - Vai direto.

FIX - Mas para aqui, em Suez, não é?

MUSTAPHA - Somente por uma hora, apenas o tempo de abastecer de carvão. Porém, na verdade, senhor Fix, não sei como poderia reconhecer a pessoa em questão, caso esteja a bordo, com as informações incompletas recebidas de Londres.

FIX - As suspeitas recaem particularmente sobre dois indivíduos que se demoraram bastante na sala de pagamentos do Bando da

4 Cidade do Egito. Localizada na costa do mar Mediterrâneo, à entrada do Canal de Suez.

5 Brindisi ou Bríndisi é uma comuna italiana da região da Apúlia, na província de Bríndisi.

6 Mumbai (anteriormente chamada de Bombaim) é uma cidade muito populosa na costa oeste da Índia.

Inglaterra. Eu tenho confirmações. Mas não é assim que descobrirei. Os industriais desse tipo são facilmente percebidos, pois os sentimos muito mais que os vemos. Para nós detetives, o faro é mais importante.

MUSTAPHA - Bom, vejo aí uma excelente oportunidade de os “fatejar”, pois o prêmio oferecido pelo banco é bem sedutor.

FIX - Sim, Excelência, o banco sabe fazer as coisas. Dez por cento da soma recuperada são duzentos mil francos para mim, se eu salvar os dois milhões roubados. E, sabe, tenho um pressentimento de que meu homem estará a bordo do Mongólia.

MUSTAPHA - Sério? E o que fará, se ele estiver a bordo?

FIX - Talvez Vossa Excelência queira se certificar sobre essa pessoa...

MUSTAPHA - Com certeza! Imagine, senhor, prender um cidadão inglês que não seja o seu ladrão! Está querendo me colocar em querela contra Sua Grande Majestade? Ah, não, de jeito nenhum!

56

FIX - Então telegrafarei imediatamente à polícia metropolitana, solicitando um mandado de prisão urgente, que usarei tão logo meu ladrão ponha os pés em território inglês.

MUSTAPHA - Vai persegui-lo, então?

FIX - Até o fim do mundo, se for necessário. Duzentos mil francos mais a honra de prendê-lo!

CENA II

OS MESMOS, ARCHIBALD

(Archibald Corsican entra pela direita e passeia pelo cais com binóculos na mão, olhando o canal)

MUSTAPHA - Eis aí um *gentleman* que espera, tão impaciente quanto você, a chegada do Mongólia.

FIX - Um rival?

MUSTAPHA - Não creio, mas alguém singular. *(Archibald se apro-*

xima) Bom dia, senhor Archibald Corsican, cidadão dos Estados Unidos da América, e...

ARCHIBALD - E o homem mais impaciente do mundo, Excelência!

MUSTAPHA - Por quê?

ARCHIBALD - Porque esse navio que espero trará minha admissão no Clube dos Excêntricos!

MUSTAPHA - Você quer muito fazer parte desse clube tão original?

ARCHIBALD - Muito!

MUSTAPHA - E o que fez para ingressar nele?

ARCHIBALD - Fiz a volta do Mar Vermelho a pé.

MUSTAPHA - A pé! Mas, veja, isso não tem nada de extraordinário.

ARCHIBALD - Talvez, mas fiz a volta andando de costas.

MUSTAPHA - Andando de costas? E qual era o objetivo?

ARCHIBALD - Onde estaria a excentricidade, se isso servisse para alguma coisa?

MUSTAPHA - Verdade! Mas, francamente, depois desse feito, caso não seja aceito, será desesperador para os caçadores de originalidade.

ARCHIBALD - Concordo, Excelência.

MUSTAPHA - No entanto, tenho certeza de que não foi dessa maneira que foi a Londres, há quinze dias atrás.

ARCHIBALD - Claro que não!

MUSTAPHA - Mas retornou bem rápido.

ARCHIBALD - Sim, apenas o tempo suficiente para pegar uma soma considerável no Banco.

FIX (*escutando a conversa, aparte*) - Pegar dinheiro... no banco... Como é? (*dirigindo-se a Archibald*) Perdão, senhor, estava em Londres, dia...

ARCHIBALD - Dia 17 de setembro.

FIX - 17 de setembro.

MUSTAPHA - Exatamente no dia do roubo dos dois milhões no Banco da Inglaterra.

ARCHIBALD - Exatamente! O ladrão e eu saímos, os dois, com

grandes valores. A diferença foi que eu saí do banco com meu comprovante e o ladrão não.

MUSTAPHA - Um esquecimento.

ARCHIBALD - Sim, um esquecimento.

FIX (*olhando bem nos olhos de Archibald*) - Um esquecimento!

ARCHIBALD - Um esquecimento. (*aparte*) Por que ele me olha assim?

MUSTAPHA - Mas, se estava tão impaciente pela resposta do clube, por que voltou em vez de aguardar a resposta em Londres?

FIX - Por quê?

ARCHIBALD - Porque só quero morar em Londres quando puder ter em meu cartão de visita: Membro do Clube dos Excêntricos!

FIX (*aparte*) - Vejam só! (*olhando fixamente Archibald*) De fato, ser membro do clube dá notoriedade, e os curiosos não perguntam mais nada a seu respeito.

58

ARCHIBALD - Exatamente!

FIX (*aparte*) - Vejam só! (*tira alguns papéis do bolso e observa Archibald*) Mas ele pode ser o suspeito. Vamos nos rever. (*escuta-se o apito do navio*) O navio!

ARCHIBALD - Minha carta, minha resposta!

CENA III

MUSTAPHA, FIX, PASSEPARTOUT

(*Mustapha escapa da multidão e senta-se para ler O Figaro*)

PASSEPARTOUT - Eis-me no Egito, país de Putifar⁷! Vou ver egípcios, pachas⁸, turcos, turcos de verdade, com turbantes, calças plis-

7 Lapso do autor que escreve “madame Putifar”, pois Putifar era um oficial e comandante da guarda do faraó egípcio que comprou José, filho de Jacó, como escravo.

8 Denominação, entre os turcos, para governadores de províncias do Impé-

sadas e desenhos nas costas. Mas primeiro as obrigações: comprar camisas, lenços, validar meu passaporte.

FIX (*retornando quando o desembarque terminou*) - Ninguém a bordo que se parece com meu indivíduo! Vamos, vou me concentrar no americano.

PASSEPARTOUT (*vendo Fix*) - Eis um senhor que poderá me ajudar! Senhor, por favor!

FIX - Pois não!

PASSEPARTOUT - Senhor, poderia me indicar onde posso validar meu passaporte? (*mostra o passaporte*)

FIX - Um passaporte? Permita-me, gosto muito de ler os passaportes.

PASSEPARTOUT - Fique à vontade!

FIX (*folheando o passaporte; aparte*) - Vejamos, com certeza um segundo suspeito.

PASSEPARTOUT - E então?

FIX - Este passaporte não é seu?

PASSEPARTOUT - Não, este passaporte é do meu patrão.

FIX - Senhor Phileas Fogg?

PASSEPARTOUT - Isso mesmo. Um patrão que comprei e que me fez partir rapidamente.

FIX (*aparte*) - É um tagarela! (*a Passepartout*) Bom, continue.

PASSEPARTOUT - Eu sonhava com uma vida sedentária e confortável, mas ele me faz correr de cidade em cidade, de país em país, sem parar em lugar nenhum, gastando bastante dinheiro para chegar mais rápido.

FIX (*aparte*) - Um fugitivo!

PASSEPARTOUT - E sem bagagens!

FIX - Sem bagagens?

PASSEPARTOUT - Sim, compramos tudo durante a viagem.

FIX - Para viajar assim, deve ser um homem bem rico.

rio Otomano, que correspondia ao título de “Excelência” usado no Ocidente.

PASSEPARTOUT - Provavelmente, porque carrega com ele uma grande soma de dinheiro em cédulas novinhas.

FIX (*aparte*) - Ora, ora... não é o americano, é esse homem aí.

PASSEPARTOUT - Ele prometeu um prêmio de vinte mil francos para os maquinistas do Mongólia, se chegássemos a Bombaim em vinte quatro horas.

FIX (*aparte*) - Vinte mil francos! Assim, rouba dois mil francos da minha recompensa.

PASSEPARTOUT (*preparando-se para partir*) - Estou aqui de conversa, mas preciso ir.

FIX - Conhece seu patrão há muito tempo?

PASSEPARTOUT - Eu? Comecei a trabalhar para ele quarenta e cinco minutos antes da nossa partida.

FIX - Sabe por que ele viajou?

PASSEPARTOUT - Porque fez uma grande aposta.

60

FIX - Uma aposta? Pois bem, vou apresentar você ao Governador, Sua Excelência Mustapha-Pacha.

PASSEPARTOUT - Um pacha? Vou conhecer um pacha de verdade? (*nesse momento Mustapha chega*)

FIX - Ei-lo aí!

PASSEPARTOUT - Este senhor? E seu turbante? E sua capa? Só usa para ir ao baile da ópera?

FIX - Excelência, encontrei meu homem.

MUSTAPHA - Esse rapaz aí?

FIX - Ele não, seu patrão, cujo passaporte está aqui. Veja o suspeito!

MUSTAPHA (*lendo o passaporte*) - Senhor Phileas Fogg quer validar seu passaporte?

PASSEPARTOUT - Se for possível, meu pacha.

MUSTAPHA - Será preciso seu patrão vir pessoalmente para que seja identificado.

PASSEPARTOUT - Como é? Isso é necessário?

MUSTAPHA - Indispensável!

PASSEPARTOUT - Vou chamar o patrão, meu pacha, vou buscá-lo.
(*Fix afasta-se um pouco e tira o mandado de procurado do bolso*)

CENA IV

OS MESMOS, ARCHIBALD, FOGG

(*Fogg e Archibald se cruzam e se esbarram com força na passarela de desembarque*)

ARCHIBALD (*a Mustapha*) - Ah, Excelência, esses mal educados, os filhos de Jonh Bull⁹! Eles me sabotaram. (*mostrando a carta*)

MUSTAPHA - Como, senhor Corsican?

ARCHIBALD (*muito irritado*) - Disseram que não sou digno de fazer parte da sociedade deles. Imbecis! Um deles, um tal de Fug, Fig, Fag, Fog, Phileas Fogg... que fez intriga, colocando-os contra mim. Estou desonrado, Excelência! (*senta-se no café e derruba uma mesa e duas cadeiras*)

61

PASSEPARTOUT (*mostrando Mustapha*) - Aquele é o Governador, senhor. Ele solicita sua presença.

FOGG (*a Passepartout*) - E as compras?

PASSEPARTOUT - Anda não tive tempo...

FOGG - Aprese-se, o navio vai partir novamente.

PASSEPARTOUT (*saindo pela direita*) - Espero encontrar finalmente um turco verdadeiro.

FIX (*aparte*) - Ele tem cara de malandro?

MUSTAPHA - Tem cara de homem honesto.

FOGG - Sua Excelência, Mustapha-Pacha?

MUSTAPHA - Então é o senhor que deseja validar o passaporte?

FOGG - Sim, sou eu.

⁹ John Bull é uma personificação nacional do Reino da Grã-Bretanha, criada pelo Dr. John Arbuthnot, em 1712, popularizada inicialmente pelos impressores britânicos e depois por ilustradores e escritores como o americano Thomas Nast e o irlandês George Bernard Shaw.

FIX (*aparte*) - Não há mais dúvidas... Uma mensagem ao chefe da polícia metropolitana, em Londres, solicitando um mandado de prisão, em Bombaim, Índia inglesa. (*sai*)

CENA V

MUSTAPHA, FOGG, ARCHIBALD

ARCHIBALD - Queimarei o cérebro deles, de todos! Garçom, traga uma bebida!

MUSTAPHA (*a Fogg*) - O senhor sabe que essa formalidade de passaporte não é mais exigida.

FOGG - Sei sim, Excelência, mas desejo validar mesmo assim o meu, e gostaria de pagar pelo meu visto.

62 MUSTAPHA - Pois bem, o senhor se chama Phileas Fogg? (*Fogg inclina-se, em reverência*)

ARCHIBALD (*derrubando uns copos*) - Phileas Fogg! (*Fogg o cumprimenta*) Do Clube dos Excêntricos! Pois bem, me chamo Archibald Corsican, de Nova York, Estados Unidos. (*Fogg sorri gentilmente*) Fui eu quem pleiteou o ingresso ao Clube, e rejeitaram meu pedido. Rejeitado, por sua causa! Um homem que fez a volta do Mar Vermelho de costas!

FOGG - Sua proeza não foi suficiente, senhor. Se tivesse dado a volta pulando em um só pé... Talvez!

ARCHIBALD - Senhor!

FOGG - Senhor.

MUSTAPHA - Senhores!

ARCHIBALD - Perdoem-me, senhores!

FOGG - Perdão, senhor, mas farei a volta ao mundo em 80 dias, ou melhor, em cento e quinze mil e duzentos minutos. E o senhor está me fazendo perder dois minutos. Basta!

ARCHIBALD - Um instante, senhor, por favor! Senhor Phileas Fogg,

tenho a intenção de solicitar novamente minha candidatura e, desta vez, espero que não se oponha! O que pensariam, seus nobres colegas, de um homem que, se sentindo gravemente insultado, matasse o senhor, o fizesse secar e dissecar, o mumificasse e o jogasse dentro de um sarcófago de madeira como os antigos Faraós?

FOGG - Meus colegas, senhor, o considerariam um excêntrico, com certeza, porém seria ainda mais difícil ser admitido no Clube!

ARCHIBALD - E por quê?

FOGG - Pois não se sentiriam bem, pensariam que, ao me matar, o senhor os ajudaria a ganhar a aposta.

ARCHIBALD - E se, ao matá-lo, estivesse ajudando o senhor a ganhar a aposta?

FOGG - Isso me parece difícil.

ARCHIBALD - Pois é bem simples, senhor: uma vez morto e cuidadosamente mumificado, carrego-o como uma bagagem e faço eu mesmo a volta ao mundo. Levo-o, como defunto mas vitorioso, a Londres, no prazo acordado. Compreendeu?

FOGG - Muito claramente. Aliás, assim teria muita chance de ser aceito no Clube.

ARCHIBALD - Ah!

FOGG - No entanto, poderia ser morto por mim.

ARCHIBALD - Isso vamos ver!

FOGG - Quando quiser, senhor.

ARCHIBALD - Lá, a dois passos, no pátio de meu hotel, estaremos bem sozinhos.

FOGG - Estou a seu dispor.

ARCHIBALD - Vou na frente.

FOGG - Vou segui-lo *(os dois saem pela esquerda)*

CENA VI

MUSTAPHA, PASSEPARTOUT, FIX

MUSTAPHA - Se o detetive não estiver errado, esse tal Fogg é um ladrão bem singular.

FIX (*entrando apressado*) - Feito! A mensagem foi enviada, Excelência. E meu homem?

MUSTAPHA - Seu homem? Ele está lutando.

FIX - Lutando?

MUSTAPHA - Sim, com o americano que o provocou.

FIX - Ora, ora... Não quero que morra, apenas que seja ferido e fique oito dias na cama.

MUSTAPHA - Como assim?

64

PASSEPARTOUT (*entrando*) - Comprei tudo, camisas, lenços... da última moda (*mostrando as peças com desenhos de animais*) Só encontrei essas, mas me parecem bonitas. Vou pegar uma (*olha em volta*) Onde está meu patrão?

FIX - Seu patrão, meu jovem, está lutando.

PASSEPARTOUT - Lutando? Meu Deus! E meus oitocentos francos! Será que vão tirá-lo de mim?

FIX - Espero que não morra, se fira bastante e fique oito dias acamado.

PASSEPARTOUT - Oito dias? Esse tempo causará sua ruína.

FIX - Será o prazo que preciso para receber o mandado.

PASSEPARTOUT - Onde ele está, senhor? Onde está lutando? Senhor Fogg, senhor Fogg! Graças a Deus, lá está ele!

CENA VII

OS MESMOS, FOGG, ARCHIBALD

ARCHIBALD - (*com bandagem no braço esquerdo*) Estou ferido, bem ferido. Mas recomeçaremos em oito dias, senhor.

FOGG - Em oito dias, já terei partido, senhor.

ARCHIBALD - Pois bem, eu o seguirei.

FIX (*aparte*) - Eu também.

FOGG - Como quiser, senhor.

ARCHIBALD - Eu o seguirei até matá-lo.

FOGG - Ou até sua morte, senhor.

ARCHIBALD - Veremos!

FOGG (*consultando seu caderno de anotações*) - Total de horas gastas: 158 horas.

FIX (*imitando*) - Total do valor gasto pelo meu ladrão: mais ou menos 23 mil francos.

FOGG - Restam-me 1.762 horas.

FIX - Restam-lhe ainda 1.977 francos, sendo 197 mil para mim. (*embarca no navio; escuta-se o apito do navio, oficiais gritando, o assóvio do vapor e a multidão no cais*)

FOGG - Passepartout! Você não esqueceu nada?

PASSEPARTOUT - Patrão, pode ter certeza de que nunca esqueço de nada. Nem aqui nem em Londres. Antes de partirmos fechei tudo, tranquei tudo, apaguei tudo. (*dá um grito*) Ah meu deus!

FOGG (*virando-se*) - O que houve, Passepartout?

PASSEPARTOUT - Ah... senhor, lembrei... esqueci...

FOGG - De quê?

PASSEPARTOUT - Esqueci de apagar o bico do gás de seu quarto!

FOGG - Então, meu jovem, o bico do gás está queimando por sua causa.

PASSEPARTOUT - Coloca na minha conta! Estamos fazendo a volta

ao mundo! (*embarcam; partida do navio*)

TERCEIRO QUADRO

Um bangalô em uma floresta da Índia

O cenário mostra um bangalô em ruínas. Ao fundo, vê-se um campo indiano no raiar do dia.

CENA I

AOUDA, NAKAHIRA, UM PARSI¹⁰

(Nakahira entra apressada com Aouda)

AOUDA - Esconda-me, esconda-me! Não podem me pegar novamente!

66 NAKAHIRA - Aouda, calma! Calma! Aqui estamos seguras.

AOUDA - E esses guardas, esses brâmanes¹¹ que nos perseguem?

NAKAHIRA - Perderam nosso rastro. Quando a noite vier poderemos... (*virando-se*) Tem alguém aqui.

PARSI (*entrando pela direita*) - Escuto vozes. Duas mulheres! (*avançando em direção a elas*) O que fazem aqui?

NAKAHIRA - Existe piedade em seu coração? Sua alma emocionasse com a desgraça?

PARSI - O que querem?

NAKAHIRA - Que salve esta pobre criança.

PARSI (*aproximando-se de Aouda*) Que Brahma me ajude! Mas é...

¹⁰ Os parses ou parsis emigraram do Irã para a Índia e o atual Paquistão, no século X. São seguidores do zoroastrismo.

¹¹ Membro da casta sacerdotal da sociedade hinduísta. No topo da ordem hierárquica das quatro castas, estavam os brâmanes, que eram principalmente professores e intelectuais, em seguida os Kshatriyas, guerreiros e governantes, em terceiro os Vaishyas, mercadores, e por último os Shudras, que vieram dos pés de Brahma e faziam todos os trabalhos braçais.

AOUDA - Está me reconhecendo?

PARSI - Sim, você é a viúva do rajá¹², cujo corpo repousa no fogo da necrópole real!

NAKAHIRA - Sim! A viúva desse velho, que os fanáticos querem cremar junto com ele.

AOUDA - Não abandone os deveres da hospitalidade e nos receba. Imploramos!

PARSI - Sou apenas um pobre homem que não pode lhes proteger.

NAKAHIRA - Gostaríamos, apenas, de passar uma noite aqui. Amanhã tentaremos chegar até o território inglês, onde estaremos fora de perigo.

AOUDA - Você não trairia esta infeliz que lhe pede asilo! Não a entregaria àqueles que querem deitá-la sobre o fogo!

PARSI - Não farei isso. Sou como você, da raça dos parses.

AOUDA - Ah! Estou salva!

PARSI - Princesa Aouda, sou seu servo. Morrerei por você. Mas como conseguiu fugir?

AOUDA - Graças à Nakahira, corajosa malaia, que foi raptada de seu país para ser escrava e me ama como uma irmã. Casada, há apenas dois meses, com esse rajá que nem conhecia, querem que eu morra. Eu, tão jovem!

NAKAHIRA - Pobre Aouda!

AOUDA - Estava presa há dois dias no pagode, esperando a hora do suplício. Os brâmanes quiseram me embebedar com essa droga que destrói o corpo e a alma. Recusei-me a beber. Na noite passada, Nakahira conseguiu me tirar de lá, enquanto os sacerdotes dormiam. Durante todo o dia, caminhamos pelos campos e florestas até chegarmos a esse bangalô, onde os céus me fizeram encontrar

12 Rajá é a designação dada aos reis e outros governantes hereditários do subcontinente indiano. Rajá é um título proveniente da palavra rajá, que em sânscrito significa “rei”. O título é inferior ao de Marajá, termo que designa os príncipes dos Estados que deram origem à Índia.

um amigo e irmão.

PARSI - O sacrifício está programado para esta noite.

AOUDA - Sim, esta noite mesmo.

PARSI - Pois bem, a vítima não vai comparecer ao sacrifício!

AOUDA - Obrigada, irmão!

NAKAHIRA - Em algumas horas, chegaremos a Calcutá.

AOUDA - E lá, reencontrarei uma irmã amada e, com ela, vamos à casa de um parente que nos acolherá.

NAKAHIRA - Veja, se sua vida corre perigo na Índia, apesar da proteção das leis inglesas, por que não vem ao meu país, onde eu era rainha e sacerdotisa? Lá, poderei reencontrar as misteriosas divindades que obedecem a minha voz. Desde que me raptaram de minha ilha e me venderam para a corte do rajá, eu sei, eu sinto, esperam por mim lá. E se quiser me seguir, nenhum poder poderá atingi-la.

68 PARSI - Tem alguém chegando.

NAKAHIRA - Talvez os guardas do rajá?

PARSI - Não. Um homem europeu.

AOUDA - Que ninguém me veja! Ninguém pode desconfiar que estou aqui.

PARSI - Por aqui, venha Aouda!

AOUDA - Venha, venha! *(Aouda e Nakahira seguem o parsi que as conduz à direita através de uma parede em ruínas)*

CENA II

FIX, PASSEPARTOUT

FIX *(entrando)* - Cheguei primeiro, graças ao céu!

PASSEPARTOUT - Obrigada, Deus! Consegui chegar... em segundo *(percebendo Fix)* Fui o segundo a chegar. Olha, é o senhor! Já nos encontramos em Suez.

FIX - De fato. Segui a mesma rota que vocês e posso adivinhar o

que o trás aqui. Um viaduto desmoronou, o trem não pode seguir...

PASSEPARTOUT - E será preciso fazer um desvio de trinta léguas...

FIX - Procura um modo de locomoção!

PASSEPARTOUT - Exatamente! Nesse país de selvagens, só havia uma *carriole*¹³ disponível.

FIX - E já foi alugada por mim.

PASSEPARTOUT - Felizmente indicaram-nos essa casa, habitada por um indiano, proprietário do único elefante da região. Meu patrão me pediu...

FIX - Para alugar esse paquiderme?

PASSEPARTOUT - Exatamente!

FIX - Foi por isso que veio?

PASSEPARTOUT - O senhor, por favor, não disputará conosco esse elefante!

FIX - Meu jovem, veja bem, cheguei primeiro aqui, então são vocês que querem disputar o elefante.

PASSEPARTOUT - Como é? Ainda precisa do elefante?

FIX - Preciso.

PASSEPARTOUT - Vai amarrá-lo à *carriole*?

FIX - Talvez, sim.

PASSEPARTOUT - Como assim? Por acaso, está tentando impedir meu patrão e eu de partir?

FIX - Pode ser...

PASSEPARTOUT - Mas pode me dizer qual é o objetivo?

FIX - Qual o objetivo? Veja, estou certo de que é um jovem honesto, correto?

PASSEPARTOUT - Claro, senhor, sou sim.

FIX - Pois bem, vou ser franco com você. Primeiramente, jure guardar segredo sobre o que vou lhe contar.

PASSEPARTOUT - Sim, juro. Pode contar.

FIX - Você dá sua palavra?

13 Carruagem do séc. XIX, de duas rodas, puxada por um só cavalo.

PASSEPARTOUT - Tem a minha palavra. Diga logo.

FIX (*mostrando uma carteira de policial*) - Veja.

PASSEPARTOUT - O senhor é...

FIX - Sou...

PASSEPARTOUT - Agente de polícia?

FIX - Encarregado de perseguir e prender um ladrão que roubou dois milhões do Banco da Inglaterra.

PASSEPARTOUT - Dois milhões! Ah, ouvi falar dessa história.

FIX - Pois então, desde Suez estou no rastro desse bandido que segue para Calcutá. Meu plano é atrasar a viagem dele por alguns dias, para que o mandado de prisão que solicitei chegue de Londres. Gostaria de me ajudar? Dou-lhe dez mil francos.

PASSEPARTOUT - Ajudá-lo? Como?

FIX - Apenas me dizendo o que faz seu patrão neste momento.

70

PASSEPARTOUT - Meu patrão? A essa hora, ele deve estar operando um tal Archibald Corsican.

FIX - Operando? Uma cirurgia?

PASSEPARTOUT - Sim, um ferimento leve de espada, mas que precisa de sutura.

FIX - Ainda esses dois?

PASSEPARTOUT - Sempre! Eles prometeram continuar até que um deles mate o outro. Espero que o outro seja o americano.

FIX - Eu também.

PASSEPARTOUT - Está interessado em meu patrão?

FIX - Bem interessado, sim. Terei duzentos mil francos de recompensa sobre sua cabeça.

PASSEPARTOUT - O senhor?

FIX - E é desse valor que lhe ofereço dez mil, se me ajudar a prendê-lo.

PASSEPARTOUT - Prender o senhor Phileas Fogg?

FIX - Phileas Fogg... ou melhor, o ladrão do Banco da Inglaterra.

PASSEPARTOUT - Um ladrão, meu patrão? O senhor está louco! O

senhor Phileas Fogg é o homem mais honesto desse mundo!

FIX - O que você sabe? Você não o conhece. Começou a trabalhar para ele às vésperas da partida. Ele empreendeu essa viagem com um motivo insensato, sem preparativos nem bagagens, trazendo com ele uma enorme soma de dinheiro em espécie. Foi você mesmo que me contou. Tudo isso não são indícios? O alerta de procurado condiz com ele. Tenho provas suficientes, não? Meu jovem, acredite! Então? Aceita os dez mil francos que lhe ofereço? Deixe o elefante comigo, pois é o único meio de transporte que sobrou para chegar até Amedabade¹⁴.

PASSEPARTOUT - Pelo que entendi, o senhor pede que eu traia meu patrão e lhe entregue um homem que confia em mim! Um homem que me paga, me alimenta... só porque pensa que meu patrão é o ladrão que procura, uma ideia imbecil que lhe passou pela cabeça. E está me oferecendo dez mil francos para que eu cometa uma infâmia e uma besteira? Acha mesmo que vou morder essa isca?

FIX - Prefere, então, ser suspeito de ser cúmplice de um ladrão?

PASSEPARTOUT (*furioso*) - Ladrão? Eu? Ladrão, ele? Nós dois, ladrões?

FIX - Quem sabe?

PASSEPARTOUT - Quem? (*acalmado-se*) Dei minha palavra, senhor. Não direi a meu patrão quem é o senhor, nem o que me contou. Mas, senhor, lembre-se: caso o encontre em nosso caminho, no trem, no navio ou em *carriole*... Mesmo sendo um jovem honesto... quebro-lhe a espinha.

FIX - Você?

PASSEPARTOUT - Sim, eu, Jean François Passepartout, ex-acrobata e primeiro atleta da França. Eu, que consigo levantar 500kg e que tive a honra de segurar e derrubar muitas vezes o senhor Nicolas

¹⁴ Amedabade ou Amadabade é a maior cidade e antiga capital de Gujarat, na Índia.

Kretz, o touro da Província!

FIX - Se é forte, sou hábil. Lutaremos.

PASSEPARTOUT - Lutaremos.

FIX - E para começar, eu pegarei o elefante!

PASSEPARTOUT - Será?

FIX - Quando eu pagar por ele os dez mil francos que ofereci, ele será meu.

PASSEPARTOUT - Isso é o que veremos. Posso pagar mais! (*bate na sacola de dinheiro do patrão*)

FIX - Sim, a sacola com os milhões roubados. Pois muito bem. Veremos!

PASSEPARTOUT - Veremos!

FIX - Exatamente. Eis o homem de quem precisamos!

72

CENA III

OS MESMOS, O PARSI

FIX - Aproxime-se, meu jovem!

PARSI - Ah, sim.

PASSEPARTOUT - Venha, venha!

PARSI - Ainda tem gente em minha casa.

FIX - Você tem um elefante?

PARSI - Tenho, mas este elefante eu alugo...

FIX - Quero alugá-lo.

PASSEPARTOUT - Eu primeiro.

PARSI - Impossível!

FIX - Cem francos por dia?

PARSI - Não.

PASSEPARTOUT - Cem francos e cinquenta centavos?

FIX - Duzentos francos?

PASSEPARTOUT - Duzentos e cinquenta francos?

FIX - Trezentos francos?

PASSEPARTOUT - Trezentos e cinquenta francos? (*Fogg aparece ao fundo*)

FIX - Quatrocentos francos, então!

CENA IV

OS MESMOS, FOGG, ARCHIBALD

FOGG (*friamente*) - Eu compro o elefante.

PASSEPARTOUT - Meu patrão!

PARSI - Meu elefante não está à venda.

FOGG - Dez mil francos!

PARSI (*surpreso*) - Impossível!

FOGG - Vinte cinco mil.

FIX - Vinte cinco mil?

PASSEPARTOUT - Bravo!

PARSI - Senhor, não posso...

FOGG - Cinquenta mil francos!

FIX (*atordoado*) - Cinquenta mil francos?

PASSEPARTOUT (*a Fix, debochando*) - Diga mais cinquenta centavos.

PARSI - Cinquenta mil francos! O senhor está oferecendo cinquenta mil francos?

FOGG - Aceita?

PARSI - Aceito.

FOGG - Fico feliz.

FIX (*aparte*) - Menos cinquenta mil francos de minha recompensa, patife.

ARCHIBALD (*aparecendo ao fundo com o braço enfaixado*) - Cinquenta mil francos! Não acredito! O dinheiro não lhe custa muito, como os golpes de espada, é o que parece. (*mostrando o braço*)

FOGG - Quando quiser.

ARCHIBALD (*com raiva*) - Muito grato. Não me interessa seu dinheiro. Tenho mais do que você, acredite. E quanto aos golpes de espada...

FOGG (*mostrando o braço de Archibald*) - Você parece ter mais do que eu, sim.

ARCHIBALD - Terá seu troco em Calcutá.

FOGG - Então, a Calcutá!

ARCHIBALD - Até o quinto dos infernos, se for preciso.

FOGG - Como quiser. (*ao Parsi*) Onde está o elefante?

PARSI - Aqui. Mas como ele deve servir esta noite ao funeral do rajá, só posso entregá-lo após a cerimônia.

FOGG - A que horas termina a cerimônia?

PARSI - Por volta de duas horas da manhã, após a cremação da infeliz viúva.

74

FOGG - Cremação da viúva? Como? Uma mulher queimada no fogo de seu marido! Onde ainda se vê isso?

PASSEPARTOUT - Na França, quando querem se casar novamente, ficam em brasas.

FOGG - Onde fica a necrópole?

PARSI - A duas léguas daqui.

FOGG (*calculando*) - O navio partirá de Calcutá para Hong-Kong somente dia 25 de outubro. Basta chegar a Calcutá amanhã à noite. Bom, em duas horas o elefante estará aqui?

PARSI - Estará, senhor.

FIX (*aparte*) - Ah, miserável... se eu pudesse...

PASSEPARTOUT - O que disse, senhor?

FIX - Diabos! (*Fix sai, ouve-se um tumulto do lado de fora, ouve-se murmúrios; o campo está iluminado por tochas; o guarda do rajá e os brâmanes aparecem; o bangalô é cercado*)

CENA V

OS MESMOS, AOUDA, UN BRÂMANE, GUARDAS,
NAKAHIRA

BRÂMANE - Fechem todas as saídas!

PASSEPARTOUT - O que querem esses homens?

BRÂMANE (*ao Parsi*) - Há uma hora, duas mulheres se esconderam aqui. Uma delas é a viúva do rajá. Onde ela está? Diga!

PARSI - Ignoro.

BRÂMANE (*aos guardas*) - Vasculhem a morada deste homem!

PASSEPARTOUT - Ah, que homem malvado!

BRÂMANE - É sua vida que está em perigo. (*nesse momento Aouda e Nakaira entram arrastadas pelos guardas*)

FOGG - Pobres mulheres!

PASSEPARTOUT - Como assim? Eles vão queimar esta pobre criatura?

BRÂMANE - Princesa Aouda, é a lei de Shiva e Vishnu, você deve morrer!

AOUDA - Esta lei que me condena é terrível e criminosa! Por esse esposo das almas, querem me sacrificar. Esse rajá colocou correntes em minha vida, quase nem o conheci... Não quero morrer!

BRÂMANE - Palavras inúteis! Suas cinzas, misturadas às de seu esposo, estarão frias antes de amanhã. (*os religiosos a agarram*)

NAKAHIRA - Aouda! Querida Aouda! (*um brâmane empurra Nakahira para afastá-la de Aouda*)

BRÂMANE - Foi você quem a ajudou a fugir! Será severamente punida. Levem-na!

AOUDA - Pare! Escute-me.

BRÂMANE - Fale.

AOUDA - É triste, mas percebo agora, estou destinada a morrer e ninguém nem nada pode me salvar. Bem sei o quanto você quer res-

peitar e zelar pelas leis religiosas de seu povo. Então, que Nakahira seja libertada e levada em segurança até as ilhas malaias. E, em vez de uma vítima levada até a fogueira acesa por vocês, este povo me verá caminhar de cabeça erguida e sorriso no rosto até o suplício.

BRÂMANE - Promete?

AOUDA - Juro!

BRÂMANE - Então, que assim seja feito. Nakahira, você está livre.

NAKAIRA (*abraçando Aouda*) - Aouda! Não me afaste de você, morrerei a seu lado. Que meu último suspiro se apague junto ao seu.

AOUDA - Não! Retorne a seu país onde você era rainha, e que os céus conduzam você!

FOGG - Dois bravos corações. (*as duas mulheres são separadas e, após um sinal do brâmane, Nakahira sai com um guarda*)

NAKAHIRA - Adeus, Aouda! Adeus, querida!

76

AOUDA - Adeus, adeus! Agora estou pronta. (*levam Aouda*)

FOGG - E se salvássemos esta mulher, Passepartout?

PASSEPARTOUT - Estava pensando nisso.

ARCHIBALD - Olha só! Você tem coração?

FOGG - Tenho sim, senhor... quando tenho tempo.

QUARTO QUADRO

Necrópole dos rajás

No cenário, a necrópole real dos rajás está pronta para o sacrifício da princesa Aouda, o fogo aceso, a multidão esperando, os sacerdotes em vestimentas especiais.

CENA I

FOGG, ARCHIBALD, PASSEPARTOUT

ARCHIBALD - E então?

FOGG - Impossível de chegar até essa pobre criança.

PASSEPARTOUT - Esses guardas malditos que a aprisionam são violentos.

ARCHIBALD (*de mau humor*) - A noite favoreceu nossa fuga, caso contrário, teríamos pagado muito caro por essa empreitada de vocês.

FOGG - E por que se juntou a nós?

ARCHIBALD - Porque me convinha, senhor.

FOGG - E por que, quando um dos guardas me ameaçava e me batia, você interveio e o feriu?

ARCHIBALD - Porque não queria que o matassem.

FOGG - Ah é?

PASSEPARTOUT (*aparte*) - Olha isso!

ARCHIBALD - Espero, com prazer, o momento de eu mesmo matá-lo.

PASSEPARTOUT - Então foi por isso.

ARCHIBALD - Mas o que os prende aqui? Já não fizeram todo o possível para entrar no pagode e salvar a vítima? Uma nova tentativa seria totalmente inútil.

FOGG - Não penso assim. O elefante que o indiano vai trazer após a cerimônia do funeral, posso aguardá-lo aqui.

ARCHIBALD - Aqui?

FOGG - Estamos na necrópole, devemos esperar terminar o sacrifício. Lá, perto de onde os guardas estão vigiando, está a fogueira sobre a qual jaz o corpo do rajá.

ARCHIBALD - E?

FOGG - Vamos aguardar um momento oportuno para salvar aquela jovem. Como ainda posso esperar uma hora... vou ficar. (*tira seu revólver e o recarrega*)

PASSEPARTOUT - Ficaremos também.

ARCHIBALD - Sim, ficaremos.

FOGG - E por quê?

ARCHIBALD - Porque não me convém dizer que um inglês e um americano, quando encontraram uma jovem ameaçada de morte,

ela tenha sido salva por um inglês, enquanto o americano apenas cruzava os braços.

FOGG (*dando-lhe as costas*) - Faça como quiser, senhor.

ARCHIBALD - Essa é minha intenção.

PASSEPARTOUT - Ah! É lá o fogo do rajá! Vou dar uma olhada. (*sai à esquerda e se aproxima da fogueira*)

CENA III

OS MESMOS, AOUDA, CHEFE DOS BRÂMANES, GUARDAS, O PARSI, INDIANOS

(*todos seguem em procissão, ao som de instrumentos, cantos, aclamações “Kalil, Kalil...”;* em seguida, entram os sacerdotes vestidos para cerimonial)

78 BRÂMANE - Você prometeu morrer sem fraquejar e de cabeça erguida.

AOUDA - Morrerei assim, pois Nakahira está livre. (*retira suas joias, colares, pulseiras etc. e joga tudo para as jovens que dançam em torno dela*) Servas de Brahma, dividam meus restos. (*as dançarinas colocam um véu nela e a conduzem à fogueira*) Deus, todo poderoso, receba minha alma. (*um brâmane aproxima-se para acender a fogueira*)

FOGG (*gritando*) - Não será assim! (*todos olham para ele*) Este horróroso sacrifício não será feito diante de um inglês!

ARCHIBALD - Nem de um americano!

BRÂMANE - Estrangeiros?

TODOS - Estrangeiros?

UMA VOZ DO ALTO DA FOGUEIRA - Parem!

TODOS - Milagre! Milagre!

(*no alto da fogueira, levanta-se o rajá vestido com um lençol bordado em ouro; pega Aouda em seus braços, desce com ela, ca-*

minha no meio da multidão espantada; os guardas aterrorizados ajoelham-se)

PASSEPARTOUT (*a Fogg*) - Sou eu, o rajá. Eu, Passepartout. Vamos rápido!

ARCHIBALD - Ah, o elefante, o elefante! (*o “rajá” coloca Aouda sobre o elefante, Fogg, Archibald e Passepartout sobem também, e o Parsi conduz o elefante*)

BRÂMANE (*descendo do alto da fogueira*) - Traição! Sacrilégio! Aqui está o rajá e lá está um impostor! (*os guardas atacam o elefante; Archibald e Fogg, do alto dessa fortaleza viva, atiram com seus revólveres; tumulto; o brâmane cai, morto*)

SEGUNDO ATO

QUINTO QUADRO

79

Um salão de hotel em Calcutá

Salão estilo inglês. Portas laterais. No fundo, uma janela pela qual pode se ver uma parte da cidade de Calcutá. Casas com terraços, entre palmeiras e babosas.

CENA I

FOGG, PASSEPARTOUT

(quando se abrem as cortinas, Passepartout está olhando a magnífica vestimenta coberta de ouro do rajá e seu turbante)

PASSEPARTOUT (*colocando o turbante*) - Meu Deus! Como ficaria bonito com esses trajes e esse turbante!

FOGG (*entrando e colocando duas espadas sobre a mesa*) - Decididamente, como é teimoso esse senhor Corsican!

PASSEPARTOUT - O senhor o gratificou com um golpe de espada?

FOGG - Dessa vez, na perna.

PASSEPARTOUT - É a terceira vez.

FOGG - Onde está Aouda?

PASSEPARTOUT - No quarto dela, se vestindo como uma europeia. Agora que estamos em Calcutá, entre europeus, ela não pode se vestir como viúva de marajá.

FOGG - É justo.

PASSEPARTOUT - O quê? O senhor fez bem de tirá-la das mãos desses bandidos. Deixar morrer uma pessoa tão charmosa. Ela é bem bonita.

FOGG (*indiferente*) - Nem prestei atenção, não percebi.

PASSEPARTOUT - Olha! Achei que a olhava com... interesse... enquanto ela dormia... com a cabeça apoiada em seu ombro, enquanto esse digno elefante levava vocês para Allahabad¹⁵.

FOGG - Engano seu.

80

PASSEPARTOUT - E como foram afetuosos os agradecimentos dela quando chegamos a Benares¹⁶!

FOGG - Não me lembro.

PASSEPARTOUT - Ah, ah... E quando seguíamos no trem ao longo do Ganges, parecia, às vezes, que a olhava bastante emotivo.

FOGG - Chega! Chega! Onde quer chegar?

PASSEPARTOUT - Mas, senhor, juntei as roupas do defunto rajá e com elas me fantasiei. Sabia?

FOGG - E essas roupas?

PASSEPARTOUT - Todas com detalhes em ouro ou prata. Vou empacotar e enviar aos herdeiros do rajá. Não quero que pensem que sou ladrão.

15 Prayagraj, anteriormente Allahabad, é uma metrópole no estado indiano de Uttar Pradesh.

16 Varanasi, comumente conhecida como Benares, é uma cidade do estado de Uttar Pradesh, na Índia. Localizada às margens do Rio Ganges, tem mais de 3 000 000 habitantes e é uma das cidades continuamente habitadas, mais antigas do mundo. É a cidade mais sagrada do hinduísmo.

FOGG (*sentando-se e consultando seu caderninho*) - Hoje é dia 26 de outubro...

PASSEPARTOUT - Sim, senhor, 26 de outubro.

FOGG - Partimos de Londres há vinte e três dias.

PASSEPARTOUT (*joga seu pacote; aparte*) - Exatamente, há vinte três dias que esse maldito bico de gás queima às minhas custas! Ou seja, 552 horas de combustão.

FOGG - Antes de 57 dias estaremos de volta à Inglaterra.

PASSEPARTOUT - Faltam ainda 57 dias? Perdão, senhor, estamos atrasados?

FOGG - Exatamente, havíamos ganhado 48 horas, mas perdemos 2 dias, sendo úteis à moça.

PASSEPARTOUT (*aparte*) - Chama isso de ser útil? E esse policial imbecil que pensa que o senhor é um ladrão? Enfim, ele decidiu nos deixar e fez bem. (*mostrando suas mãos*) Caso contrário, estaria com algemas e amarrado.

FOGG - Passepartout, você reservou dois lugares no navio de Hong-Kong?

PASSEPARTOUT - Sim, no Rangom, excelente embarcação. Ele parte esta noite, em duas horas e meia.

FOGG (*andando pra lá e pra cá*) - Bom... bom...

PASSEPARTOUT - Agora, o endereço. (*escrevendo o endereço no pacote*) Ao senhor Rajá, para seu túmulo, Bundelkund.

CENA II

OS MESMOS, AOUDA

FOGG - Ah, Aouda!

PASSEPARTOUT (*olhando Aouda, um pouco distante*) - Vestida assim é ainda mais adorável, minha viuvinha. Dizer que eu fui o marido... defunto de uma tão linda jovem!

AOUDA - Ah, senhor Fogg...

FOGG - Minhas ordens foram executadas, nada lhe falta, certo?

AOUDA - Nada, senhor Fogg. Nada, agradeço-lhe! Principalmente depois de ter arriscado sua vida por mim.

FOGG - Eu... não... não eu... (*mostrando Passepartout*) O responsável por isso foi esse rapaz corajoso.

PASSEPARTOUT - Eu? Apenas me disfarcei um pouquinho... uma fantasia de carnaval! Foi tudo o que fiz!

AOUDA - Eu sei que lhe devo um agradecimento também, meu amigo.

PASSEPARTOUT - Não me deve nada, senhora, nada.

FOGG - Eis que estamos na cidade onde reside esse parente em cujas mãos devo deixá-la.

AOUDA - Sim, senhor.

82 FOGG - Sabe onde ele mora?

AOUDA - Infelizmente, não. Antes desse funesto casamento, morávamos em Bombaim.

FOGG - Qual é o nome dele?

AOUDA - Amardil.

FOGG - Creio que na Bolsa de Valores poderemos encontrar o endereço desse comerciante. Passepartout é inteligente. Ele descobrirá... Vamos, Passepartout!

PASSEPARTOUT - Sim, senhor. Procurarei, mas sem alegria.

AOUDA - Por quê?

PASSEPARTOUT - Porque não nos veremos mais! (*aparte*) E dizer que, sem mim, teriam queimado tão adorável pessoa! (*sai*)

CENA III

OS MESMOS, sem PASSEPARTOUT

FOGG - Senhora, chegamos ao fim de sua viagem.

AOUDA (*surpresa*) - Senhora? Por que me chama assim? Por que não me chama de Aouda?

FOG - Por quê?

AOUDA - Sim.

FOGG - Por quê? Aouda... mas... porque... Olha para você, não é mais Aouda que está diante de nós! É uma jovem *lady* de nossa Inglaterra! E por isso devo respeitá-la como respeito meus compatriotas.

AOUDA - Mesmo vestida assim, não sou a mesma pessoa que vocês salvaram?

FOGG - Sim, claro que sei...

AOUDA - Sim, vocês me salvaram de uma morte terrível! Ah, senhor Fogg, é hoje, daqui a pouco, que vamos nos separar e, provavelmente, nunca mais nos veremos. Juro, meu coração não esquecerá de você.

FOGG (*emocionado*) - *Milady*, (*abraçando-a amigavelmente*) **não** faz assim. Senhora...

AOUDA - Não...

FOGG - Aouda.

AOUDA (*feliz*) - Assim, sempre para você, sempre: Aouda. Gostaria que, quando pensasse em mim... se alguma vez pensar em mim...

FOGG - Sim, claro que pensarei... (*friamente*) algumas vezes.

AOUDA - Gostaria de sempre estar presente em sua alma, da mesma maneira como quando me tirou daquele horrível suplício. Gostaria que diga a si mesmo: Existe lá uma mulher a quem me dediquei e cujo reconhecimento somente acabará com sua morte.

FOGG - Prometo, Aouda... prometo, juro a você! Ah, se alguém do Clube dos Excêntricos me visse agora!

AOUDA - Estamos a sós agora. Pode ser sincero.

FOGG - Não sou bom nisso... sou um excêntrico!

AOUDA - Pois eu lhe digo que é um homem de grande coração.

FOGG - Coração! Coração! Todo mundo tem coração... mas eu sou...

AOUDA - Excêntrico. Não sei o que isso quer dizer, senhor Fogg, mas o desafio a dizer, sem nenhuma emoção: Adeus para sempre,

Aouda, para sempre!

FOGG - (*muito emocionado*) Adeus, adeus! Para... (*vendo Corsican*)

Corsican, ei-lo aí! (*aparte*) É a primeira vez que chega rápido.

CENA IV

OS MESMOS, ARCHIBALD

(*Archibald, mancando de uma perna, entra primeiro, sem ver Fogg e Aouda*)

ARCHIBALD (*jogando-se em uma poltrona*) - Meu Deus! Para mim chega e já me decidi!

FOGG - Senhor!

ARCHIBALD - Mas, senhor... Ah! Desculpe, senhora, não a vi.

AOUDA - Senhor Archibald?

84 ARCHIBALD - Ora, é a senhora Aouda! Eu não a teria reconhecido, vestida assim...

AOUDA - Devo profunda gratidão também ao senhor! Eu sei o que aconteceu...

ARCHIBALD - Bom, por alguns tiros que trocamos com aqueles macacos de Bundelkund... Nem precisa me agradecer.

AOUDA - Agradeço sim, e antes de nos separarmos...

ARCHIBALD - Como? Nos separar? A senhora não vai a Calcutá?

AOUDA - Sim, senhor.

ARCHIBALD - Bem, eu também! Calcutá é uma cidade charmosa, onde há apenas ingleses disfarçados de índios!

FOGG (*secamente*) - Parece-me que você jurou me levar de volta à Inglaterra...

ARCHIBALD - Sim, em um sarcófago, como múmia, com olhos enfaixados, mas eu desisto, senhor.

FOGG - Ah! Finalmente!

ARCHIBALD - Um golpe de espada no braço esquerdo em Suez,

outro no braço direito em Bombaim, e agora, aqui, um terceiro na perna... Já chega! Um americano não pode persistir na tolice. Vou procurar outra excentricidade. Estou bem aqui, vou ficar aqui... vamos ficar aqui. E eu sei, senhora, que será mais feliz aqui do que nas terras de Bundelkund.

AOUDA - Em meu país... sim... eu era soberana... eu queria ser... Essa ambição infantil me arruinou.

FOGG - O que você quer dizer?

AOUDA (*sentando-se*) - Esse parente com quem fomos criados, minha irmã e eu, tinha grandes empresas, mas faliu. Um dia ele veio me procurar e me disse: Você é ambiciosa, Aouda! (*sorrindo*) Uma ambiciosa de dezesseis anos! O rajá que a viu em Bombaim gostaria de compartilhar sua soberania... Imaginei que um príncipe jovem e bonito, que eu poderia amar, oferecia-me um trono! Deixei-me deslumbrar, fascinar! Alguns dias depois, os guardas, os servos do rajá vieram me buscar solenemente em Bombaim. Parti. Pelo caminho, todo um povo se prostrou e saudou minha chegada... Fiquei enebriada! Quando cheguei ao palácio do meu marido, foi um choque: O rajá era um velho doente, quase moribundo. Senti-me enganada. Alguns meses depois, ele se extinguiu, e brâmanes cruéis quiseram me sacrificar como sua viúva... eu que nunca tinha sido verdadeiramente sua esposa!

ARCHIBALD - Sim! Mas você felizmente escapou deles... senhorita!

AOUDA (*surpresa*) - Senho...

ARCHIBALD (*saudando*) Senhorita, pois finalmente você disse... que...

FOGG - E seria com esse parente indigno que você...

AOUDA - É o único que nos resta.

CENA V

OS MESMOS, PASSEPARTOUT, NEMEA

FOGG - Ah! Passepartout!

AOUDA - E então, meu amigo?...

PASSEPARTOUT - Bem! Na Bolsa de Valores, obtive imediatamente a informação de que precisava e fui à casa do Sr. Amardil.

AOUDA - Ele virá?

PASSEPARTOUT - Ele não pode vir.

FOGG (*rapidamente*) - Ele não pode vir?

PASSEPARTOUT - Não agora.

ARCHIBALD - Por quê?

PASSEPARTOUT - Porque está morto.

FOGG e AOUDA - Morto?

86 PASSEPARTOUT - Morto... e enterrado! Mas se não conheci o honrado falecido, ao menos encontrei uma jovem... bem viva! Vejam!

AOUDA - Nemea! Minha irmã!

PASSEPARTOUT - Ela mesma, aqui está, senhorita.

NEMEA - Aouda! Minha querida Aouda!

ARCHIBALD - Ah! Uma moça bem bonita mesmo!

AOUDA - Ah! Nemea! Nemea!

NEMEA - Querida Aouda, acreditava que você estivesse perdida para sempre. Como estou feliz em ter você nos braços!

AOUDA (*apontando para Fogg, depois para Archibald e Passepartout*) - Meu salvador! Meus salvadores! Agradeça a eles, Nemea. Devo minha vida a eles.

NEMEA - Senhores, ainda não os conheço, mas já amo todos vocês e, de todo o meu coração, sou grata por salvarem minha irmã.

ARCHIBALD (*aparte*) - Que moça gentil, essa jovem!

PASSEPARTOUT (*aparte*) - Eu também! (*Nemea dirige-se a Fogg e aperta sua mão, em seguida faz o mesmo com Archibald, que aperta*

sua mão à maneira americana, depois dirige-se a Passepartout, que não estende a mão)

NEMEA - Por favor! Por favor!

ARCHIBALD (*aparte*) - Que gentil! Muito gentil!

AOUDA (*a Nemea*) - Mas você ficou sozinha aqui, minha pobre irmã?

NEMEA - Sim, sozinha, sem protetor e bem preocupada com o futuro!

AOUDA - Mas agora, aqui estou, e vamos viver juntas!

NEMEA - Aqui nesta cidade, bem perto dos territórios independentes, eu não quero isso! Não quero!

CORSICAN - Por quê?

NEMEA - Porque um mês atrás, uns amigos desses brâmanes capturaram uma vítima inglesa, saíram das terras inglesas e a sacrificaram odiosamente, como teriam sacrificado você!

AOUDA - Mas o que fazer, então?

FOGG - Vocês me permitem conduzi-las à Inglaterra?

AOUDA - Inglaterra? Nós?

NEMEA - Lá, minha irmã, não teremos nada a temer!

FOGG - Com certeza! Aceite, Aouda, eu imploro!

PASSEPARTOUT - Mas sim! sim... aceite!

AOUDA - Poderemos atrasá-lo, senhor Fogg!

FOGG - Não!

AOUDA - E aquela sua aposta importante?

FOGG - Não há problema, de forma alguma! A parte do imprevisto estava prevista, e vocês duas são parte dele.

NEMEA - Aceito, senhor. Aceito por ela e por mim. O senhor terá dois corações gratos em vez de um!

ARCHIBALD - Definitivamente essa jovem é... adorável! Parece até que minha perna melhorou!

FOGG - O Rangoom zarpará em breve. Passepartout, reserve duas cabines adicionais para essas senhoritas.

ARCHIBALD (*alto*) - Três cabines!

FOGG - Como? Três?

PASSEPARTOUT - O que disse?

ARCHIBALD (*andando*) - Não manco mais! Ai!... Não! Não! Eu não manco mais, vou partir também!

FOGG - Você vai?

ARCHIBALD - Sim. Já estou farto de Calcutá... uma cidade insuperável, onde só há índios disfarçados de ingleses! Mas não se preocupe, senhor, não tentarei mais matá-lo, entretanto, vou segui-lo para vê-lo perder sua aposta, como aquele compatriota seu que seguia um “domador” para vê-lo ser devorado por seus leões!

FOGG (*impaciente*) - Mas, senhor...

CENA VI

OS MESMOS, FIX, UM MAGISTRADO, DOIS POLICIAIS

88

(*Fix está disfarçado de velho brâmane e muda sua voz para ficar absolutamente irreconhecível*)

MAGISTRADO - Senhor Phileas Fogg?

FOGG - Sou eu.

MAGISTRADO - Sou o magistrado civil do terceiro distrito, e, nessa qualidade, peço-lhe, por favor, que responda a algumas perguntas.

PASSEPARTOUT (*aparte*) - Como é que é?

FOGG - Fale, senhor.

MAGISTRADO (*a Fix*) - Aproxime-se, Brâmane, aproxime-se! Reconhece este senhor?

FIX - Sim, o reconheço.

MAGISTRADO - Você jurou dizer a verdade.

FIX - Segundo o rito indiano, jurei sobre o rabo sagrado de uma vaca.

PASSEPARTOUT - Isso é juramento?

FIX - E que Brahma castigue-me, imediatamente, se eu não falar a verdade, toda a verdade.

MAGISTRADO - Fale.

FIX - Acuso o senhor, que está aqui na frente de vocês, de na noite do dia 19 deste mês ter ferido um dos sacerdotes que presidiu o funeral do rajá. Deste modo, eu, chefe dos brâmanes, peço a punição do culpado.

PASSEPARTOUT - Bem, juro sobre vinte e cinco rabos de vaca! Juro sobre o quarto traseiro de um rebanho inteiro!

MAGISTRADO - Silêncio! (*a Fog*) Esse brâmane diz a verdade?

FOGG - Sim, senhor juiz. Porém, não explica que ele e seus padres queriam queimar uma jovem viva.

FIX - E que Brahma havia condenado.

MAGISTRADO (*voltando-se para Aouda*) - Senhora, isto é verdade?

AOUDA - Sim, senhor, mas peço-lhe para não punir quem me salvou.

MAGISTRADO - Vejamos, senhora, vejamos... Eu acredito que este cavalheiro fez tudo perfeitamente para salvá-la...

PASSEPARTOUT - Gostei. Agora sim, juiz!

MAGISTRADO - Mas errou ao matar um brâmane.

PASSEPARTOUT - Errou? Como?

ARCHIBALD - Oh! Um brâmane a menos ou a mais ...

FOGG - Esse brâmane estava ordenando um crime, um sacrifício terrível que as autoridades inglesas não podem tolerar.

MAGISTRADO - Vejamos, senhor, vejamos...

PASSEPARTOUT (*aparte*) - De novo!

MAGISTRADO - As autoridades inglesas suprimiram esses sacrifícios nas províncias sob sua dominação, mas nos territórios independentes eles respeitam a religião hindu, mesmo em seus erros, e não podem tolerar que um de seus pontífices seja morto no exercício de suas funções.

ARCHIBALD (*perdendo a paciência*) - Oh, mas isso é uma indignidade! Não gosto do senhor Fogg, sou até mesmo seu inimigo. No entanto, no interesse apenas da justiça, declaro que, por ter salvo esta senhora, por ter sacrificado sua fortuna e sua vida, ele não pode ser condenado!

MAGISTRADO - Vejamos, senhor, vejamos...

PASSEPARTOUT (*aparte*) - Novamente! Gosta de ver, essa besta aí.

MAGISTRADO - Não digo que será condenado, mas que será julgado após investigação, e até lá ficará sob custódia.

FIX (*aparte*) - Tudo bem! Tudo bem!

FOGG - Protesto, senhor! (*os policiais avançam e tocam Fogg com a ponta do cassetete*)

MAGISTRADO - Obedeçam a lei! Phileas Fogg, você ficará detido na prisão da cidade, até o fim da investigação.

FIX (*aparte*) - E, antes disso, meu mandado terá chegado.

PASSEPARTOUT - Pelo menos oito dias de atraso! Infelizmente! Patrão, estamos completamente perdidos.

ARCHIBALD - Impossível sair dessa!

FOGG (*aos policiais que avançam em sua direção, tranquilamente*)

90

- Senhor, vamos terminar esse assunto rapidamente, por favor. O navio em que embarcarei está pronto para deixar o porto.

FIX - O quê?

ARCHIBALD - Será que encontrou uma maneira?

MAGISTRADO (*endireitando-se*) - Mas... senhor...

FOGG (*friamente*) - Quanto é a fiança?

TODOS - A fiança?

ARCHIBALD - Ele achou a maneira.

FIX (*ao magistrado*) - Como? Leia com atenção! Sem fiança! Trata-se de um sacrilégio! Ele deve ser preso! Vejamos, senhor, vejamos...

MAGISTRADO - Sim, ele deve ser preso, mas a lei o autoriza a pagar fiança. Vejamos, por favor, vejamos...

PASSEPARTOUT (*provocando Fix, mostrando o magistrado*) - Ele vê muito bem, o senhor ali!

FIX - Ele não vai permitir o pagamento de fiança!

MAGISTRADO - Depende do valor. Dada a gravidade do caso e considerando que o risco deve ser proporcional à pena incorrida, a fiança será de cem mil francos.

ARCHBALD - Cem mil francos!

PASSEPARTOUT - Cem mil francos! Cem mil chutes...

FOGG (*friamente*) - Passepartout, a sacola?

FIX (*furioso, aparte*) - Ah! ele vai pagar. Ladrão!

PASSEPARTOUT - Aqui está a bolsa, senhor... mas (*Fogg tira e conta o dinheiro e depois entrega ao magistrado*) Droga! ela esvazia em um relance!

FOGG - Está satisfeito, senhor?

MAGISTRADO - A lei está satisfeita.

FIX - Ah! ele pega meu dinheiro, o “vejamos”!

FOGG - Com todo respeito, senhor magistrado, devo partir. Senhoras, o tempo está se esgotando.

AOUDA e NEMEA - Vamos com o senhor.

FIX (*fora de si*) - Não consegui prendê-lo e ainda me roubou dez mil francos!

ARCHIBALD - Isso é ter muito sangue-frio. Se todos têm essa força no Clube dos Excêntricos, preciso realmente fazer parte desse clube.

PASSEPARTOUT (*a Fix*) - Meu bom Brâmane, tenho a honra de cumprimentá-lo!

FIX - Que Brahma e Vishnu arranquem sua língua!

91

SEXTO QUADRO

A caverna das cobras em Bornéu

O cenário representa uma caverna estranhamente escavada, muito profunda. Grandes rochedos, ladeados por gramíneas e mato, flora tropical.

CENA I

NAKAHIRA, UMA JOVEM MALAIA, MALAIOS

(quando a cortina se abre, a caverna está escura, vê-se apenas suas paredes; Nakahira está vestida com roupas esplêndidas, rainha das encantadoras; jovens malaios a acompanham, também vestidos com roupas festivas)

NAKAHIRA - É realmente aqui a gruta sagrada! Finalmente a vejo novamente, depois de quatro anos passados em terras indígenas.

MALAIA - A rainha ordena que preparemos a fogueira aqui?

NAKAHIRA - Sim, e eu mesma a acenderei, daqui a pouco. Assim, seu calor aquecerá as serpentes sagradas que habitam a gruta. *(alguns malaios executam as ordens de Nakahira, preparam a fogueira com gravetos que coletam)* Finalmente estou na Malásia, livre!

92 Agradeço ao espírito poderoso que protege os escravos. Abençoada seja você, pobre Aouda, cujas últimas palavras foram para quebrar minhas correntes!

MALAIA - Nakahira, choramos muito por você! Quanto você deve ter sofrido!

NAKAHIRA - Sim! Muitos sofrimentos e muitas humilhações também! Até o dia em que uma jovem princesa ascendeu ao trono.

MALAIA - Foi ela quem a libertou! Graças a ela, você está de volta conosco. No dia da festa das encantadoras você reviu nossas terras.

NAKAHIRA - Sim! Também vi as florestas, os templos onde nossos deuses obedeciam à minha voz! Será que ainda a reconhecerão? Minha música encantar novamente? Venham, venham! Entrarei na caverna, indo a suas misteriosas profundezas, onde me repousarei até o despertar de nossas divindades adormecidas! *(Nakahira e os malaios entram na caverna)*

CENA II

ARCHIBALD, PASSEPARTOUT, AOUDA, NEMEA

PASSEPARTOUT (*entrando pelos fundos*) - Uma caverna! Bela caverna, minha nossa! Senhor Corsican!

ARCHIBALD (*entra, acompanhado de Aouda e Nemea, exaustas*) - Venham! Você e sua irmã precisam descansar.

AOUDA - Mas...

ARCHIBALD - Precisam descansar, estão andando desde o amanhecer.

PASSEPARTOUT - Vamos, senhoras, vamos fazer uma fogueira primeiro e preparar uma boa cama! Não imaginem que estão em um hotel.

NEMEA - Minha pobre Aouda, como você parece exausta!

AOUDA - Confesso que estou realmente muito cansada.

ARCHIBALD - Algumas horas de sono lhe darão um pouco de descanso.

PASSEPARTOUT (*junta lenha e folhas, quando vê a fogueira preparada pelos malaios*) - Alguém passou por aqui! A fogueira está toda preparada. Só precisamos acendê-la. (*procura os fósforos no bolso*)

AOUDA - E o senhor Phileas, onde está?

ARCHIBALD - Bom, não se preocupe! Ele foi para a cidade mais próxima para garantir a continuação da viagem a todo custo.

NEMEA - Que tenha sucesso!

PASSEPARTOUT - Ah! Ele terá sucesso.

ARCHIBALD - Talvez... Graças a sua insana aposta, sofremos o naufrágio que nos jogou nesta costa.

NEMEA - E é graças a você, Sr. Archibald, que ainda existo.

ARCHIBALD - Não me agradeça, Nemea! Estou tão feliz por ter podido salvá-la da morte que, na verdade, sou eu quem lhe deve gratidão.

NEMEA - Sem você, teria sido engolida pelo mar furioso.

ARCHIBALD - Verdade, mas estava escrito que eu a salvaria! É a consequência natural do ódio que existe entre Fogg e eu!

NEMEA - Eu não entendo...

ARCHIBALD - É bem simples! Somos inimigos mortais, Sr. Fogg e eu. A antipatia que nos separa manifesta-se também em outras coisas: o fogo que quase matou Aouda, a água que quase engoliu você...

PASSEPARTOUT - É verdade! Aliás, o quarto das damas está pronto.

NEMEA - Venha, Aouda!

AOUDA - Sim, minha irmã! Ah! Estou tão cansada!

ARCHIBALD - Agora vou me informar sobre alguns meios de transporte para chegar à cidade.

AOUDA - Então você acha que o Sr. Fogg vai chegar a tempo?

ARCHIBALD - Ah! Nem me importo!

94

PASSEPARTOUT (*acendendo a fogueira*) - Vai chegar, eu garanto!

Ah, senhorita! Nós tivemos azar. A pane da máquina no Rangoom nos obrigou a fazer escala em Cingapura, e assim perdemos...

ARCHIBALD - Cerca de doze horas!... Muita coisa.

PASSEPARTOUT - Depois disso, procuramos um palhabote¹⁷ para alugar e ir a Hong Kong...

NEMEA - E uma terrível tempestade nos jogou... Onde estamos aqui, senhor Corsican?

ARCHIBALD - Na costa oeste da ilha de Bornéu, a quinze léguas, creio eu, da cidade.

PASSEPARTOUT - E nos perdemos novamente...

ARCHIBALD - Mais doze horas, o que é um bom dia de atraso.

PASSEPARTOUT - Mas poderemos recuperar o tempo perdido, se chegarmos antes desta noite em Bornéu, para pegar o navio ameri-

¹⁷ Veleiro de dois mastros e respectivos mastarés, envergando, em ambos, vela latina quadrangular e gurupés. Semelhante a um iate, a sua grande área de velame permite-lhe alcançar velocidades rápidas, associada a uma grande manobrabilidade.

cano lá. Meu patrão saberá organizar tudo, graças à sacola.

ARCHIBALD - Veremos isso! Passepartout, fique aqui até meu retorno, vigiando nossas companheiras.

PASSEPARTOUT - Conte comigo, senhor! *(Archibald sai depois de olhar uma última vez para as duas viajantes adormecidas)*

PASSEPARTOUT *(cuidando do fogo e olhando as mulheres)* - Já adormeceram! Quão docemente elas dormem! Elas não vacilaram durante esse naufrágio! *(olhando em volta)* Tudo está bem no apartamento das senhoritas. Não vamos perder a bebida. Vamos! Vejo algumas ali. Vamos ao trabalho! *(sai pelos fundos)*

CENA III

AOUDA, NEMEA

(assim que Passepartout sai, ouvem-se alguns ruídos, e logo vemos várias cobras deslizando na entrada da caverna e que vão descendo aos poucos à esquerda; duas cobras rastejam pelo chão e dirigem-se às moças adormecidas; de repente, de todas as fendas das rochas e nas paredes, aparecem centenas desses répteis sibilando)

95

AOUDA *(acorda)* - O que eu ouvi? *(levanta-se e solta um grito abafado)* É um sonho, estou tendo um pesadelo! *(levantando-se e andando)* Não é possível! Que cobras horríveis! *(vendo algumas rastejando em direção a Nemea)* Ah! Nemea!

NEMEA *(acordando)* - Aouda!... *(lança um grito de partir o coração)* Ah!

AOUDA - Minha irmã! *(tenta ir em sua direção; uma cobra se levanta e começa a subir nela, envolvendo-se em sua cintura)* Meu Deus! Meu Deus! Piedade! Piedade!

NEMEA - Aouda!... *(tentando ir ao seu encontro)*

AOUDA *(estendendo o braço)* - Não, eu te proíbo... eu te rogo... Ah!...

NEMEA *(gritando)* - Ajuda! Socorro!... *(ela se dirige ao fundo da caverna; à frente, várias serpentes; ela cambaleia e cai inconsciente)*

CENA IV

OS MESMOS, ARCHIBALD, PASSEPARTOUT, NAKAHIRA, MALAIOS

(nesse momento, Archibald e Passepartout aparecem na abertura da caverna e veem as cobras bloqueando a entrada)

ARCHIBALD – Ah, infelizes!

(ambos procuram romper a barreira de réptil e são cercados; a serpente que abraçou Aouda, ao ver Archibald e Passepartout, solta silvos horríveis e mostra a boca aberta; os outros répteis movem-se com mais fúria em todos os cantos da caverna; Archibald e Passepartout correm para salvar suas companheiras; a cena deve mostrar o auge de horror, mas, nesse momento, Nakahira aparece à direita, seguida pelos jovens malaios)

96 NAKAHIRA - Parem! Parem! Nem uma palavra, nem um gesto! Ninguém, além de mim, pode salvá-las. *(começa, então, a cantar uma canção suave, uma espécie de murmúrio, que é a canção dos encantadores)*

NAKAHIRA *(cantando)*

“Divindades misteriosas,

Vocês que se dignam a se submeter às minhas leis,

Em suas cavernas silenciosas,

Deuses rastejantes, voltem, ouçam minha voz capciosa!”

(ao ouvir a voz de Nakahira, as cobras endireitam-se e rastejam em direção a Nakahira, que as fascina; Nemea volta a si, como se acordasse de um sonho terrível; Aouda, reconhecendo Nakahira, solta um grito; Nakahira, enquanto continua a cantar, acena com a cabeça para Aouda não falar; todas as cobras estão esticadas em sua direção)

SÉTIMO QUADRO

A festa dos encantadores

O cenário representa uma praça sombreada por árvores tropicais e, ao fundo, um templo malaio. Ao abrir a cortina, canções e danças dos habitantes e sacerdotisas da Malásia. Nakahira aparece acompanhada de Aouda, Nemea, Corsican, Passepartout, padres e sacerdotisas malaias. Ao vê-los, as danças param.

MALAIÁ - Rainha, temos tudo pronto para a partida dos estrangeiros.
 NAKAHIRA - Em algumas horas vocês chegarão a Bornéu. Aouda devolveu a liberdade a sua escrava! A escrava salvará sua amada Aouda!

ARCHIBALD – Obrigado, mais uma vez, a você, a quem devemos nossa salvação.

PASSEPARTOUT - Senhoritas, tenho a honra de cumprimentá-las.
(elas saem; a rainha sobe ao trono)

TERCEIRO ATO

OITAVO QUADRO

Uma taberna em São Francisco

Cadeiras, mesas, bebidas, copos etc. Ao fundo, uma janela pela qual pode se ver a estação de trem de São Francisco. Clientes de todo o tipo: marinheiros, operários, comerciantes, soldados e viajantes. Lareira acesa. Cinco horas da tarde.

CENA I

FIX

FIX *(disfarçado de soldado americano; calças largas de veludo, colete, chapéu, polainas de couro; sobranceiras grossas, cavanhaque à moda americana; ele está bem mais gordo; irreconhecível; sentado com um copo de cerveja falando com sua voz natural)* - O ladrão está aqui, em São Francisco. Cheguei de navio. Ele veio em outro navio, naufragou em Bornéu, mas esse acidente atrasou sua

viagem em apenas 48 horas. *(andando de um lado a outro)* Tenho certeza de que gastou uma centena de mil francos nesse acidente! *(sentando-se)* Ah, pouco importa! Vou até o fim! Seu empregado, mesmo sendo esperto, não me reconhecerá com este disfarce. Pegarei o mesmo trem do meu ladrão, mesmo vagão, se for preciso. Não o perderei de vista! *(virando-se)* Passepartout! O que faz aqui? *(vai para uma mesa no canto, afastada)*

CENA II

FIX, PASSEPARTOUT, TABERNEIRO

PASSEPARTOUT *(chega pelos fundos, sacola atravessada no peito, seis revólveres na cintura; senta-se, exausto)* - Ufa! Não precisava correr tanto, os guichês ainda não abriram.

98

TABERNEIRO - O que sirvo para o *gentleman*?

PASSEPARTOUT - Um copo de julepe de menta¹⁸ para o *gentleman*!

TABERNEIRO *(a um garçon que passa)* - Julepe de menta!

PASSEPARTOUT - Diga-me, taberneiro, a que horas os guichês da estação de trem abrem?

TABERNEIRO - Em uma hora.

PASSEPARTOUT - Obrigado. Ah, está olhando minha cintura?

TABERNEIRO - Tem aí uma bela coleção de revólveres!

PASSEPARTOUT - Pois é, viajando por países selvagens, é preciso, mas em países civilizados é outra coisa. E como me informaram que a ferrovia do Pacífico era perigosa *(mostrando os revólveres)*, é preciso se defender. *(mostra também a sacola)*

FIX *(aparte)* - Sim, a sacola com os milhões roubados.

PASSEPARTOUT - Vou ficar mais à vontade. *(coloca em cima da*

18 Coquetel à base de Bourbon, açúcar, água, gelo picado ou raspado e hortelã fresca, típico do sul dos USA, em geral, e do Kentucky Derby, em particular.

mesa a sacola e o cinturão com os revólveres)

TABERNEIRO (*servindo*) - Açúcar, limão, hortelã, gelo, água, conhaque e abacaxi fresco! (*afasta-se*)

PASSEPARTOUT - Obrigado. Esse julepe é bom de beber, mas também de fabricar. (*começa a misturar os ingredientes no copo*)
Devo estar parecendo um ilusionista preparando isso.

FIX (*de pé, apoiado no balcão, olhando a sacola; aparte*) - Ah, a sacola! Talvez, se eu pudesse...

PASSEPARTOUT - Pronto!

FIX - Vou tentar uma estratégia.

PASSEPARTOUT (*pegando um canudo*) - Só falta misturar.

FIX (*aproximando-se de Passepartout, aparte*) - Esse dinheiro aí dentro é o do Banco, é meu! Esse dinheiro quando estiver com Fogg, Fogg não continuará sua viagem.

PASSEPARTOUT (*sugando com o canudo*) - Ah, esses americanos, que povo de absorção de líquidos!

FIX (*aparte*) - Nem mais um instante, vamos lá! (*senta-se à mesa com Passepartout, como se fosse beber o coquetel com outro canudo*)

PASSEPARTOUT - Olha, o amigo!

FIX - Não precisa se incomodar. (*suga o coquetel com seu canudo*)
Obrigado.

PASSEPARTOUT - Que educado, tão amável! É um hábito do seu país?

FIX - Às vezes.

PASSEPARTOUT (*puxando o copo*) - Maldito!

FIX - Entre americanos...

PASSEPARTOUT - Primeiramente, não sou americano.

FIX - Ah, por todos os sacramentos de Sacramento¹⁹, você é um francês, não?

19 Capital do estado norte-americano da Califórnia e sede do condado de Sacramento. Foi fundada em 1839.

PASSEPARTOUT - Dá para ver?

FIX - Se dá para perceber? Basta ver como me recebeu. Adivinhei, na agora, que era. Gosto das pessoas de seu país. Se não fosse americano, gostaria de ser francês.

PASSEPARTOUT - Bom, eu, se não fosse francês gostaria de ser... francês.

FIX (*batendo no ombro de Passepartout*) - Taberneiro, aqui por favor!

TABERNEIRO - Pois não.

FIX - Mostre a cor da “castanhola essencial”.

PASSEPARTOUT - O que é isso?

FIX - Um licor do país.

TABERNEIRO - Um instante, *gentleman*.

FIX (*segurando o taberneiro*) - No entanto, como é preciso ter juízo, e não perder a cabeça, traga-me também água.

100

TABERNEIRO (*surpreso*) - Uma garrafa d’água?

FIX (*baixinho*) - Água não, traga cachaça branca. (*falando normalmente*) Vá, traga-me!

PASSEPARTOUT - Parece que você teme essa bebida.

FIX - Essa bebida é muito forte, mas, com água, você poderá apreciá-la e julgá-la.

PASSEPARTOUT - Vamos julgar, então.

FIX - Você é animado. Sabe por que gosto dos franceses?

PASSEPARTOUT - Porque são amáveis, claro!

TABERNEIRO - Aqui está.

FIX (*enchendo os copos depois que o taberneiro sai*) - Sim, porque são amáveis e também porque a grande fortuna que terei devo a um francês.

PASSEPARTOUT - Hum...

FIX - Prove! Saúde! Espere, é preciso colocar água. Isso é muito forte!

PASSEPARTOUT - Você acha? (*bebe a cachaça transparente e oferece o copo a Fix, que enche seu copo*) Saúde!

FIX - Saúde! (*discretamente, esvazia seu copo*)

PASSEPARTOUT - O que dizia?

FIX - Ah sim, conheci um compatriota seu, um tal Michel Ferrier, que retornou milionário à França.

PASSEPARTOUT - Milionário?

FIX - Ele me garantiu que, a quinze milhas do local que explorava, ao norte de Sacramento, ainda há uma fortuna a ser explorada. (*enche novamente os copos*)

PASSEPARTOUT - Sério?

FIX - Beba.

PASSEPARTOUT - Saúde!

FIX - Beba com água.

PASSEPARTOUT - Esqueci. Saúde! Mas como saberei onde fica esse lugar?

FIX - Michel Ferrier me deu o mapa do lugar.

PASSEPARTOUT - Bom, se há um mapa...

FIX - Veja, ao norte de Sacramento tem um riozinho com areias de ouro que fica... (*desenha no guardanapo de papel; Passepartout olha, já meio tonto*)

PASSEPARTOUT - Entendi.

FIX - Subindo pela esquerda, vê-se uma grande rocha de basalto que tem a forma da cabeça de um macaco...

PASSEPARTOUT (*olhando Fix*) - Cabeça de macaco... estou vendo daqui.

FIX - Siga por este lado por trezentos passos. (*coloca sua mão perto da sacola*) E você chegará lá, no ninho das pepitas de ouro. (*toca na sacola*)

PASSEPARTOUT - Ninho das pepitas...

FIX - E com seis golpes de enxada...

PASSEPARTOUT - Na sexta enxadada... Vou beber também o sexto copo... (*enchendo seu copo*) água, sim, água. Saúde!

FIX - Saúde! Encontrarei meu milhão.

PASSEPARTOUT (*bem bêbado*) - Um milhão... seis golpes de enxada... mais um copo... três enxadadas... não, seis... (*a cabeça cai sobre a mesa e dorme*)

FIX - Consegui! Rápido, agora! (abre a sacola) Trancada com chave, com chave! Vou forçar para abrir. O pacote de cédulas do banco! Peguei as cédulas, e tem o recibo de depósito do Banco de Londres. (coloca no bolso) Vamos! (para) Estou me tornando um ladrão! (tira seu bloco de anotações) “Recebido adiantado para restituir ao Banco da Inglaterra.” (rasga a folha e coloca dentro da sacola) Agora, Phileas Fogg não poderá continuar sua viagem, nem driblar os obstáculos que aparecerem, com suas centenas de mil francos. Estou com o dinheiro do banco e, em breve, pegarei o ladrão! (sai)

CENA III

102 PASSEPARTOUT, TABERNEIRO

(*Passepartout fica sentado, dormindo na mesa; o taberneiro que entrou após a saída de Fix aproxima-se dele e fica estudando a cena*)

TABERNEIRO - Esse aí não é muito resistente. E o outro? (*vai até a porta*) Foi embora. Então será este aqui que vai pagar a conta dos dois. (*sacode Passepartout*) Ei, amigo, ei, acorda! Pode até dormir depois de beber muito, mas é preciso pagar a conta!

PASSEPARTOUT - Ah, pagar... pagar... claro!... pagar.

TABERNEIRO - Sim, pagar, porque seu companheiro já partiu.

PASSEPARTOUT - Meu companheiro partiu? Que companheiro? Ah, sim, Ferrier! Cavar, seis enxadadas... Saúde!

TABERNEIRO - Vamos, vamos! Chega de falação! E meu dinheiro? Não vai me dar?

PASSEPARTOUT (*levantando-se com dificuldade e pegando a sacola*) - Não tenho, não tenho dinheiro, veja. (*mostrando a sacola*) Eis o ninho de pepitas! (*levanta-se*) Como o homem dizia, na sexta

enxadada... vamos pagar você... mercador de água clara! (*abrindo a sacola*) Vamos pagar. (*com a mão dentro da bolsa*)

GARÇON (*ouvindo a campainha da porta*) - Já vai, já vai!... (*sai*)

PASSEPARTOUT (*levantando-se de repente*) - Vou pagar... (*procurando o dinheiro na sacola*) O que é isso? Estou sonhando? Como assim? Não há nada! Estou louco? Impossível! (*pegando o papel deixado por Fix*) Como assim? O que é? (*lendo o bilhete*) Restituição ao banco? Assinado Fix? (*gritando*) Ah, aquele homem, o americano, foi ele! Miserável! Eu sou o miserável agora, deixei-me embriagar como um idiota. Ele pegou tudo, tudo. Arruinou meu patrão. Eu arruinei meu patrão! Meu patrão, sem dinheiro.

CENA IV

OS MESMOS, ARCHIBALD

103

TABERNEIRO (*Archibald entrando pela esquerda*) - Então, podemos dispor de seu quarto, senhor?

ARCHIBALD - Sim, o trem sai em quinze minutos (*vendo Passepartout*) Passepartout! Passepartout! (*cutucando-o*) O que houve?

PASSEPARTOUT (*ainda sentado*) - O que aconteceu? Algo que você gostará... você ficará feliz. (*levanta-se*) Meu patrão está arruinado, roubado!

ARCHIBALD - Roubado? O que você fez?

PASSEPARTOUT - Vai me matar!

ARCHIBALD - Senhor Fogg?

PASSEPARTOUT - Meu patrão!

CENA V

OS MESMOS, FOGG

FOGG - Ah, senhor Corsican! Ainda aqui?

ARCHIBALD - Ainda, senhor.

FOGG - Estamos na América, senhor.

ARCHIBALD - Sim, na América, senhor!

FOGG - No seu país, senhor!

ARCHIBALD - No meu país, senhor!

FOGG - E ficará nele, senhor?

ARCHIBALD - Ficarei, se eu quiser, senhor!

FOGG - Enfim! (*vira-se e vê Passepartout*) Passepartout, você já fez tudo o que lhe pedi, seguiu minhas ordens?

PASSEPARTOUT - Suas... suas ordens?

FOGG - Comprou as armas?

PASSEPARTOUT - As armas... sim, sim, veja! (*aparte*) Em breve, vou precisar delas.

FOGG - Reservou o vagão especial?

104

PASSEPARTOUT - O... o vagão... Não, senhor.

FOGG - Por que não?

PASSEPARTOUT - Os guichês abrem daqui a dez minutos.

FOGG - Você comprará nossas passagens até Nova Iorque.

PASSEPARTOUT - Sim, claro! (*aparte*) Comprarei, mas como vou pagar?

FOGG - Ora, vamos, meu amigo!

PASSEPARTOUT - Acabou. Acabou, senhor. (*olhando Fogg*) O senhor sempre ficou contente com meus serviços, não é?

FOGG - Ah, Passepartout...

PASSEPARTOUT - Sim.

ARCHIBALD - Reserve todos os lugares.

PASSEPARTOUT - Todos?

FOGG (*aparte*) - Hein? O que ele disse? (*anda de um lado para outro com raiva*)

ARCHIBALD - Sim, o meu lugar (*dá dinheiro a Passepartout*) e mais três lugares, (*dá mais dinheiro*) isso deve bastar.

PASSEPARTOUT - E como!

ARCHIBALD - Vá, meu amigo!

PASSEPARTOUT - Como? O senhor e seu inimigo... o que querem?

ARCHIBALD - Vá! Você perdeu o dinheiro, meu jovem, não perca a cabeça também! (*apertando a mão de Passepartout*)

PASSEPARTOUT - Oh, obrigado, senhor, muito obrigado! (*saindo*)

CENA VI

TABERNEIRO (no balcão), ARCHIBALD, FOGG

FOGG (*fica em frente a Archibald olhando sério para ele*) - Senhor Corsican!

ARCHIBALD - Senhor Fogg!

FOGG - Acha, por acaso, que é agradável viajar em companhia de meu inimigo?

105

ARCHIBALD - Acho que não.

FOGG - Então, por que pediu para comprar passagens no mesmo dia que nós?

ARCHIBALD - Para seguir seu plano.

FOGG - Senhor, peço-lhe que siga seu plano.

ARCHIBALD - Qual?

FOGG - De me levar como múmia a Londres?

ARCHIBALD - Não. Já renunciei a esse plano.

FOGG - E, mesmo assim, persiste em nos seguir? Retomarei nossos duelos.

ARCHIBALD - Pare com isso! Não lutarei mais com o senhor!

FOGG - Não lutará mais comigo?

ARCHIBALD - Não, senhor, não. O senhor acha que sou imbecil?

Já entendi, o senhor é dez vezes mais hábil na esgrima do que eu.

Já percebi minha inferioridade

FOGG - Eu?

ARCHIBALD - Sim, o senhor contenta-se em me tocar de leve, quando poderia me perfurar e ferir quando quisesse.

FOGG - Permita-me.

ARCHIBALD - Isso mesmo. O senhor me trata com desdém, com compaixão, recusando-se a me matar. Esse desdém e essa compaixão **é** um grave insulto, creia-me! Como não posso convencê-lo, peço-lhe...

FOGG - O quê?

ARCHIBALD - Peço-lhe...

FOGG - O quê, então?

ARCHIBALD - Peço-lhe sua amizade, Phileas!

FOGG - Veja só, aguardo essas palavras há quinze dias!

ARCHIBALD - Sério? Seremos amigos?

FOGG - Sim, seremos amigos. Amigos com muito prazer. (*apertando as mãos*)

106

ARCHIBALD - Maravilha!

FOGG - Vamos chamar as damas.

ARCHIBALD - Vamos! Agora somos dois para enfrentar os obstáculos e ganhar sua aposta. (*sai*)

NONO QUADRO

Trem atacado na ferrovia do Pacífico

Vasta planície coberta de neve. Ferrovia um pouco à direita, uma casinha de operários.

CENA I

DOIS OPERÁRIOS (passeando na frente do palco)

1º OPERÁRIO - Que horas são?

2º OPERÁRIO (*olhando o relógio*) - Espera! São exatamente quatro horas e dez minutos.

1º OPERÁRIO - Em quinze minutos, o trem de São Francisco vai

passar.

2º OPERÁRIO - Se não estiver atrasado! Avistaram novos grupos de índios Pawnee²⁰ na região. Eles atacam diligências e trens. *(alguns índios Pawnee aparecem à direita)*

1º OPERÁRIO - Está frio essa manhã.

2º OPERÁRIO - Verdade, mas o sol já vai aparecer.

1º OPERÁRIO - Ainda temos tempo. Vamos entrar e nos aquecer até o trem chegar.

CENA II

CHEFE PAWNEE, ÍNDIOS PAWNEE

(uns vinte índios reúnem-se em volta do chefe)

CHEFE PAWNEE - O trem vai chegar.

UM ÍNDIO - Somos vinte, somente.

107

CHEFE PAWNEE - Verdade, mas não atacaremos o trem todo.

UM ÍNDIO - O chefe manda.

CHEFE PAWNEE - Provavelmente serão muitos viajantes... mas descem aqui e, quando forem embora, deixarão o último vagão, pois vamos soltá-lo.

UM ÍNDIO - E depois? *(ouve-se o apito do trem)*

CHEFE PAWNEE - Ficaremos em silêncio, mas prontos para agir. Ouçam, batam, mas não roubem. Somos os vingadores de nossa raça. Queremos a morte de nossos inimigos e não o roubo, que não vingará o massacre de nossos irmãos. *(o trem chega pela esquerda fazendo barulho; locomotiva e quatro vagões)*

CENA III

FOGG, ARCHIBALD, PASSEPARTOUT, FIX, AOUDA,

20 Os Pawnee são uma tribo nativa norte-americana, que originalmente vivia no Estado de Nebraska e no norte do Kansas e atualmente está baseada no Estado de Oklahoma.

NEMEA, MAQUINISTA, AJUDANTE, FUNCIONÁRIOS, VIAJANTES

MAQUINISTA (*ao ajudante*) - O que houve? Por que não avançamos?

AJUDANTE - Não ousa. Os discos estão fora do lugar.

MAQUINISTA - Os discos fora do lugar? Entraremos na estação devagar, com prudência.

AJUDANTE - Não tenha medo!

MAQUINISTA - Os fios do telégrafo estão cortados, os postes caídos. O que aconteceu? A ferrovia está livre?

AJUDANTE - Por enquanto, sim.

MAQUINISTA - Vestígios de índios em toda parte. O que aconteceu?

AJUDANTE - Qual é a nossa distância de Omaha²¹?

MAQUINISTA - 50 milhas, em duas horas chegamos lá. Aqui é a estação de Kearny²².

108

FIX (*vestido como um empregado negro, descendo do compartimento*) - Estou no mesmo trem que meu ladrão e duvido que o empregado dele me reconheça.

PASSEPARTOUT (*descendo de outro*) - Ser roubado dessa maneira! Como um idiota. Quando meu patrão souber, o que farei?

FIX (*aproximando-se de Passepartout*) - Está bem frio, não é Francês?

PASSEPARTOUT - Vai para o diabo!

FIX - Que mal humor!

PASSEPARTOUT - Isso, não estou de bom humor. Não falo sua língua.

ARCHIBALD - É bom esticar as pernas um pouco. Estamos no trem há cinco dias. Novecentas léguas de ferrovia.

PASSEPARTOUT - Na verdade, estou com os pés inchados e congelados.

²¹ Cidade do estado de Nebraska.

²² Kearny é uma cidade localizada no estado americano de Nova Jérsei, no Condado de Hudson.

FIX - Querer bater solas com o negro aqui?

PASSEPARTOUT - Bater solas?

FIX - Para esquentar nossos pés.

PASSEPARTOUT - Pode ser. Ah, se encontro meu ladrão... (*batendo os pés*)

FIX - Branco foi roubado?

PASSEPARTOUT - Fui. Mas se encontro o safado...

FIX - Bom branco, continue batendo os pés.

PASSEPARTOUT - Se escapar, vai ser pior.

FIX - Hoje não escapa, está muito frio. (*ri e Passepartout dá um empurrão com o pé*) Se levantar a mão para um bom negro, eu quebrar sua cabeça, bom branco. Zizambula, dom, som, zizambule. (*sobe no vagão*)

FOGG (*à porta do vagão*) - Acho que você e sua irmã não deveriam descer.

AOUDA (*colocando a cabeça à porta*) - Tem razão, senhor Fogg, está muito frio mesmo, mas aqui dentro nem dá para perceber.

NEMEA (*à porta do vagão*) - Nem parece que estamos viajando, parece que a paisagem é que viaja.

ARCHIBALD - Que gracinha, essa Nemea!

MAQUINISTA - Onde estão os operários? (*olhando para a casinha*)
Coitados!

ARCHIBALD - O que houve?

MAQUINISTA - Pobres operários!

ARCHIBALD - Por quê?

MAQUINISTA - Foram assassinados pelos índios.

FOGG - Índios?

ARCHIBALD - Precisamos...

MAQUINISTA - Precisamos partir e avisar ao próximo forte. Senhores, para dentro, entrem. (*viajantes apressam-se*)

ARCHIBALD - Mas será que a ferrovia está livre?

MAQUINISTA - Senhores, subirei na locomotiva e agiremos com

cautela e prudência. Entrem, vamos!

FOGG - Archibald, prepare-se para tudo. *(Fix sai pela direita, todos sobem no trem; não há ninguém em cena; assim que o trem começa lentamente a se mexer, índios começam a soltar o vagão onde está Fogg; o apito do trem soa, o trem parte, mas o vagão de Fogg fica em cena)*

CENA IV

OS MESMOS, CHEFE PAWNEE, ÍNDIOS PAWNEE

(alguns minutos depois, as janelinhas da porta do vagão se abrem)

ARCHIBALD - Ué! estamos parados.

(ouvem-se gritos dos índios; os índios atacam o vagão; as portas se abrem, viajantes, Archibald, Passepartout e Fogg descem)

110 FOGG - Índios!

TODOS - Índios!

AOUDA e NEMEA *(de dentro do vagão)* - Socorro!

PASSEPARTOUT E OS OUTROS *(lutando com os índios)* - Coragem!

CENA V

FOGG, ARCHIBALD, PASSEPARTOUT, FIX, MAQUINISTA, AJUDANTES, VIAJANTES

(o trem retorna à cena, juntando-se ao vagão de Fogg)

PASSEPARTOUT - Hurra! *(atirando)*

MAQUINISTA - Malditos bandidos! Soltaram o vagão, mas ouvi os tiros.

FOGG - Retornemos para juntos de nossas companheiras.

ARCHIBALD - Desapareceram!

PASSEPARTOUT - Foram raptadas!

FOGG *(ao maquinista)* - Senhor, precisamos salvá-las. Vamos atrás

deles, não devem estar muito longe.

ARCHIBALD - Vamos, vamos logo!

FOGG - O trem pode esperar uma ou duas horas?

MAQUINISTA - Impossível! A ferrovia só tem uma via, e precisamos liberar os trilhos para o trem que vem.

FOGG - Envie um telegrama.

MAQUINISTA - Os fios foram cortados.

ARCHIBALD - Não podemos deixá-las nas mãos desses índios, malditos e bandidos!

MAQUINISTA - Senhor, sou responsável por todos esses viajantes. Engatem, imediatamente, este vagão ao trem! *(essas ordens são cumpridas)*

FOGG - Parta, então! Eu ficarei.

ARCHIBALD - Não! Parta senhor Fogg! Algumas horas de atraso consumiria sua fortuna. Parta! Eu ficarei.

PASSEPARTOUT - Ficarei também.

FOGG - Partir, quando Aouda e sua irmã correm perigo? Não, impossível! Primeiro vamos salvá-las. Senhor, nós já passamos por um forte, não?

MAQUINISTA - Sim, o forte de Kearny. Corram, os soldados ajudarão na busca.

FOGG - Amigos, vamos! Ao forte de Kearney!

ARCHIBALD - Ao forte de Kearney! Que Deus nos ajude!

DÉCIMO QUADRO

A cena representa um lugar selvagem, chamado nos USA de “Escada dos Gigantes”. À esquerda, uma escada natural feita de rochas, com largos degraus, águas caindo sobre eles. Alguns pinheiros e árvores. Ao fundo, altas montanhas. Tudo está coberto de neve.

CENA I

FOGG, ARCHIBALD, PASSEPARTOUT, SARGENTO, SOLDADOS AMERICANOS

SARGENTO - Alto lá!

ARCHIBALD - Sargento, onde estamos?

SARGENTO - A oito léguas do forte de Kearney, onde vocês foram pedir ajuda.

ARCHIBALD - Lá é a Escada dos Gigantes?

SARGENTO - Exatamente.

FOGG - É o lugar onde os Pawnee vêm de vez em quando.

SARGENTO - Isso mesmo.

FOGG - Inclusive, podemos ver suas marcas na neve.

SARGENTO - Mas agora, dividam-se...

112 ARCHIBALD - O que faremos?

FOGG - Vamos nos separar também e ir atrás deles.

ARCHIBALD (*ao sargento*) - Esses índios não matariam duas mulheres apenas pelo prazer de matar.

SARGENTO (*sacudindo a cabeça*) - Esses Pawnee juraram uma vingança implacável aos brancos. Já atacaram viajantes inúmeras vezes e não perdoam.

ARCHIBALD - E Passepartout?

FOGG - Ele está seguindo uma pista e, em seguida, nos encontrará na pequena fortificação onde passaremos a noite.

SARGENTO - Onde deixei alguns dos meus soldados.

FOGG - Pois bem, Archibald, você segue pela direita da queda d'água e eu vou seguir as pegadas por aqui. (*sobe as escadas*) E o senhor, Sargento, retorne à fortificação e fique atento a algum sinal de socorro.

SARGENTO - E qual será o sinal?

FOGG - Um tiro.

ARCHIBALD - Combinado!

SARGENTO - Um tiro e nós vamos socorrê-los. *(cada um segue seu caminho, Archibald pela direita, Fogg sobe as escadas, os soldados saem pela direção oposta; quando todos saem, Passepartout aparece)*

CENA II

PASSEPARTOUT

PASSEPARTOUT - Não vi nada. Segui uma pista, mas, de repente, todas as pistas sumiram. *(olha com atenção o chão)* Pegadas aqui, mas esses sapatos não são de índios. Meus camaradas passaram por aqui. Então, vou para o ponto de encontro. *(vai para direita; ouve-se um tipo de grito selvagem)* O que é isso? *(olha para todos os lados)* Um grito de índio, será? *(esconde-se, sobe em uma árvore e observa a planície; ouvem-se novos gritos)* Índios! Estão levando as prisioneiras. Preciso correr à pequena fortificação e avisar aos soldados. *(quando começa a descer, surgem índios de todos os lados)* Estou cercado. Essa árvore tem uma parte oca, vou me esconder e observar.

113

CENA III

AOUDA, NEMEA, CHEFE PAWNEE, ÍNDIOS PAWNEE

CHEFE - Todos que sobraram de nossa tribo estão aqui?

UM PAWNEE - Todos.

CHEFE - E dos que foram feridos no combate, escapou algum?

OUTRO PAWNEE - Nenhum.

CHEFE *(olhando para as mulheres)* - Mas em breve serão vingados.

AOUDA - Por que nos traz tão longe, se nossa morte já está decidida?

NEMEA - Estamos exaustas e mortas de frio.

CHEFE - É aqui que devem morrer.

AOUDA - Para sua vingança, são necessárias duas vidas? Tenha piedade de minha irmã!

NEMEA - Não. Que nós duas tenhamos o mesmo destino! Mate-nos ao mesmo tempo!

CHEFE - Ouçam, eu tinha mulher e filhos, os brancos mataram todos. De minha tribo, a maior e mais valente, restaram apenas esses guerreiros. Somos perseguidos e enxotados dessas planícies que o Grande Espírito nos deu. Em breve, o último pawnee cairá atingido pelas balas dos invasores. Vocês me pedem indulgência?

AOUDA - Para ela.

NEMEA - Não quero.

CHEFE - Os seus não tiveram piedade para o meu último filho. Foi aqui que o atacaram, na hora que a sombra desta árvore se projetava lá. E será aqui que todos os de sua raça que caírem em nossas mãos morrerão.

114

AOUDA - Nossa raça? Não somos americanas.

NEMEA - Somos de um país longínquo, que também foi invadido como o de vocês.

AOUDA - E nossas pátrias, irmãs na desgraça, deveriam se acudir e não se destruir.

CHEFE - Vocês são da pátria dos rostos brancos. Enquanto existir uma machadinha pawnee, suas cabeças rolarão ensanguentadas.

NEMEA - Não tenho mais esperança. (*abraçam-se desesperadas*)

UM PAWNEE - Um estrangeiro está vindo desse lado.

CHEFE - Sozinho?

PAWNEE - Sozinho.

CHEFE - Escondam-se, para que ele chegue sem desconfiar.

AOUDA - Não há mais ninguém! O que significa isso?

NEMEA - Verdade. Por quê?

CENA IV

OS MESMOS, FOGG

AOUDA - Para onde foram? *(olhando para cima, vê Fogg)*

FOGG *(do alto das escadas, avista as duas; desce e os índios reaparecem)* - Um tiro e os amigos chegarão. *(não consegue atirar, pois um índio o agarra)*

UM PAWNEE - Ah! *(levantando a machadinha para matar Fogg)*

CHEFE - Ainda não, pare!

FOGG *(aparte)* - Só preciso dar um tiro para meus amigos chegarem. *(olhando para o chefe)* Você é o chefe?

CHEFE - Sim. Quem é você?

FOGG - Quanto quer em ouro pela vida dessas duas mulheres?

CHEFE - Quanto ouro seria preciso para trazer à vida todos os meus que foram mortos?

FOGG - Então é um ódio implacável que move vocês?

CHEFE - Muito mais que ódio, vingança sem trégua. Todo o sangue de sua raça não aplacará nosso ódio.

FOGG - E vai usar essas pobres mulheres em sua guerra?

CHEFE - Minha guerra? Sabemos como é a guerra dos brancos. Vocês nos mostraram, nos expulsando de nossas planícies e florestas, como se fôssemos um bando de bestas usurpadoras. E ainda perguntam por que temos tanto ódio dos brancos? Poderiam nos tomar as armas, munição e nossas vidas. Mas não basta, vocês nos tomaram a terra onde jazem nossos antepassados, a terra que alimentaria nossos filhos. Perder o solo sagrado de nossa pátria é uma profunda ferida que não cicatriza, que sangra há anos e que alerta cada geração: Lembrem-se! Lembrem-se!

FOGG *(friamente)* - Quando morrerei?

CHEFE - Em breve. Quando a sombra desta árvore chegar aqui. *(apontando)* Aqui serão marcados a hora e o local.

AOUDA - Ele quer nos matar aí também, onde seu filho foi morto.

FOGG (*baixinho*) - Seu filho? Precisamos que um tiro seja ouvido para nos salvarem.

AOUDA - Nos salvar?

FOGG (*ao chefe*) - Quem vai me matar?

CHEFE - Eu mesmo, com essa machadinha.

FOGG - Uma machadinha golpeia, mesmo quando a mão treme.

CHEFE - Minha mão não tremerá.

FOGG - Ela tremerá sim, caso decida apontar a arma que me tomaram, contra meu peito.

CHEFE - Não tremo. Você verá qual de nós é mais poderoso.

FOGG - Vejo que não quer usar a mesma arma que foi usada contra os seus. Esta arma que, neste lugar mesmo, matou um jovem de sua tribo, que implorou por sua vida.

CHEFE (*emocionado*) - Um jovem de minha tribo?

116

FOGG - Um jovem, quase um garoto que se dizia filho de um chefe todo poderoso.

CHEFE - Meu filho? Foi você que o matou?

FOGG - “Poupe-me, poupe-me!”, gritava.

CHEFE - Mentiroso! Meu filho não suplicaria assim.

FOGG - Seu filho suplicou para poupá-lo.

CHEFE - Mentiroso!

FOGG - Ficou de joelhos, aos meus pés, suplicando-me. Um covarde!

CHEFE - Mentira! Mentira!

FOGG - E, friamente, com esta mesma arma que você me tomou, dei-lhe um tiro no peito. E o vi cair aos meus pés.

CHEFE - Então, você morrerá como ele morreu. (*apontando o revólver para o peito de Fogg*)

AOUDA - Ah!

FOGG (*a Aouda*) - Afaste-se! (*ao chefe*) Estou esperando, estou pronto.

CHEFE (*apontando e ajustando a arma*) - Tome! (*nesse momento ouve-se um tiro vindo do tronco de uma árvore, onde Passepartout*

está escondido; o chefe cai, os índios ficam aterrorizados)

FOGG - O que foi isso? *(os índios vão ver o chefe; um deles pega o revólver da mão do chefe e aponta para o peito de Fogg)*

UM PAWNEE - Nossos inimigos têm armas invisíveis. *(com outro tiro de Passepartout, este índio cai; os outros índios gritam e dirigem-se a Fogg; ouvem-se detonações; os soldados chegam; confusão geral, mas os índios são dominados)*

ARCHIBALD - Amigo Fogg, ouvimos o sinal.

PASSEPARTOUT *(saindo da árvore)* - Fui eu quem deu o sinal, senhor.

TODOS - Passepartout!

PASSEPARTOUT - Ele mesmo, para lhes servir.

AOUDA - Ah, senhor Fogg teria morrido para nos salvar!

ARCHIBALD - Você queria morrer?

FOGG - Não, não... Só queria alertar esses corajosos soldados, Aouda. *(pegando o relógio)* Já são três horas... Antes das seis, precisamos pegar o próximo trem para Nova York.

117

QUARTO ATO

DÉCIMO PRIMEIRO QUADRO

O cockpit do vapor Henrietta

O cenário mostra o interior do navio. Ao fundo, uma porta que leva ao convés principal. Portas de cabines nas laterais e mesa ao centro, acima uma claraboia que deixa a luz entrar.

CENA I

FOGG, ARCHIBALD, AOUDA, NEMEA, FIX, PASSEPARTOUT

(todos em volta da mesa para jantar e Passepartout serve as bebidas e depois senta-se em um canto)

ARCHIBALD - Passepartout... Passepartout.

PASSEPARTOUT (*abatido, despertando do “mundo da lua”*) - Sim?

ARCHIBALD - Estamos chamando você há uma hora, e nada de resposta.

PASSEPARTOUT - Ah, senhor, desculpe-me, estava aqui completamente absorto em meus pensamentos.

AOUDA - O que houve?

ARCHIBALD - Eu sei... (*aparte*) O dinheiro roubado, pobre rapaz...

PASSEPARTOUT - Sim, estou preocupado. Senhor Corsican sabe apenas uma parte. O que está me deixando mesmo atordoado é o sonho que tive.

TODOS - Sonho?

PASSEPARTOUT - Um terrível pesadelo, passei a noite toda pensando no meu bico.

NEMEA - Seu bico?

118

ARCHIBALD - Que bico?

PASSEPARTOUT - O bico de gás que esqueci de apagar quando saímos de Londres e que, desde então, queima às minhas custas. No meu sonho, vejo a chama crescer e inflar. De repente, ouço o barulho do vento e, como deixei a janela aberta, vejo as cortinas de musselina balançando ao vento, tocando no maldito bico e pegando fogo! As cortinas em chamas tocam nos móveis de madeira, as chamas dos móveis tocam nas estruturas e vigas de madeira da casa e pegam fogo também. A casa em chamas incendeia todo o bairro, e, quando acordo, Londres está em chamas...Tudo por minha culpa, e prejuízo meu.

FOGG - Fique tranquilo, Passepartout, esse sonho não vai se realizar.

PASSEPARTOUT - Será que não?

FOGG - Os bombeiros apagariam o incêndio. Somente meu apartamento queimaria.

PASSEPARTOUT - Mesmo assim, um prejuízo para mim.

ARCHIBALD - Vamos, esqueça esse sonho e tudo o mais também, meu jovem.

PASSEPARTOUT - Está bem, vamos esquecer.

FIX (*vestido como negro serviçal, traz os pratos*) - Está muito quente, estrangeiros, cuidado para não queimarem os dedos.

ARCHIBALD - Senhoras, um brinde. Saúde!

NEMEA - Com prazer, obrigada, senhor Corsican.

ARCHIBALD - Com prazer, não seria justo, pois este vinho parece vinagre, horrível...

FIX - Não é vinagre.

ARCHIBALD - Aliás, a comida também é detestável.

PASSEPARTOUT - Esse encardido faz umas coisas que nem um Hottentot²³ gosta.

ARCHIBALD (*empurrando o prato*) - Horrível! (*a Fix*) Diga-nos, senhor cozinheiro, o que nos serve?

PASSEPARTOUT - Anda, responde Domingo!

FIX - Coelho.

ARCHIBALD - Isso é coelho?

FIX - Sim, coelho bom do Kentucky.

PASSEPARTOUT - E esse coelho não miou quando foi para a panela?

FIX - Miou? Coelho bom, não ser gato, coelho verdadeiro.

PASSEPARTOUT - Não mesmo, coelho falso que vai nos envenenar. (*empurra o prato*)

FIX - Eu ser bom cozinheiro, servi fazendeiros ricos.

PASSEPARTOUT - Plantadores de repolhos, isso sim!

FIX (*aparte*) - Minha comida está muito boa para esses idiotas. Paciência! Meu mandado já chegou em Nova York, é só esperar sua chegada às terras inglesas.

FOGG - Senhoras, peço-lhes desculpas pela falta de conforto, não estamos em um transatlântico. Deveríamos ter embarcado no China, mas ele zarpou ontem, então fomos obrigados a partir nesse velho vapor de comércio, o único disponível.

²³ Hottentot é um termo historicamente usado para se referir aos Khoekhoe, pastores nômades indígenas da África do Sul.

ARCHIBALD - E o capitão não nos queria como passageiros.

PASSEPARTOUT - Esse capitão, um leão marinho, metade ogro, metade ouriço, ruim de acariciar.

AOUDA - Garanto, senhor Fogg, que nada nos faltará a bordo do Henrietta.

NEMEA - Graças aos cuidados dessa gentil empregada inglesa que contratamos e que se colocou à nossa disposição em Nova York.

AOUDA - Não se preocupem! O capitão Cromarty terá todo nosso reconhecimento, se conduzir o senhor, a tempo, até Liverpool.

FOGG - Ele não nos levará a Liverpool.

ARCHIBALD - Como assim?

FOGG - Estamos indo a Bordeaux.

TODOS - Bordeaux?

FOGG - Graças ao armador e apesar da má vontade do capitão, que não queria passageiros, consegui que aceitassem nosso embarque, mas não foi possível escolher o destino. O Henrietta ia para Bordeaux. Vai para Bordeaux.

ARCHIBALD - Então, estamos perdidos, não chegaremos a Londres a tempo.

AOUDA - Senhor Fogg, o que nos diz?

FOGG - Tudo estará perdido, caso não consigamos intervir nos planos desse capitão teimoso.

ARCHIBALD - E o que pretende?

FOGG - Vou convencer esse maldito leão marinho a mudar a rota. Vamos lhe dar sólidas razões. *(dá tapinhas na sacola que Passepartout carrega)*

PASSEPARTOUT *(nervoso)* - Meu Deus!

FIX *(aparte)* - Não contem com isso!

FOGG - Teremos que sangrá-la. *(mostra a sacola)*

PASSEPARTOUT *(aparte)* - Diabos!

FIX *(aparte)* - Isso é o que veremos! *(Archibald, Fogg, Aouda e Nemea sobem ao convés)*

CENA II

PASSEPARTOUT (abatido), FIX (sorrindo)

PASSEPARTOUT - É agora que tudo vai acabar.

FIX - Eh, eh! (*rindo*)

PASSEPARTOUT - Está rindo por quê, imbecil?

FIX - Eu? Não rir.

PASSEPARTOUT - Uma grande sangria, ele disse. Mas ela já sofreu a maior sangria... Não tem nem mais sangue. (*abrindo e virando a sacola*)

FIX - Eh, eh! (*rindo*)

PASSEPARTOUT (*bem irritado*) - Ainda rindo?

FIX (*irônico*) - Não rir. Estar triste.

PASSEPARTOUT - Agora só me resta mergulhar a cabeça no oceano. (dá um passo para o fundo)

FIX - Eh, eh! (*rindo e esfregando as mãos*)

PASSEPARTOUT - Quer parar, seu idiota? (*dá uma bofetada em Fix e a tinta preta do lado esquerdo de Fix sai*)

FIX - Ai! (*os dois brigam, mas Passepartout percebe o rosto de Fix; encaram-se*)

PASSEPARTOUT (*aparte*) - O negro desbota? Quem é ele?

FIX - Vai me pagar caro, miserável! (*esquecendo o disfarce*)

PASSEPARTOUT (*aparte*) - Agora fala minha língua?

FIX (*controlando-se*) - Você pagar caro, esse tapa, senhor Passepartout!

PASSEPARTOUT (*aparte*) - Está tentando voltar ao seu disfarce. Mas, de repente... Ah, Domingo, (*falando alto*) meu caro Domingo, perdi a razão!

FIX - Perder mesmo.

PASSEPARTOUT - Perdi a razão e peço-lhe desculpas.

FIX - Desculpas? (*dando as costas a Passepartout*) Preciso de outra

coisa. (*aparte*) Não querer desculpas. (*senta-se*)

PASSEPARTOUT - Prefere lavar este insulto? (*aproxima-se e pega um guardanapo*)

FIX (*na frente do palco, batendo os pés*) - Sim, sim. (*aparte*) Vou pegar você, como cúmplice.

PASSEPARTOUT (*pegando o guardanapo molhando em uma tigela*) - Pois bem, vamos lá! Vamos lavar bem. (*pegando a cabeça de Fix com força e esfregando o rosto dele*)

FIX (*reagindo*) - O que está fazendo?

PASSEPARTOUT (*esfregando bem*) - Vamos limpar tudo, meu caro.

FIX - Miserável!

PASSEPARTOUT (*joga o guardanapo e o encara*) - O policial!

FIX - Sim, sou eu. E agora?

PASSEPARTOUT - Agora? Você verá! (*dá-lhe uma rasteira, Fix cai na cadeira, Passepartout o agarra*) Onde está meu dinheiro?

122

FIX (*tentando se soltar*) - Pensa que...

PASSEPARTOUT - Passa o dinheiro ou eu queimo suas entranhas. (*sacando o revólver*)

FIX - Ousaria?

PASSEPARTOUT - Matarei você como um cachorro.

FIX - Mate-me, então, quero ver!

PASSEPARTOUT - Deixa de bobagem, dê o dinheiro do papai para o papai.

FIX - Ah, esse bandido, não consigo resistir! Tome! (*entrega algumas cédulas*)

PASSEPARTOUT - E ainda não acabou.

FIX - Para!

PASSEPARTOUT - Não acabou.

FIX - Chega! Tome! (*entrega o resto*)

PASSEPARTOUT - Agora, sim! Está livre. Senhor, foi um prazer vê-lo.

FIX - Isso não ficará assim, lacaio de ladrão e também ladrão.

PASSEPARTOUT - Recomponha-se, senhor! (*debochando*)

FIX - Você verá, será enforcado. (*sai*)

CENA III

PASSEPARTOUT, MARGARET

PASSEPARTOUT - Eu as vejo, as sinto, as cheiro, as beijo, minhas queridas cédulas. Enfim, posso apertá-las contra meu coração. Vamos queridinhas, voltem para casa, venham! (*coloca todo o dinheiro na sacola*)

MARGARET (*entrando*) - Bom dia, Passepartout!

PASSEPARTOUT - O quê? Quem? Margaret???

MARGARET - Eu mesma, meu Passepartoutzinho. Encontrei vocês no porto, em Nova York, e quando soube que partiam para a Europa, embarquei como empregada das duas damas que os acompanham.

123

PASSEPARTOUT - Misericórdia! Para fazer o quê?

MARGARET - Para casar com você!

PASSEPARTOUT - Nunca, nunca! Estava tão feliz, (*abraça a sacola*) mas a felicidade nunca chega sozinha.

MARGARET - Justamente, chego em segundo lugar.

PASSEPARTOUT - Agradeço.

MARGARET - Ah, Passepartout, se soubesse como somos infelizes longe de quem amamos...

PASSEPARTOUT - Sei sim, Margaret, (*abraçando com força a sacola*) conheci essa dor.

MARGARET - Se você soubesse o quanto sofri com sua partida...

PASSEPARTOUT (*balançando a sacola*) - E eu? Sofri demais com a partida delas, minhas queridas.

MARGARET - Não imagina o quanto me senti sozinha no Clube, depois que nos deixou.

PASSEPARTOUT (*abraçando carinhosamente a sacola*) - Igual a mim, quando elas foram embora.

MARGARET - Quis lhe dar um último adeus, mas quando cheguei à casa do senhor Fogg, estava tudo fechado. Não imaginei que partiriam tão rápido.

PASSEPARTOUT - Não totalmente fechada, havia uma janela aberta.

MARGARET - Verdade, uma janela e uma cortina abertas.

PASSEPARTOUT - Uma cortina de musselina?

MARGARET - O quarto ainda estava iluminado.

PASSEPARTOUT - Diabos! O bico de gás ficou acesso mesmo, meu Deus!

MARGARET - Certamente, um esquecimento.

PASSEPARTOUT - Um terrível esquecimento.

MARGARET - Foi bem imprudente, pois o vento agitava bastante a cortina.

124

PASSEPARTOUT - Exatamente como no meu sonho.

MARGARET - Quando percebi isso, fui buscar uma escada.

PASSEPARTOUT - Como é? Você foi buscar o quê?

MARGARET - Uma escada.

PASSEPARTOUT - Para quê? Por quê? Explica-me!

MARGARET - Ora, para subir.

PASSEPARTOUT - Você... Você subiu? Fala! (*fazendo mímica de fechar o bico de gás*) Entrou no quarto e “brum”.

MARGARET - Sim, e “brum”.

PASSEPARTOUT - Meu bico, minha sacola!! Estou feliz demais! Moça sublime, desligou o bico do gás. (*abraça Margaret*) Oh, Margaret!

MARGARET - Case-se comigo!

PASSEPARTOUT - Caso! Vamos nos casar.

MARGARET - Quando?

PASSEPARTOUT - Amanhã, depois de amanhã, hoje, esta tarde! (*beija e abraça Margaret*)

CENA IV**OS MESMOS, FOGG**

PASSEPARTOUT - Que felicidade, senhor, que alegria! Ela apagou minha sacola e encontrei meu bico.

FOGG - Como é? O significa isso?

MARGARET - Que ele vai se casar comigo.

PASSEPARTOUT - Agora não tem mais jeito. Que azar! Caso-me com ela. *(os dois saem pelos fundos)*

CENA V**FOGG, CAPITÃO**

CAPITÃO *(bruscamente)* - Se o senhor quer falar comigo, fale logo, porque estou muito apressado.

FOGG - É o seguinte, capitão, meus companheiros, embarcando comigo em Nova York, acreditavam que o Henrietta os levaria diretamente a Liverpool.

CAPITÃO - Pois bem, enganaram-se. O Henrietta os levará diretamente a Bordeaux.

FOGG *(bem calmo)* - Diabos! Seria muito incômodo ir a Liverpool, passando por Bordeaux.

CAPITÃO - Para mim, seria realmente incômodo ir a Bordeaux, passando por Liverpool.

FOGG - Mas, capitão Cromarty, o senhor não recusaria um pedido meu para mudar seu destino?

CAPITÃO - Pelo contrário. Recusarei um pedido seu para mudar meu destino.

FOGG - Não!

CAPITÃO - Isso mesmo.

FOGG - O senhor faria isso gentilmente?

CAPITÃO - De maneira nenhuma.

FOGG - Então, e de maneira grosseira, sim?

CAPITÃO - Como ousa me ameaçar? O senhor sabe que posso chamar meus marinheiros, colocá-lo no porão e amarrá-lo.

FOGG - Chame todos os seus marinheiros, capitão.

CAPITÃO - Homens, desçam. Venham!

CENA VI

FOGG, CAPITÃO, PASSEPARTOUT, ARCHIBALD, MARINHEIROS, CONTRAMESTRE (todos no cockpit)

CAPITÃO (*apontando Fogg*) - Prendam este homem!

PASSEPARTOUT - Como é?

126 CAPITÃO - Tranquem-no na cabine dele!

(*Passepartout e Archibald colocam-se entre dois marinheiros, impedindo que se aproximem de Fogg*)

FOGG - Um instante, podem me prender. Vou me entregar, se após leitura desta carta ainda quiserem me prender. (*tira uma carta do bolso*)

CAPITÃO - Carta?

FOGG - Ela diz respeito a todos vocês e foi escrita pelo seu armador. Escutem. “Senhor Fogg, não o aconselho a embarcar no Henrietta, pois é um velho vapor que fará sua última viagem. O Capitão Cromarty recebeu ordens de vendê-lo, tão logo seja possível e, em seguida, dispensará a tripulação com o soldo relativo a um mês, a título de indenização.”

CAPITÃO - E qual é o problema?

FOGG - Pois bem, como seu vapor está à venda, vou comprá-lo.

PASSEPARTOUT - Bravo! Vamos comprá-lo.

CAPITÃO - Mas eu não o venderei.

ARCHIBALD (*aparte*) - Pobre Fogg, vai perder tudo.

FOGG - Seu armador deu-lhe ordens de vender o Henrietta por cento e cinquenta mil francos e a carga por duzentos mil francos, ou seja, no total, trezentos mil francos. Ofereço-lhe quatrocentos!

CAPITÃO - Não!

FOGG - Ofereço-lhe quinhentos mil francos!

CAPITÃO - Que eu não aceito!

ARCHIBALD (*a Fogg*) - Meu pobre amigo, saiba...

PASSEPARTOUT - Vendido a quinhentos mil francos!

ARCHIBALD - Ficou maluco?

FOGG - Além disso, pagarei um ano de indenização aos marinheiros, em vez de um mês.

TODOS - Urra! Urra! Viva o passageiro!

ARCHIBALD (*a Passepartout*) - Precisamos impedir isso.

PASSEPARTOUT - Deixa, deixa ele, senhor.

FOGG - Passepartout, dê-me a sacola.

PASSEPARTOUT - Aqui, patrão, toma!

FOGG (*Archibald estende-lhe sua bolsa*) - Não preciso do seu dinheiro, meu amigo.

PASSEPARTOUT (*rindo*) - Ouviu? Não precisamos do seu dinheiro, nosso amigo.

ARCHIBALD - Aceite, meu caro, pague.

PASSEPARTOUT (*pegando umas cédulas da sacola e entregando a Fogg*) - Patrão, aceite, pegue!

ARCHIBALD (*surpreso*) - Como assim? O que é isso?

PASSEPARTOUT - Cédulas de dinheiro.

ARCHIBALD (*surpreso ainda*) - Mas...

PASSEPARTOUT - Achei tudo.

ARCHIBALD - E você não me disse nada? (*guardando seu dinheiro em sua bolsa*)

FOGG (*pegando o dinheiro das mãos de Passepartout*) - E então, capitão?

CAPITÃO - Já lhe disse, não aceito.

CONTRAMESTRE - Ora, vamos, capitão, aceite!

CAPITÃO - Recuso-me a vender este vapor àquele homem (*aponta para Fogg*) que me afrontou e me insultou!

FOGG - O senhor não tem esse direito.

MARINHEIROS - Não, capitão, não pode. (*seguram o capitão*)

CAPITÃO (*tentando se soltar; com muita raiva*) - Nunca, nunca! Já disse que não quero!

FOGG (*pegando as cédulas e enfiando no bolso do capitão*) - Cem mil francos!

CAPITÃO (*com raiva*) - Ladrão!

ARCHIBALD - Duzentos mil francos!

CAPITÃO (*com muita raiva*) - Ladrão!

FOGG - Trezentos mil francos!

CAPITÃO (*ainda com raiva*) - Ladrão!

128

ARCHIBALD - Quatrocentos mil francos!

CAPITÃO (*com muita raiva*) - Ladrão!

FOGG - Quinhentos mil francos!

CAPITÃO (*com muita raiva*) - Ladrão!

ARCHIBALD - Diabos! Está cheio de dinheiro, precisa de mais o quê?

CAPITÃO - Está bem, rendo-me. O navio é seu, miserável. Você pagou por ele, enfiaram dinheiro em todos os meus bolsos e roupas. Agora ele lhe pertence da popa à proa, da quilha ao topo do mastro, porém, não o pilotarei mais. Veremos onde irá esse vapor dos diabos sem seu capitão.

FOGG - Terá um.

CAPITÃO - Quem?

FOGG - Eu! E meu segundo capitão. (*apontando para Corsican*)

ARCHIBALD - Aceito, com prazer, senhor. Estou às suas ordens!

FOGG - A todo vapor em direção a Liverpool!

ARCHIBALD - A todo vapor em direção a Liverpool!

DÉCIMO SEGUNDO QUADRO

Henrietta no alto mar

O cenário mostra o convés, o mastro, a roda do leme.

CENA I

FOGG, PASSEPARTOUT, ARCHIBALD, AOUA, NEMEA, MARGARET, CAPITÃO, CONTRAMESTRE, MARINHEIROS, AJUDANTES

(quando a cortina se abre, Fogg e o contramestre estão de pé no convés dando ordens)

FOGG - Icem as velas superiores! Vamos rápido! Aumentem a pressão!

CONTRAMESTRE - Trinta voltas da hélice por minuto.

FOGG - E nós?

129

CONTRAMESTRE - Cerca de onze nós por hora.

FOG *(dirigindo-se ao timoneiro)* - Rumo ao norte, nordeste.

MARINHEIRO - Sim, capitão.

CAPITÃO *(a Fogg)* - Então, você era marinheiro?

FOGG - De certo modo sim, senhor.

(nesse momento, Archibald, que está caminhando no convés, vem para a frente)

ARCHIBALD - Bem, amigo Fogg, onde estamos?

FOGG - Esse vapor não é rápido! Liverpool já deveria estar à nossa frente.

ARCHIBALD - E onde estamos?

FOGG - Ainda há cinco ou seis horas de distância!

ARCHIBALD - E hoje é o último dia!

FOGG - O último dia, e é absolutamente necessário que eu esteja antes das quatro horas em Liverpool, para pegar o London Express!

ARCHIBALD - Mas com mil demônios! Não podemos acelerar este

maldito vapor?

FOGG - As caldeiras são movidas a carvão e todas estão totalmente carregadas. Pouco importa, acendam o fogo ao máximo, acelerem!

CONTRAMESTRE (*embaraçado*) - Mas, capitão... é que isso...

FOGG - O quê? Qual o problema?

CONTRAMESTRE - O problema, senhor, é o que os marinheiros não quiseram contar. Nos últimos oito dias, o senhor pagou secretamente os ajudantes das caldeiras para que eles nos fizessem andar mais rápido... e esta manhã, às sete horas, não havia mais carvão!

FOGG - Não há mais carvão?

CONTRAMESTRE - Não, mas, como conheço o senhor, resolvi queimar tudo o que foi possível queimar: alguns milhares de presuntos... Não vamos mais comê-los! Eles estão bem esturricados!

FOGG - E depois?

130 CONTRAMESTRE - Depois, queimamos as mesas, móveis, malas, todos os baús.

CAPITÃO (*furioso*) - Meu baú também?

CONTRAMESTRE - Seu baú também, e agora, não há nada!

TODOS - Nada!

FOGG (*olhando em volta*) - Nada! E só me restam três horas!

O CAPITÃO (*ironicamente*) - Ora! E agora?

ARCHIBALD - Sim! O que fazer?

FOGG - Pois bem! Todos no convés. (*Aouda, Nemea, Margaret saem do tombadilho na parte de trás; os marinheiros aparecem; todos se reúnem ao pé do mastro principal*) Meus amigos, ainda estamos a quarenta milhas de Liverpool e, se não chegarmos antes das quatro da tarde, estou perdido. Estão prontos para cumprir minhas ordens, sejam elas quais forem?

TODOS - Sim! Sim!

FOGG - E vocês, Aouda e Nemea, permitam-me expô-las a algum perigo para tentar um último esforço?

AOUDA - Faça isso, senhor Fogg.

NEMEA - Sim, faça.

FOGG - Então, meus caros, peguem alicates, machados e serras!
(vários marinheiros saem correndo e trazem as ferramentas)

CAPITÃO - Então, o que você vai fazer?

ARCHIBALD - Bom trabalho! Entendi, e ele está certo. Que as grades e o tombadilho sejam demolidos, que quebrems este convés, o mastro, cortaremos toda a madeira possível para alimentar o fogo das caldeiras! É isso, capitão?

FOGG - Sim, é isso, meus amigos!

ARCHIBALD - Peguem as ferramentas! *(começam a cumprir as ordens de Fogg)*

CAPITÃO - Estão queimando meu navio!

FOGG - Mas ele não é meu?

ARCHIBALD - É nosso, senhor.

CAPITÃO - Você pagou por ele e por isso vai queimá-lo?

FOGG - Exatamente.

CAPITÃO - Estou começando a gostar deste homem! Este inglês é um verdadeiro americano! Precisa chegar, quer chegar de qualquer maneira! Então, queime o navio! *(junta-se ao grupo de marinheiros e empunha um machado)*

ARCHIBALD *(gritando aos marinheiros)* - Fiquem firmes!

FOGG *(ao contramestre)* - E então?

CONTRAMESTRE - Temos 35 rotações por minuto, mas o vapor está escapando pelas válvulas.

FOGG - Então... fechem as válvulas!

CAPITÃO - Mas temos que pular!

ARCHIBALD - Bem, vamos pular!

TODOS - Fechem as válvulas! Rápido!

(os marinheiros sobem na cúpula das caldeiras e colocam mastros pesados nas válvulas; o movimento do motor acelera e o pêndulo sobe e desce com uma velocidade assustadora; nesse momento, um imenso jato de vapor e um feixe de fogo sobem em direção ao céu;

explosão assustadora; as caldeiras estouram; a máquina para; vários homens são derrubados, gritaria geral)

TODOS - Ah!

MESTRE - Estamos afundando! Estamos afundando!

(Fogg permanece no convés e o capitão junta-se a ele)

CAPITÃO - Coloquem os botes salva-vidas no mar!

FOGG *(ao capitão)* - Mas, senhor?

CAPITÃO - Estamos em perigo, senhor Fogg. Retomo meu comando!

FOGG - Bem, comandaremos juntos!

CAPITÃO - Juntos, está dito! *(os marinheiros descem os botes)*

ARCHIBALD - Fogg, os botes estão prontos!

FOGG - Embarquem!

CAPITÃO - Embarcar!

FOGG - Primeiro, as mulheres.

132

ARCHIBALD - Agora você, Fogg.

FOGG - Nós seremos os últimos!

CAPITÃO - O último! *(ele aperta a mão de Fogg; as duas mulheres embarcam no bote, o mar está agitado)*

FOGG - Archibald, eu as confio a você!

ARCHIBALD - Conte comigo!

(nesse momento, o passadiço é alcançado pelo mar e o vapor começa a afundar)

DÉCIMO TERCEIRO QUADRO

O cenário mostra o mar, alguns destroços boiando, vê-se um homem sobre um destroço, ajudando alguém.

CENA I

FIX, FOGG, PASSEPARTOUT

FOGG - Aqui, senhor! *(estendendo a mão a Fix)*

FIX - Senhor, muito obrigado! Ah! Senhor Phileas Fogg! Muito

obrigado... Onde estamos, então?

FOGG - No máximo, a duas milhas da costa.

FIX - Em águas inglesas!

FOGG - Sim!

FIX - Então, senhor, eu cumprio meu mandado! Você é meu prisioneiro.

FOGG - Eu? Como é? O que está dizendo? Enlouqueceu?

FIX - Sr. Phileas Fogg, em nome da rainha, eu o prendo!

(nesse momento, Passepartout surge e se atira sobre Fix e depois cai no mar)

CONTRAMESTRE - E eu, em nome do rei, eu te afundo! *(ele o empurra para o mar, mas Fix, que o agarrou, o arrasta consigo)*

FOGG - Contramestre! O que aconteceu... Passepartout?...

PASSEPARTOUT *(reaparecendo)* - O senhor me chamou?

(Fogg ajuda Passepartout a subir; a névoa se dissipa, e vemos no horizonte a entrada do rio Liverpool com casas iluminadas e o farol brilhando)

133

QUINTO ATO

DÉCIMO QUARTO QUADRO

Salão do hotel de Liverpool

Salão do hotel Aldelph, em Liverpool. Janelas à direita e portas à esquerda. Cadeiras, mesas e poltronas.

CENA I

FOGG (escrevendo), PASSEPARTOUT

PASSEPARTOUT - A explosão desse maldito navio pôs tudo a perder! Mal desembarcamos do bote que nos socorreu, corremos para a estação de trem, porém não havia trem! Mesmo que quiséssemos

pegar um trem especial, seria impossível chegar a tempo! Tínhamos somente três horas, e mesmo a toda velocidade, seria preciso cinco horas para chegar a Londres. (*senta-se*) Pobre patrão!

FOGG - Passepartout?

PASSEPARTOUT - Sim.

FOGG - Como nossas duas companheiras de viagem passaram a noite?

PASSEPARTOUT - Muito mal, senhor. Estão completamente desoladas.

FOGG - Pobres crianças! Como pude expô-las a tal perigo, forçando ao máximo a velocidade daquele navio vapor?

PASSEPARTOUT (*aparte*) - Ele nem pensa nele.

FOGG - Passepartout?

PASSEPARTOUT - Senhor.

134

FOGG - E esse louco, porque era louco. Esse infeliz que queria me prender em alto mar, será que foi salvo?

PASSEPARTOUT - Aquele imbecil? Não ligo a mínima para seu destino. Mas não se preocupe, ele foi salvo junto com o corajoso capitão.

FOGG - Foi ontem, domingo, nove horas, que meu prazo expirou!

PASSEPARTOUT - Por causa de duas horas... em oitenta dias. Perder sua fortuna e...

FOGG - Não perdi minha honra. Perdi minha aposta e a pagarei. Conhece Liverpool, Passepartout?

PASSEPARTOUT - Não, senhor. Mas gostaria muito de conhecê-la.

FOGG - Você seria capaz de chegar até os correios?

PASSEPARTOUT - Se for preciso, claro!

FOGG - Aqui está um envelope com um cheque no valor de minha aposta, para meus colegas do Clube.

PASSEPARTOUT - Infelicidade e miséria.

FOGG - Vá rápido e coloque a carta nos correios. Gostaria que ela chegasse ainda hoje, segunda-feira, antes das nove horas da noite. (*sorrindo*) Assim, terei pagado a aposta em vinte quatro horas, como

manda o costume.

PASSEPARTOUT - Certo, senhor!

FOGG - Vá, meu amigo! Gostaria de lhe dizer que fiquei muito satisfeito com seus serviços. Você é um jovem honesto e dedicado. Nunca esquecerei. Agora vá, rápido!

PASSEPARTOUT - O senhor me diz isso como se não fossemos mais nos ver.

FOGG - Estou arruinado, meu caro. Na verdade, tenho a intenção de...

PASSEPARTOUT - Gostaria de informar que tenho a intenção de ficar com o senhor mesmo assim! (*sai*)

CENA II

FOGG

135

FOGG (*refletindo sozinho*) - Minha decisão já foi tomada. Felizmente, minha ruína não provocará outra. E, de todo modo, sou sozinho no mundo, minha morte não causará dor em ninguém. À Aouda, alguma saudade, algumas lágrimas... e depois passará. Ah, meu coração egoísta que se preocupa em não deixar nem sofrimento nem desespero.

CENA III

FOGG, AOUDA

AOUDA (*aproximando-se*) - Senhor Fogg!

FOGG (*levantando-se*) - Ah, Aouda, preferia não lhe ver mais.

AOUDA (*aparte*) - Não me enganei. (*alto*) Não me ver mais? O que planeja?

FOGG - Partir. Continuar a viajar.

AOUDA - Sério?

FOGG - Estou arruinado, Aouda. Só me sobrou um milhão que acabei de enviar a meus colegas. É assim o jogo de apostar.

AOUDA - Não tem mais nada?

FOGG - Apenas cinquenta mil francos, que gostaria que aceitasse. *(dando-lhe um pacote)*

AOUDA - Para mim?

FOGG - Será seu dote. Um dote pequeno, Aouda. Gostaria de poder lhe oferecer vinte vezes mais. Mas minha loucura não permitiu. Nem posso imaginar como seria. Mas mesmo sendo um dote modesto, esta quantia poderá servir de base para a fortuna de um homem honesto, que será feliz com seu amor e sua coragem! *(pegando sua mão)* Esse homem lhe dará fortuna, minha criança, se a amar como você merece ser amada.

AOUDA - Mas, se me der o pouco que lhe resta, o que será do senhor?

136

FOGG - Eu? Vou me refugiar no seio de uma grande família onde nada me faltará.

AOUDA *(controlando sua emoção)* - Ah, compreendo.

FOGG - Aceitará meu presente, certo?

AOUDA - Aceitarei, somente se jurar fazer o que lhe pedirei.

FOGG *(desconfiado)* - O que você pedirá?

AOUDA - Não há nada a temer. Não pedirei nada que contrarie sua decisão. Apenas, eu, que o senhor salvou duas vezes, que não tenho mais família, que nada me prende a esse país, que não tenho pátria... Aonde o senhor for, eu irei.

FOGG *(firme)* - Aouda!

AOUDA - Eu irei.

FOGG - Cumprirei a promessa que me pede.

AOUDA - Pois bem, senhor Fogg. O senhor está arruinado e, mesmo sendo modesto o meu dote, disse-me que servirá de base para a fortuna do homem que amarei. O senhor será esse homem. Eu o amo, senhor Fogg.

FOGG (*abraçando Aouda*) - Aouda, minha querida Aouda!

CENA IV

OS MESMOS, ARCHIBALD, MARGARET, NEMEA, PASSEPARTOUT

(*Passepartout sem chapéu, Archibald espantado, mudo*)

PASSEPARTOUT - Senhor... Patrão. Eu, eu...

ARCHIBALD - Ah, meu amigo! Meu caro Fogg, nós, nós...

FOGG E AOUDA - O que houve?

NEMEA - O que houve? Não posso falar, estou sem ar, pois hoje é domingo.

PASSEPARTOUT, NEMEA, ARCHIBALD - Hoje é domingo! Domingo!

FOGG - Como é?

AOUDA - E daí?

ARCHIBALD - Isso significa, meu amigo, que nos enganamos, temos ainda um dia!

FOGG - Nos enganamos? Impossível!

ARCHIBALD - Impossível, sim, mas é verdade!

PASSEPARTOUT - Hoje é domingo, senhor. A prova disso é que os correios estão fechados.

ARCHIBALD - Todas as lojas estão fechadas. Olhe, veja o senhor mesmo. (*mostrando a janela*)

AOUDA E NEMEA (*olhando a janela*) - É verdade!

PASSEPARTOUT - Quando cheguei aos correios, alguém me disse “Está fechado, hoje é domingo”. Não acreditei, achei que estava sonhando. Perguntei a um transeunte, a dois, a três... “Hoje, é domingo!”, “É domingo!”, “Domingo, ouviu?”.

FOGG - Mas como pode ser? Marquei todos os dias que passaram.

ARCHIBALD - Talvez tenha cometido um erro.

FOGG - Ah, já sei! Esqueci... Quando fazemos a volta ao mundo na

direção do oeste, a hora muda a cada grau, fuso horário... Assim, ganhamos um dia.

ARCHIBALD - Exatamente.

PASSEPARTOUT - Eu não entendo, mas não tem problema.

FOGG - E enquanto o meio-dia sou oitenta vezes para nós, para meus colegas do Clube sou apenas setenta e nove vezes.

MARGARET - Isso!

PASSEPARTOUT - Você entendeu?

MARGARET - Claro que não!

FOGG - Esse dia ganho, inconscientemente...

ARCHIBALD - O senhor perdeu aqui em Liverpool, em vez de partir imediatamente.

AOUDA - Meu querido Fogg...

ARCHIBALD - Há um taxi esperando. Você terá tempo de pegar o expresso para Londres e chegar lá antes das nove horas.

138

AOUDA - Parta! Vá rápido!

TODOS - Vá!

PASSEPARTOUT - Vamos rápido!

(no momento em que abrem a porta, aparece Fix, vestido de agente de polícia)

CENA V

OS MESMOS, FIX, POLICIAIS

FIX - Parem!

PASSEPARTOUT - Ele de novo!

FIX *(mostrando Fogg)* - Prendam este homem!

FOGG - Eu?

FIX *(mostrando Passepartout)* - E seu cúmplice.

FOGG - Acusam-me de quê?

FIX - Você sabe bem, de roubar dois milhões do Banco da Inglaterra!

TODOS - Roubar???

ARCHIBALD - Está acusando-o?

FOGG - Deve haver um engano. Prendendo-me, estará me causando um enorme prejuízo. Se eu perder o trem expresso, estou arruinado!

FIX - Arruinou os outros! Prendam-no! Tenho ordens de prendê-lo.

ARCHIBALD (*falando firme*) - Está louco. Isso é uma loucura, está ouvindo?

FIX - Prendam-no!

FOGG - Senhor, vamos para Londres. Vamos partir imediatamente. Quando chegarmos a Londres...

FIX - Impossível! Já telegrafei dizendo que o prendi.guardo a resposta para saber o que fazer.

PASSEPARTOUT - Por que não afoguei esse cretino?

FIX - Até eu receber a resposta, ficará sob custódia na prisão de Liverpool.

ARCHIBALD (*revoltado*) - Pare! Chega! Estou lhe dizendo mais uma vez, Phileas Fogg não é um ladrão, juro por minha vida, minha alma, senhor, não foi Phileas Fogg quem roubou os dois milhões.

FIX - E tem provas?

ARCHIBALD - Provas? Sim, a prova... Quem roubou fui eu!

TODOS - Você?

ARCHIBALD - Visto que a verdade saiu de minha boca... Fui eu que, após o roubo, fugi para o Egito, onde encontrei o senhor. Fui procurar o senhor Fogg, pois queria entrar no Clube e assim escapar da polícia, para viver tranquilamente em Londres.

FIX - De fato, lembro-me de que, em Suez, dissera-me que no dia do roubo estava no Banco da Inglaterra.

ARCHIBALD - Verdade.

FIX - E que o senhor e o ladrão teriam saído ao mesmo tempo do banco, ocasião em que teria pegado uma grande quantia.

ARCHIBALD - Tome! (*jogando sua bolsa*) O senhor Fogg teve, por

três vezes, minha vida em suas mãos e, por três vezes, poupou-me. Prefiro perder essa fortuna e minha liberdade em vez de vê-lo preso em meu lugar.

FIX (*pegando e abrindo a bolsa*) - Ah, minhas notas do banco!

FOGG - Então foi ele. Posso partir agora?

FIX - O senhor está livre.

AOUDA - Não perca tempo!

FOGG - Então, adeus Aouda! (*a Nemea*) Adeus! (*a Corsican*) Mesmo sendo culpado, o senhor me salvou. Não esquecerei disso. Adeus! Adeus a todos!

CENA VI

OS MESMOS, sem FOGG

PASSEPARTOUT - Senhor Archibald, um ladrão? Quem diria!

140

AOUDA (*olhando Nemea que não tira os olhos de Archibald*) - Pobre Nemea!

NEMEA - Por que diz isso?

AOUDA - Pensei... achei que...

NEMEA - Calma, minha irmã! O coração de Nemea só poderia amar um homem digno de sua estima.

FIX (*pegando as algemas e mostrando a Archibald*) - Posso?

ARCHIBALD - Um instante, senhor. (*aproxima-se de Nemea*) Perdoe, senhorita, minha ousadia de imaginar que eu poderia... (*Nemea senta-se em uma cadeira à mesa, pega uma pena e escreve sem dizer nada*) Nenhuma palavra. Nenhuma. Vamos à justiça. (*Nemea entrega-lhe a carta que ele vai ler*)

NEMEA - Não leia agora. Leia-a quando estiver longe de mim.

ARCHIBALD - Que assim seja! (*coloca a carta no colete e estende os braços a Fix*) Estou pronto, senhor.

FIX - Vamos! (*coloca uma algema, mas, antes de colocar a outra, recebe uma mensagem entregue por um policial*) Ah, as instruções

que aguardava de Londres. (*lendo*) “Pare imediatamente com a perseguição”. Como assim?

AOUDA, NEMEA - Como assim?

FIX (*continua*) - “O ladrão do Banco da Inglaterra nunca saiu de Londres e foi preso há oito dias.”

AOUDA, NEMEA - Preso?

FIX - Preso!

AOUDA (*a Fix*) - Continue, senhor.

PASSEPARTOUT - Leia tudo.

FIX - “O ladrão capturado, há oito dias, devolveu o dinheiro roubado ao Banco.”

ACHIBALD (*a Fix*) - Poderia, por favor, devolver o meu dinheiro?

FIX (*devolvendo a bolsa*) - Ah, minhas notinhas!

PASSEPARTOUT - Mas então, senhor Corsican?

FIX (*a Corsican*) - Então, por que o senhor disse que era o ladrão?

ARCHIBALD - Por quê? Era preciso liberar meu amigo.

FIX - Estou perdido. Só me resta pedir minha demissão. (*sai*)

ARCHIBALD - E você, Nemea, não tem nada a me dizer?

NEMEA - Eu?

ARCHIBALD - Depois do que soube agora...

NEMEA - O que fiquei sabendo?

ARCHIBALD - Que não sou ladrão.

NEMEA - Não tenho nada a acrescentar ao que lhe escrevi.

ARCHIBALD - O que escreveu? (*abre a carta*)

NEMEA - Leia.

ARCHIBALD (*lendo*) - “Você tem um coração honrado e o meu logo percebeu sua generosa mentira.”

AOUDA - Mas como percebeu que sua confissão era mentira?

NEMEA - Porque o amo.

MARGARET - Que gentil!

PASSEPARTOUT - E meu patrão? Ficaré muito feliz quando souber.

AOUDA - Que em breve possamos estar juntos para testemunhar

o triunfo dele!

ARCHIBALD - Nós podemos.

TODOS - Como?

ARCHIBALD - Ele pegou o trem que vai pelo Sul, vamos pegar o trem que vai pelo Norte.

PASSEPARTOUT - Mas esse já partiu!

ARCHIBALD - Vamos fretar um trem para nós, vamos agir à maneira Phileas Fogg.

(todos saem; mudança de cenário)

DÉCIMO QUINTO QUADRO

Festa no clube dos excêntricos

O relógio de parede marca 20:30 e o ponteiro indo para 21:00.

142

CENA I

FLANAGAN, STUART, RALPH, SULLIVAN, OUTROS MEMBROS

FLANAGAN - A festa está animada.

STUART - Ela nos custará o milhão que ganharemos daqui a meia hora, e não nos arrependemos.

RALPH - Verdade! Nem parece que estamos em Londres. Parece que estamos no mais bonito país. Quem diria que o Palácio de Westminster está a dois passos daqui e o Tâmis corre deste lado, em meio ao nevoeiro eterno!

STUART *(mostrando o relógio que marca 20:40)* - Em vinte minutos, o prazo estipulado por Phileas Fogg expirará. Quando o último toque das nove horas soar, nosso milhão estará conosco.

SULLIVAN - A que horas chega o último trem de Liverpool?

STUART - Às 19 horas e 23 minutos, e o próximo chegará somente

à meia noite e dez. Então, se Fogg tivesse pegado o trem das 19:23, já estaria aqui.

RALPH - Isso é verdade.

SULLIVAN - Vejam, também não recebemos nenhuma notícia de nosso colega, desde que partiu de Londres, ou seja, há oitenta dias que expirarão em doze minutos. No entanto, em todo seu percurso, há fios de telégrafo.

STUART - Meus caros, ele perdeu! Perdeu, com certeza. Sabiam que o China, o único navio de Nova York que ele poderia ter pegado chegou ontem? Vejam, o nome de Phileas Fogg não consta na lista de passageiros, divulgada pela Shipping Gazeta.

RALPH - Mesmo admitindo as melhores condições, é provável que nosso colega ainda esteja na América. Estimo um atraso de uns vinte dias do prazo dado por ele.

(a festa está animadíssima; um empregado entra e avisa que tem gente procurando por Phileas Fogg)

TODOS - Procuram por Phileas Fogg??

FLANAGAN - O que será que isso significa?

RALPH - Que essas pessoas pensam que Fogg...

STUART - Que entrem e logo saberemos. *(o empregado retorna com Passepartout, Archibald, em seguida, entram Aouda, Margaret e Nemea)*

CENA II

OS MESMOS, PASSEPARTOUT, ARCHIBALD, AOUDA, NEMEA, MARGARET

ARCHIBALD *(animado)* - Onde está Phileas Fogg? Onde ele está?

STUART - Procuram por Phileas Fogg?

ARCHIBALD - Exatamente!

FLANAGAN - Então ele está em Londres?

PASSEPARTOUT - Sim, deveria estar aqui.

FLANAGAN - Não apareceu.

TODOS - Nem sinal dele!

ARCHIBALD - Então, houve um acidente com o trem dele.

PASSEPARTOUT - Ele está perdido.

STUART - Nove horas! *(começam a soar os toques do relógio)*

ARCHIBALD - Ah, pobre homem! Deveria ter vindo conosco. Nosso trem chegou antes do dele.

AOUDA - Pobrezinho! Ah, senhor Fogg!

(ao sétimo toque, vê-se uma movimentação entre os convidados; ao oitavo, Fogg aparece, vestido em perfeito cavalheiro, terminando de colocar as luvas)

144

CENA III

OS MESMOS, FOGG

AOUDA *(dando um grito)* - É ele!

TODOS - É ele!

FOGG *(tranquilamente)* - Boa noite, senhores!

NEMEA - Qual é o motivo deste atraso agora?

FOGG - Estava com o paletó, mas faltavam as luvas.

TODOS - Urra! Urra! Viva Phileas Fogg!

STUART - Você ganhou, caro colega.

TODOS - E ganhou mesmo.

ARCHIBALD - Ganhou! Ganhou! Honra, dinheiro...

FOGG *(segurando a mão de Aouda)* - E felicidade!

PASSEPARTOUT - Oh!

FOGG *(vendo Archibald)* - Mas... E você?

ARCHIBALD - Tão ladrão quanto o senhor, meu caro Phileas. E a prova... Eis, aqui, minha esposa! *(pegando a mão de Nemea)*

PASSEPARTOUT - E eis, aqui, a minha! (*pegando a mão de Margaret*)

MARGARET - Uma esposa que será doce e fiel!

PASSEPARTOUT - E fiel? Vejam, faço parte também do Clube dos Excêntricos.

FIM

Parte 3

Michel Strogoff¹

Peça em 5 atos e 16 cenas

A. D'Ennery e Jules Verne

Apresentada pela primeira vez no Teatro Galli, em Paris

17 de novembro de 1880

PERSONAGENS

MICHEL STROGOFF (capitão do destacamento de correios do czar)

MARFA STROGOFF (mãe de Michel Strogoff)

IVAN OGAREFF (coronel traidor)

147

BLOUNT (jornalista inglês)

JOLLIVET² (jornalista francês)

GRÃ-DUQUE (irmão do czar russo)

KISSOFF (general russo)

VORONZOFF (general russo)

SANGARRE (chefe das ciganas)

GOVERNADOR DE MOSCOU

NADIA FEDOR

WASSILI FEDOR (pai de Nádia)

CHEFE DA GUARDA DE FRONTEIRA

EMIR FEOFAR (tártaro)

CAPITÃO TÁTARO

SARGENTO TÁTARO

1 Tradução de Mônica Fiuza Bento de Faria e Yasmin Vitorino, no âmbito das atividades do Laboratório de Tradução da UFF (LABESTRAD).

2 Pronúncia: Jolivé.

CHEFE DA CASA DE CORREIO
EMPREGADO DO TELÉGRAFO
PRIMEIRO FUGITIVO
SEGUNDO FUGITIVO
AJUDANTE DE ORDENS
SEGUNDO AJUDANTE DE ORDENS
PADRE (tártaro)
PRIMEIRO VIAJANTE
SEGUNDO VIAJANTE
BOÊMIO

PRIMEIRO ATO

Primeiro quadro

O Palácio Novo

Uma galeria com arcadas, esplendidamente adornada e iluminada, adjacente, à direita, às salas de recepção do palácio e, à esquerda, ao gabinete do governador de Moscou. Porta à direita e à esquerda, veem-se grandes arbustos por uma janela com ampla sacada.

CENA I

JOLLIVET, KISSOF, AJUDANTE DE ORDENS, OFICIAIS, CONVIDADOS, CIVIS

(personagens, agrupados à direita, próximos à porta das salas de recepção, observam a dança; ouve-se a orquestra do baile)

AJUDANTE DE ORDENS - As salas mal conseguem suportar a multidão de convidados!

GENERAL KISSOF - Sim, e os grupos de dança retornarão à galeria... Isso é magnífico!

JOLLIVET- Quem seria, então, o viajante que ousou falar do frio da Rússia, General?

GENERAL KISSOF - A Rússia de julho não é a Rússia de janeiro, senhor Jollivet.

JOLLIVET - Certamente não, mas creio que esta noite o Governador transportou a Rússia para os trópicos! O jardim de inverno, que une os apartamentos particulares de Sua Excelência com os grandes salões de recepção, é verdadeiramente maravilhoso!

GENERAL KISSOF - O que achou da festa, senhor repórter?

JOLLIVET (*mostrando sua caderneta*) - Veja o que acabo de telegrafar, General: “Festa que o Governador de Moscou oferece em homenagem à Sua Majestade, o Imperador de todas as Rússias, esplêndido!”

GENERAL KISSOF - Muito bem! Os jornais franceses falarão de nós em bons termos. Será o mesmo para os jornais ingleses, acredito, graças ao senhor Blount, seu companheiro.

JOLLIVET - O orgulhoso e irritadiço senhor Blount, que pensa que a Inglaterra é a rainha do universo e o *Morning-Post*, o rei dos jornais, e que ambos devem ser sempre os primeiros a serem informados. Para ele, são os primeiros de tudo o que se passa neste globo terrestre!

GENERAL KISSOF - Ah! Pois então, ei-lo aqui!

CENA II

OS MESMOS, BLOUNT

JOLLIVET - Eu falava exatamente do senhor, senhor Blount!

150 BLOUNT - Oh! É uma grande honra que você...

JOLLIVET - Mas não, mas não!

BLOUNT - Honra que você faz a si mesmo.

JOLLIVET (*rindo*) - Obrigada! É encantador! Admita, senhor Blount, que se tivesse, como creio que tenha, um grande coração, seria um homem generoso!

BLOUNT - *Mister* Jollivet, quando “uma homem repórter inglesa” sai de seu país, “seu pátria”, “ela” deveria ter muitas e boas moedas, “boas olhos”, “uma boa estômago”, e deixar seu coração em “seu família”!

JOLLIVET - E é assim que viaja, senhor Blount?

BLOUNT - *Yes!* Se me permite...

JOLLIVET - Sem a menor simpatia por um vizinho?

BLOUNT - Se me permite, *mister* Jollivet! E se não permitir, seria tudo a mesma coisa!

JOLLIVET - O senhor é admiravelmente franco e cordial!

GENERAL KISSOF (*música tocando lá fora*) - Se não me engano, senhores, esses ciganos pediram para serem ouvidos no baile do

Governador e vão começar o show. Recomendo que escutem, é bem interessante!

JOLLIVET - Certamente, senhor General, certamente...

(o General dirige-se ao salão e os convidados se aproximam da porta; Blount e Jollivet continuam em cena)

JOLLIVET *(sentando-se)* - Meu deus! Está muito calor lá, ficarei aqui. *(Blount senta-se do outro lado, pega seu caderno e começa a escrever)* Permita-me, senhor Blount, fazer uma frase tipicamente francesa: Esta festinha é verdadeiramente encantadora!

BLOUNT *(friamente)* - Telegrafei aos leitores do *Morning-Post* “esplêndida festa”.

JOLLIVET - Muito bem! Porém, no meio desse esplendor, há um ponto obscuro. Estão cochichando sobre uma revolta tártara que ameaça as províncias siberianas! Por isso pensei que devia escrever à minha prima...

BLOUNT *(friamente)* - “Premia”? Ah! É com a sua “premia”... que o senhor Jollivet se correspondia?

JOLLIVET - Sim, senhor Blount, sim! O senhor se corresponde com seu jornal, eu, com minha prima Madeleine! É mais nobre assim! Pois minha prima adora estar rapidamente bem informada! Então, pensei que lhe devia dizer que, durante esta festa, uma espécie de nuvem negra passou pelo rosto do Governador!

BLOUNT - Pelo contrário, ele estava com um ar radiante!

JOLLIVET *(rindo)* - E o senhor o fez brilhar nas colunas do *Morning-Post*?

BLOUNT *(secamente)* - O que eu telegrafo interessa somente a mim e ao meu jornal, *mister* Jollivet.

JOLLIVET - Ao seu jornal e ao senhor somente, senhor Blount? Então, admita que isso não interessa a seus leitores.

BLOUNT *(furioso)* - *Mister* Jollivet!

JOLLIVET - Senhor Blount!

BLOUNT - Você sempre “zombar” de mim! E “eu não permitir”, viu,

“eu não permitir”!

JOLLIVET - Não, claro que não!

CENA III

OS MESMOS, GENERAL, GOVERNADOR, OFICIAIS, CONVIDADOS

GOVERNADOR - Bravo! Bravo! Essas ciganas são realmente originais e merecem a reputação que têm. *(aos repórteres)* Ah! Senhores, vocês as viram e as escutaram?

JOLLIVET - Elas são encantadoras, senhor Governador! Era o que dizia neste instante a meu grande colega e amigo, o senhor Blount.

BLOUNT - Colega, sim. Amigo, não.

GOVERNADOR *(rindo)* - Há algumas dessas belas meninas que farão fortuna! *(pega o braço do General Kissoff e passa pela esquerda)*

152

JOLLIVET - Diga, então, senhor Blount, o senhor Governador parece muito feliz? Parece terrivelmente preocupado! O que acha, senhor Blount?

BLOUNT *(secamente)* - O que eu penso não interessa! *(separam-se e confundem-se com outros grupos)*

GOVERNADOR *(ao General)* - Falam sobre a revolta dos tártaros, General?

GENERAL - Sim, e talvez mais do que eu gostaria! Não me surpreenderia se, após o baile, esses dois repórteres fossem averiguar o outro lado da fronteira.

GOVERNADOR - Provavelmente sabem da grande rebelião que joga metade da Ásia contra a outra! A comunicação está funcionando entre Moscou e Irkoutsk³?

GENERAL - Sim! Vossa Excelência pode usá-la em nome do governo e interditar ao público.

GOVERNADOR - É inútil! O importante seria que o Grã-duque,

3 Uma das maiores cidades da Sibéria.

neste momento em Irkoutsk, fosse avisado. Ele sabe que o Emir de Bukhara⁴, Feofar-Khan, incitou a revolução dos tártaros e deu ordens de invadir a Sibéria! E também sabe, pelo nosso último telegrama, que nossas tropas das províncias do Norte partiram para socorrê-lo. Ele sabe o dia exato em que a tropa de reforço chegará em Irkoutsk e onde deverá atacar e esmagar os tártaros!

GENERAL - Nossas tropas acabarão facilmente com essas hordas de selvagens!

GOVERNADOR - O que me intriga é como Feofar foi capaz de conceber e pôr em prática o plano dessa rebelião. Quando tentou pela primeira vez invadir nossas províncias siberianas, teve o apoio desse tal coronel Ivan Ogareff, que agora paga por sua traição, na fortaleza de Tobolsk⁵. Porém, desta vez, Feofar-Khan, com suas grandes ambições, não tem mais Ogareff a seu lado...

153

CENA IV

OS MESMOS, IVAN, SANGARRE, AS CIGANAS

(Ivan saiu do salão e se aproximou do Governador; Sangarre e suas ciganas permaneceram ao fundo, conversando com os repórteres e oficiais)

IVAN *(disfarçado de velho boêmio, fala em tom humilde)* - Senhor Governador.

GOVERNADOR - O que é? Ah, é você, velho boêmio! O que quer de mim?

IVAN - Gostaria de saber se Vossa Excelência está satisfeita com o show das ciganas, que fizemos questão de incluir na programação da festa.

GOVERNADOR - Estou encantado... e gostaria de acreditar que, de

4 Bucara ou Bukhara é a quinta maior cidade do Uzbequistão e capital da província homônima.

5 Localizada na Sibéria, esta prisão foi construída entre 1838 e 1855.

sua parte, não há nada a reclamar! Bem refrescadas, bem pagas?
IVAN - Sim, meu senhor, sim! Além disso, não gostaria de me despedir de Vossa Excelência sem antes ter-lhe agradecido humildemente! Sangarre se juntará a mim!

GOVERNADOR - Sangarre? Ah! Essa linda garota que vejo ali?

IVAN (*fazendo um sinal para que Sangarre se aproxime*) - Sim! Sangarre, a verdadeira chefe das ciganas, Excelência! É para ela a maior parte dos elogios que o senhor se dignou a lhes prestar! (*Sangarre fica orgulhosa sem dizer nada*)

GOVERNADOR - Ela não fala russo?

IVAN - Infelizmente não, meu senhor. Eu também não, o velho boêmio, sou o factótum⁶ delas, organizo os shows e festas, faço os contratos. Sem mim, essa pequena companhia passaria dificuldades. É justamente por isso que venho solicitar um favor a Vossa Excelência...

154

GOVERNADOR - Do que se trata?

IVAN - As festas em homenagem ao Czar acabam amanhã. Não temos mais nada a fazer aqui e a nossa intenção é cruzar a fronteira novamente.

GOVERNADOR - Ah! Vocês querem retornar para Sibéria?

IVAN - Lá é um pouco o nosso país também, Excelência. Porém, a fronteira ficará cheia de comerciantes asiáticos que retornam de suas províncias. Seremos parados a todo momento nos postos de polícia e....

GOVERNADOR - E então? Vocês não têm um passaporte válido?

IVAN - Claro, meu senhor, mas Vossa Excelência sabe melhor do que eu. Um passaporte válido não existe na Rússia! Sempre falta alguma coisinha! Ao passo que, se Vossa Excelência, que diz estar satisfeita conosco, estivesse disposta a oferecer um passaporte especial com

⁶ Indivíduo cuja função é ocupar-se de todos os afazeres de outrem, pessoa imprescindível.

sua assinatura, este precioso talismã, nenhum obstáculo teríamos a temer... e... eu poderia partir antes, para preparar a chegada da minha companhia!

GOVERNADOR - Que seja feito! Você e os seus são pessoas boas que alegraram o Palácio Novo. Não posso me recusar a retribuir a simpatia de vocês!

IVAN - Beijo humildemente as mãos de Vossa Excelência.

GOVERNADOR - E quando planeja deixar Moscou?

IVAN - Amanhã... ao nascer do sol, meu senhor, antes que as portas da cidade estejam lotadas de milhares de estrangeiros que partem.

GOVERNADOR - Então, diga a essa bela menina, sua companheira, que nada atrasará a viagem dela nem a sua. Antes de tudo, irei preparar seu passaporte, que estará nos conformes. *(o Governador sai pela esquerda; o General vai em direção aos convidados)*

CENA V

IVAN, SANGARRE

IVAN *(endireitando-se depois de se certificar que ninguém os observava)* - Em alguns dias terei cruzado a fronteira!

SANGARRE - E então, Ivan, você será realmente livre.

IVAN – Livre, já sou, graças a você que me tirou da fortaleza de Tobolsk, onde eu era prisioneiro desse Czar que odeio! Através de você e seus devotos ciganos, pude me corresponder com Feofar-Khan! Graças a você também invadi o palácio do Governador e obterei esse passaporte, sem o qual nunca poderia cruzar a fronteira para me unir aos exércitos do Emir! Sangarre, nunca me esquecerei disso!

SANGARRE - No dia em que o Coronel Ivan Ogareff me salvou, durante aquela guerra de Khiva⁷, ele trouxe a vida à cigana, que os

⁷ Khiva ou Kharazim é uma cidade do Uzbequistão, situada em um oásis, junto à fronteira com o Turquemenistão.

russos puniram como se fosse uma espiã. Esta cigana lhe pertence de corpo e alma! Ela se tornou a inimiga mortal desses russos que tanto odeia e que, você mesmo, odeia! Ivan, não há mais nada de moscovita em você! Que seu ombro sempre sangue no lugar onde arrancaram suas ombreiras, assim como meu ombro sempre sangrará no lugar onde os golpes o feriram!

IVAN - Não tenha medo de nada! Minha vingança seguirá lado a lado com a sua!

SANGARRE - Ah! Prometo que encontrarei essa siberiana... essa tal Marfa Strogoff, que me denunciou aos russos! Irei encontrá-la, nem que vá buscá-la em Kolyvan⁸, que será tomada pelos tártaros em breve!

156

IVAN - Tomarão Irkoutsk, comandados por mim no ataque à capital! Ah! Grã-duque maldito, que arrancou minha patente, me fez prisioneiro e me impediu de fazer a primeira invasão! Mas, agora, estou livre! Nada poderá salvar Irkoutsk, onde você padecerá de uma morte vergonhosa, nos muros dessa cidade em chamas!

SANGARRE - Sim, mas é preciso evitar qualquer tipo de atraso. E esse passaporte que o Governador prometeu?

IVAN - Em cinco minutos estará em minhas mãos, e partirei imediatamente de Moscou em direção aos postos do Emir! Atenção, alguém está vindo!

CENA VI

OS MESMOS, GOVERNADOR, em seguida UM AJUDANTE DE ORDENS

(o Governador entra pela esquerda, com um passaporte na mão)

GOVERNADOR - Aqui está! Contente? Tome! *(dá o passaporte a Ivan)*

⁸ Kolyvan é uma localidade urbana, no distrito de Kolyvansky de Novosibirsk Oblast, na Rússia.

IVAN (*depois de ler*) - Ah! Excelência, com um passaporte assim, passamos por qualquer lugar! Não falta mais nada.

GOVERNADOR - Somente minha assinatura. Farei em um instante... (*aproxima-se da mesa, senta-se e pega a pena; o ajudante de ordens entra*)

AJUDANTE DE ORDENS - Correspondência para Vossa Excelência! (*entregando uma carta selada; o Governador a lê*)

SANGARRE (*a Ivan*) - Não vai assinar?

IVAN (*baixinho*) - Calma!

GOVERNADOR (*ao General, levando-o para esquerda*) - General, falávamos, neste instante, do Coronel Ivan Ogareff.

SANGARRE (*aparte*) - Seu nome!

GENERAL - Este traidor foi exonerado e condenado à morte, após ter comandado um ataque de tártaros.

GOVERNADOR - Sim, Ogareff, cuja pena de morte foi trocada pela prisão perpétua, pelo Imperador, na fortaleza de Tobolsk. Bom, ele fugiu recentemente da prisão. Foi a mensagem que recebi do gabinete de Petersburgo⁹: Ivan Ogareff escapou! Precisamos capturá-lo!

GENERAL - Monitoraremos com rigor a fronteira, para que não a cruze sem passaporte.

GOVERNADOR (*sentado à mesa, escrevendo*) - Que as ordens sejam repassadas imediatamente! É importante que o Grã-duque seja informado o quanto antes, pois a carta do Ministro me diz que, de acordo com uma correspondência, apreendida após a fuga de Ivan Ogareff, o plano desse traidor é invadir Irkoutsk. Se conseguir, é a morte do Grã-duque, pois ele o odeia profundamente!

IVAN (*a Sangarre*) - Então, sabem de tudo. (*aproximando-se*) Vamos, Excelência!

GOVERNADOR - O que querem? Quem ousa?

9 São Petersburgo é uma cidade portuária russa, situada às margens do Mar Báltico. Ela foi capital imperial por dois séculos, tendo sido fundada em 1703 por Pedro, o Grande.

IVAN - Perdão, meu senhor...

GOVERNADOR - Ah! É você! Um momento. *(continua escrevendo)*

IVAN *(baixinho)* - O que ele vai fazer?

GOVERNADOR *(ao General, levantando-se)* - Envie esta mensagem o mais rápido possível. Graças a ela, esse miserável não cruzará a fronteira, e você, *(Ivan se inclina)* tome, aqui está seu passaporte. Ninguém perturbará você!

IVAN *(com ironia)* - Meu senhor, não sabe o quão sou grato!

GOVERNADOR - Está bem, está bem! Vá!

IVAN *(aparte)* - Venha, Sangarre! Estou livre agora e, em breve, vingado!

(Ivan, Sangarre e os ciganos saem pela porta esquerda, ao mesmo tempo em que Jollivet e Blount entram pela porta direita)

CENA VII

GOVERNADOR, GENERAL, JOLLIVET, BLOUNT, CONVIDADOS

GOVERNADOR *(aos convidados)* - Então, senhores, não ouvem a orquestra chamá-los? Permitirão que os jornais estrangeiros digam que uma festa em homenagem à Sua Majestade terminou antes do amanhecer? Temos, aqui, correspondentes que, certamente, escreverão os mínimos detalhes!

JOLLIVET - Senhor Governador, os repórteres são um bando de curiosos, mas não são indiscretos.

BLOUNT - “Curiosos” sempre, mas indiscretos jamais! Repórteres ingleses? Nunca!

JOLLIVET - Além disso, quanto a mim, pretendo partir de Moscou após o baile e desejo que Vossa Excelência aceite meus sinceros agradecimentos.

BLOUNT - Antes, eu “desejar que receba” os meus também.

JOLLIVET *(rindo)* - Sim, os desse senhor antes, pela recepção ca-

lorosa do senhor Governador...

GOVERNADOR - E para onde irão, senhores?

BLOUNT - Eu? Para a Sibéria.

JOLLIVET - Eu também! Vamos viajar juntos, meu colega!

BLOUNT - Ao mesmo tempo, sim, mas juntos, não!

JOLLIVET - Sempre encantador, senhor Blount!

GOVERNADOR - Compreendo! Fala-se de uma movimentação na Tartária. Porém, não vale a pena se preocuparem com isso!

JOLLIVET - Perdão, Excelência, o meu trabalho é ver tudo!

BLOUNT - “O minha” também! De tudo ver e tudo escutar, sempre!

JOLLIVET - E meu jornal, ou melhor, minha prima, gosta muito dessas notícias que recebe em primeira mão.

BLOUNT - O *Morning-Post* receberá...

JOLLIVET - Antes? Impossível, caro colega! As damas são sempre servidas antes!

GOVERNADOR - Em todo caso, senhores, vocês me pertencem até o dia de hoje, e gostaria que, após terem assistido à festa oficial, assistam, do alto do balcão, à festa popular que começará à meia-noite.

JOLLIVET - Que seja! Partiremos amanhã! Se me permite, farei uma proposta a você, senhor Blount! Somos rivais?

BLOUNT - Inimigos, *mister*!

GOVERNADOR (*rindo*) - Inimigos?

JOLLIVET - Inimigos. Está decidido! Contudo, não vamos começar as hostilidades agora. Precisamos estar no palco da guerra e, uma vez lá, cada um por si e Deus por...

BLOUNT - E Deus por mim.

JOLLIVET - E Deus por você! Por você sozinho! Muito bem! Está bom para você?

BLOUNT - Não! “Não estar” bem!

JOLLIVET - Então vamos imediatamente para a guerra, mas sou um verdadeiro príncipe. (*pega o braço de Blount e o afasta*) Anuncio, “papaizinho”, como dizem os russos, que os tártaros desceram pela

margem do Irtixe¹⁰.

BLOUNT - Ah! Você pensa que os “tértaros”...

JOLLIVET (*rindo*) - Se lhe digo, meu querido inimigo, é porque já telegrafei essa notícia à minha prima, ontem à noite. Às sete e quarenta e cinco! (*ri*) Ha! Ha! Ha!

BLOUNT - E eu, ontem, “já telegrafar” ao *Morning-Post* às sete e meia! Ha! Ha! Ha!

JOLLIVET - Imbecil! Pagará por esta, meu caríssimo senhor Blount!

BLOUNT - Ainda “zombar”, senhor?

JOLLIVET - Na verdade, não, meu caro senhor Blount!

BLOUNT - Você sempre “zombar” de mim!

JOLLIVET - Não é verdade.

BLOUNT (*furioso*) - Você sempre “zombar” de mim, sempre! Você “zombar”, senhor. Você “é uma vilã homem mau!” “Uma personagem malvada”! Você “é uma”... (*tranquilamente*). Como vocês chamam uma pessoa que fala sem educação?

160

JOLLIVET - Um impertinente.

BLOUNT (*tranquilo*) - Impertinente! *Very Well!* Obrigada! (*retomando o tom furioso*) Você “é uma impertinente”, escutou?

JOLLIVET - Ótimo!

BLOUNT - E se “continuo”...

JOLLIVET - E se eu continuar...

BLOUNT- “Acabar matar” você!

JOLLIVET - Me matar? Não entendi.

BLOUNT - Sim! Matar com uma “espida”!

JOLLIVET - Espiga de milho?

BLOUNT - Não! Uma “espida” ou “uma pistolo”!

JOLLIVET - Espada! Dizemos uma espada ou uma pistola!

BLOUNT - Uma espada, assim que se diz?

JOLLIVET - Isso.

BLOUNT - Ou uma pistola?

10 O seu nome significa Rio Branco.

JOLLIVET - Isso.

BLOUNT - Oh! *Very well*, “obrigada”! (*com raiva*) Bom, eu “matar você”, com uma “espida”, espada ou uma pistola!

JOLLIVET - Muito bem! Está progredindo, aluno Blount! Estou feliz por você!

BLOUNT - *Mister* “Jolivette”!

JOLLIVET - Jollivet, por favor! “Jolivette” é ridículo!

BLOUNT - Então, dizer sempre “Jolivette”. “Jolivette”! “Jolivette”! “Jolivette”! Ah! (*com força*)

GOVERNADOR (*entrando*) - Senhores, ouço os primeiros acordes da orquestra. É a nossa dança nacional.

JOLLIVET - Estamos à disposição de Vossa Excelência.

(*os dois entram no salão; no momento em que o Governador e o General vão fechar a porta, o ajudante de ordens entra com pressa pela esquerda*)

161

CENA VIII

GOVERNADOR, GENERAL, AJUDANTE DE ORDENS

AJUDANTE DE ORDENS (*sussurrando*) - Excelência, o fio do telegrafo de Moscou foi cortado!

GOVERNADOR - O que está falando?

AJUDANTE DE ORDENS - Os telegramas estão parando em Kolyvan, na metade do caminho da estrada para a Sibéria, comandada pelos tártaros! (*após um sinal do governador, as portas se abrem*)

GOVERNADOR - O telegrama enviado ao Grã-duque, designando o dia em que a tropa de reforço deverá chegar à Irkoutsk!

AJUDANTE DE ORDENS - Esse telegrama não conseguiu ser entregue a Vossa Alteza.

GOVERNADOR - Esses tártaros, donos da estrada! A Sibéria orien-

tal está separada do resto do império moscovita! O Grã-duque sem saber o dia de seu resgate nem onde será sua fuga! É urgente, *(ao General)* General, não há um destacamento de correios no palácio?

GENERAL - Sim, Excelência.

GOVERNADOR *(escrevendo)* - Existe, nesse destacamento, um homem que possa, mesmo correndo muito perigo, enviar uma carta para Irkoutsk?

AJUDANTE DE ORDENS - Existe sim! Alguém que Vossa Excelência poderia chamar, que, por diversas vezes, conseguiu cumprir missões difíceis.

GOVERNADOR - No estrangeiro?

AJUDANTE DE ORDENS - Até na Sibéria.

GOVERNADOR *(ao ajudante de ordens)* - Traga-o! *(o ajudante de ordens sai pela direita)* Esse homem precisa ter sangue frio, inteligência e coragem.

162

GENERAL - Ele tem tudo que é preciso para ter sucesso onde outros falhariam.

GOVERNADOR - Idade?

GENERAL - Trinta anos.

GOVERNADOR - É um homem forte?

GENERAL - Ele já provou que pode ir até o limite do frio, da fome e do cansaço! Tem um corpo de ferro e um coração de ouro!

GOVERNADOR - Como se chama?

GENERAL - Michel Strogoff.

GOVERNADOR - É preciso que essa carta chegue ao Grã-duque, caso contrário, a Sibéria estará perdida!

CENA IX

OS MESMOS, STROGOFF

(Michel Strogoff entra e para, meio sem jeito; o Governador o observa por um momento, sem dizer nada)

GOVERNADOR - Seu nome é Michel Strogoff?

STROGOFF - Sim, Excelência.

GOVERNADOR - Sua patente?

STROGOFF - Capitão do destacamento de correios do Czar.

GOVERNADOR - Conhece a Sibéria?

STROGOFF - Nasci em Kolyvan.

GOVERNADOR - Ainda possui parentes na cidade?

STROGOFF - Sim, minha mãe.

GOVERNADOR - Desde de quando não a vê?

STROGOFF - Há dois anos não a vejo! Mas acabei de receber uma licença para poder visitá-la, então, partirei.

GOVERNADOR - Não há mais licença, nem mãe! Está encarregado de entregar uma carta, Michel Strogoff, ao Grã-duque, irmão do Czar.

STROGOFF - Levarei essa carta.

GOVERNADOR - O Grã-duque está em Irkoutsk.

STROGOFF - Irei a Irkoutsk.

GOVERNADOR - Talvez não saiba ainda, mas o país foi invadido pelos tártaros. Eles vão querer interceptar a carta! Mesmo assim será preciso atravessar a região!

STROGOFF - Irei atravessá-la.

GOVERNADOR - Passará por Kolyvan?

STROGOFF - Sim, pois é a rota mais direta.

GOVERNADOR - Mas, se for ver sua mãe, poderá ser reconhecido!

STROGOFF - Não a verei.

GOVERNADOR - Receberá dinheiro e passaporte com o nome de Nicolas Korpanoff, um comerciante siberiano. Esse passaporte vai permitir que use os cavalos dos correios. Nicolas Korpanoff poderá também ter um acompanhante, se julgar necessário, podendo ser uma ou várias pessoas. Será respeitado, mesmo se algum governador ou chefe da guarda de fronteira tentar impedir sua passagem. Viajará, então, com o nome de Nicolas Korpanoff.

STROGOFF - Sim, Excelência.

GOVERNADOR - Eis aqui a carta! A vida do Grã-duque e a salvação de toda a Sibéria depende dela!

STROGOFF - Ela será entregue a Sua Alteza.

GOVERNADOR - Talvez haja alguma circunstância grave ou imprevista, e você será forçado a destruí-la. É preciso, então, que você saiba o que está escrito nela, para que transmita ao Grã-duque seu conteúdo, caso o encontre.

STROGOFF - Compreendo.

GOVERNADOR (*lendo a carta*) - “O Coronel Ivan Ogareff escapou da fortaleza de Tobolsk. Ele quer invadir Irkoutsk e deixá-la aos tártaros. Portanto, não podemos confiar nesse traidor. Se, como esperamos, esta mensagem chegar a tempo a Sua Alteza, o Grã-duque será informado de que uma tropa de reforço chegará em Irkoutsk, no dia 24 de setembro, e que um ataque ocorrerá no mesmo dia, esmagando os inimigos entre duas frentes de combate.” (*entrega a carta a Strogoff*) Entendeu? Conseguirá se lembrar?

164

STROGOFF - Entendi e me lembrarei.

GOVERNADOR - Você cruzará as linhas tártaras! E, mesmo assim, deve passar!

STROGOFF - Passarei ou me matarão.

GOVERNADOR - O Czar precisa de você vivo!

STROGOFF - Viverei e passarei.

GOVERNADOR - Jure para mim que nada fará você confessar quem é ou para onde vai!

STROGOFF - Juro!

GOVERNADOR - Parta, então! E na hora de enfrentar o maior dos obstáculos, os maiores perigos, diga a si mesmo essas palavras sagradas “Por Deus, pelo Czar”!

STROGOFF - Pela pátria! (*Strogoff, depois de bater continência, sai pela porta à direita; as portas se abrem e os convidados entram no salão*)

GOVERNADOR - A Festa Popular vai começar. Senhoras e senhores, venham até a sacada! *(todos vão para a sacada)*

SEGUNDO QUADRO

Moscov iluminada

Uma multidão na praça que se estende até a varanda do palácio.

TERCEIRO QUADRO

Desfile noturno à luz de tochas. Desfile dos cavaleiros da guarda do regimento de Preobrajenski¹¹, com tochas, tambores, flautas e trompetes.

SEGUNDO ATO

QUARTO QUADRO

165

Casa de correio¹²

A cena se passa no corredor da casa de correio, localizada na fronteira. À direita, uma casa que servia de albergue. À esquerda, a casa do chefe da guarda de fronteira. Ao fundo, uma grande estrada que acaba se perdendo nas montanhas.

CENA I

CHEFE DA CASA DE CORREIO, CHEFE DA GUARDA DE FRONTEIRA, UM AGENTE, VIAJANTES

(alguns viajantes estão agrupados no corredor da estalagem)

11 Era o mais antigo e um dos mais prestigiosos regimentos da guarda imperial russa.

12 Uma casa de correio, ou correio, era uma casa ou pousada, nas quais os viajantes permaneciam antes de continuarem os traslados de viagens comerciais ou caseiras. Lá, era possível alugar ou trocar cavalos para compor as carruagens.

CHEFE DA CASA DE CORREIO - As estradas de Ural¹³ estão congestionadas! Mal posso fornecer cavalos!

PRIMEIRO VIAJANTE - Que cavalos? Pangerés exaustos?

AGENTE - Vamos! Vamos! Os passaportes! Devolveremos assim que forem vistoriados! (*recolhe os passaportes dos viajantes e entra à esquerda*)

CHEFE DA GUARDA DE FRONTEIRA - Há um congestionamento.

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Verdade, senhor chefe da guarda de fronteira. Terá muito trabalho para despachar toda essa gente. Quase tanto quanto eu, para lhes oferecer cavalos. Na estalagem, só me resta um que, na noite passada, fez cinquenta verstas¹⁴!

CHEFE DA GUARDA DE FRONTEIRA - Somente um?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - E já está reservado para um viajante que chegou há uma hora!

166 CHEFE DA GUARDA DE FRONTEIRA - Quem é esse viajante?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Um comerciante que está indo a Irkoutsk.

CHEFE DA GUARDA DE FRONTEIRA - Vou conferir os passaportes de todas essas pessoas, com rigor! (*entra na casa pela esquerda*)

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Mesmo se tivesse cem cavalos no estábulo, ainda assim não seria o suficiente!

CENA II

CHEFE DA CASA DE CORREIO, STROGOFF

STROGOFF - E o cavalo que reservei?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Nós o alimentamos e lhe demos água.

STROGOFF - É preciso que, em meia hora, esteja atrelado à minha

¹³ Região geográfica localizada ao redor dos montes Urais, entre as planícies do leste europeu e oeste da Sibéria.

¹⁴ Versta: medida itinerária russa equivalente a 1.067 metros.

charrete.

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Estará. Já está tudo em ordem com o chefe da guarda de fronteira?

STROGOFF - Sim.

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Pode me entregar seu passaporte agora, ele verificará junto com os dos outros.

STROGOFF - Não! Eu mesmo irei entregá-lo.

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Como quiser, “paizinho”.

STROGOFF - Uma garrafa de *kwass*¹⁵?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Imediatamente!

(Strogoff senta-se perto de uma mesa, à esquerda, e o chefe da casa do correio sai)

CENA III

OS MESMOS, JOLLIVET

167

(Jollivet entra em cena pelos fundos, está cansado; o chefe da casa do correio sai)

JOLLIVET - Ufa! Mais cem passos e abandonaria minhas malas na estrada. Ainda mais essa aqui que não é minha! *(coloca uma de suas malas em um canto e, segurando a outra, senta-se à mesa em frente a Strogoff)*

STROGOFF - Nicolas Korpanoff, comerciante.

JOLLIVET - Comerciante e rápido como um relâmpago! Há duas horas, o senhor me ultrapassou na estrada. O senhor de charrete e eu em uma telega¹⁶, ou melhor, nem sei mais onde estava. Mas um lugarzinho em sua charrete teria sido muito bom para mim, pois estava deveras aflito!

¹⁵ Kwass ou Kvass significa fermento, mas também é o nome de uma bebida militar russa com baixo teor alcóolico.

¹⁶ Carroça baixa, sem suspensão, com quatro rodas, puxada por cavalos, usada na Rússia para transporte de mercadorias.

STROGOFF - Desculpe... senhor?

JOLLIVET - Alcide Jollivet, correspondente de jornais franceses, em busca de crônicas!

STROGOFF - Bom, senhor Jollivet, lamento muito não tê-lo visto! Entre viajantes, é preciso se ajudar.

JOLLIVET - Verdade, mas nem sempre é possível! Fiz vinte verstas a pé, merci! Um erro não se justifica com outro. Os céus me puniram por escolher uma telega em vez de uma *tarantass*¹⁷.

STROGOFF - Um copo de cerveja, senhor? (*o chefe da casa de correio entra com uma garrafa e copos*)

JOLLIVET - Com prazer!

CHEFE DA CASA DE CORREIO (*a Jollivet*) - Devo preparar um quarto e pegar suas malas?

JOLLIVET - Sim, mas essa não! Não é minha.

168 CHEFE DA CASA DE CORREIO - De quem é, então?

JOLLIVET - Do meu maior inimigo, meu colega Blount, que neste momento deve estar correndo atrás de mim! No entanto, espero já estar bem longe, antes que chegue aqui. Falando nisso, uma charrete e dois cavalos em uma hora!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Não há mais cavalos nem charretes disponíveis!

JOLLIVET - Ah, só me faltava isso! Então, reserve os primeiros que chegarem!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Entendido! A princípio, somente amanhã. Vou reservar um quarto para o senhor.

JOLLIVET - Sim, felizmente tenho uma bela vantagem em relação a Blount!

STROGOFF - Seu inimigo?

JOLLIVET - Meu inimigo e meu rival! Um repórter inglês, que

¹⁷ Tarantass é um veículo puxado a cavalo, de quatro rodas em uma longa estrutura longitudinal, reduzindo os solavancos da estrada em viagens de longa distância. Foi amplamente utilizado na Rússia na primeira metade do século XIX. Geralmente transportava quatro passageiros.

pretende seguir pela estrada de Irkoutsk e atrapalhar meus furos de reportagem! Imagine, senhor Korpanoff, só encontrei uma forma de fazê-lo se distanciar: roubar sua viatura, que estava pronta para partir quando cheguei à casa de correio. Não havia outra e, enquanto ele pagava sua conta, coloquei um pacote com rublos no bolso do cocheiro, digamos seu *iesmkik*¹⁸, como é o costume local... e zarpamos. Naturalmente, acabei trazendo a mala do meu amigo inglês, mas a devolverei intacta. Todavia, a viatura não poderei devolver.

STROGOFF - Por quê, então?

JOLLIVET - Porque é... ou melhor, era uma telega. Sabe, uma telega de quatro rodas?

STROGOFF - Perfeitamente, mas não entendo...

JOLLIVET - Vai entender. Partimos, meu *iesmskik* no banco da frente e eu atrás. Três bons cavalos puxando. Corremos como um furacão! Quase não foi necessário bater com a ponta do chicote nessas três bestas excelentes! Às vezes, foi preciso algumas palavras encorajadoras ditas pelo meu *iesmskik*! “Vamos, minhas pombas!” “Voem, minhas doces cordeirinhas!” “Upa, meu paizinho da esquerda!” Enfim, a corda estava sendo puxada com tanta força que se quebrou... Crac! Os dois comboios da viatura separaram-se, e meu *iesmskik*, sem ouvir meus gritos, continuou a correr no comboio da frente, enquanto eu ficava atrás em apuros! Eis como consegui fazer vinte verstas a pé, com minha mala em uma mão e a do inglês na outra. E, também, por que só posso devolver-lhe meia viatura.

CHEFE DA CASA DE CORREIO (*entrando*) - Seu quarto está pronto, senhor.

JOLLIVET (*dirigindo-se para a porta*) - Obrigado. Adeus, senhor Korpanoff!

STROGOFF - Adeus, senhor!

JOLLIVET (*voltando*) - Ah! Encontrei!

STROGOFF - Quem?

18 Condutor.

JOLLIVET - A verdadeira definição de telega! Será a palavra do final da minha próxima crônica! (*escreve no caderno*) “Telega, carroça russa de quatro rodas quando ela sai... e de duas quando chega!”

Adeus, senhor Korpanoff! (*sai à direita*)

STROGOFF (*levantando-se*) - Adeus, senhor! Que companheiro alegre, esse francês!

CENA IV

STROGOFF, NADIA

(*Nadia chega da estrada principal, à direita, exausta, cai de lado em um banco, à esquerda*)

NADIA - O cansaço está acabando comigo! Impossível continuar! Senhor, senhor! (*tenta se levantar*)

170 STROGOFF (*vira-se para ela*) - Está falando comigo, minha criança? (*aparte*) Que moça encantadora!

NADIA - Desculpe-me, gostaria de lhe perguntar... onde estamos?

STROGOFF - Estamos na fronteira, lá está a guarda.

NADIA - Onde os vistos para a Sibéria são emitidos?

STROGOFF - Sim, o posto da guarda fica ao lado da casa de correio.

NADIA - Na casa de correio é possível encontrar cavalos? Preciso ter certeza.

STROGOFF - É inútil, minha criança. Não há mais cavalos nem charretes. Ainda se passarão muitas horas, para que o dono dos cavalos possa lhe oferecer uma charrete com cavalos.

NADIA - Bom, irei a pé, então!

STROGOFF - A pé?

NADIA - Uma charrete me trouxe até aqui. Deus me ajudará a ir mais longe!

STROGOFF (*aparte*) - Pobre criança! (*alto*) De onde vem assim?

NADIA - De Riga¹⁹.

STROGOFF - E vai para?

NADIA - Irkoutsk!

STROGOFF - Para Irkoutsk? Sozinha! Sem amigos nem guia? Uma viagem tão longa!

NADIA - Não tenho ninguém para me acompanhar. De toda minha família, só há meu pai, que encontrarei quando chegar à Sibéria.

STROGOFF - Para Irkoutsk, você disse! São cento e cinquenta verstas pela frente!

NADIA - Sim, nessa cidade onde há dois anos meu pai foi exilado por um crime político. Até então, vivíamos felizes: eu, ele e minha mãe. Morávamos em uma casa humilde e só pedíamos a Deus para que nos deixasse ficar lá por mais tempo, pois éramos muito felizes. Porém, uma provação chegaria! Meu pai foi preso, e apesar das súplicas de minha mãe doente, apesar de minhas orações, foi arrancado de nossa casa e levado para o outro lado da fronteira. Maldição! Minha mãe disse que não o veria mais! Essa separação agravou sua doença! Alguns meses depois, ela se foi, e o seu último pensamento foi sobre eu ficar sozinha nesse mundo!

STROGOFF - Pobre criança!

NADIA - De fato, estava sozinha nessa cidade, sem família nem amigos. Então, solicitei e obtive a autorização para visitar meu pobre pai exilado na Sibéria. Escrevi-lhe dizendo que partia para vê-lo. Deve estar me esperando. Depois de ter juntado o pouco que tinha, saí de Riga e agora refaço o mesmo caminho que meu pai seguiu anos antes!

STROGOFF - Será necessário atravessar os montes Urais, que foram fatais para tantos viajantes!

NADIA - Sei disso.

STROGOFF - E depois dos Urais, ainda há as intermináveis este-

19 Hoje, capital da Letônia, é banhada pelo Mar Báltico e fica localizada na foz do rio Duína Ocidental.

pes da Sibéria! Grande fadiga para suportar, perigos terríveis para enfrentar!

NADIA - O senhor já suportou essa fadiga? Já enfrentou tais perigos?

STROGOFF - Sim, mas sou homem. Tenho minha energia e coragem!

NADIA - E eu tenho fé e minhas orações.

STROGOFF - Talvez não saiba, mas a região foi invadida pelos tártaros.

NADIA - Não sabia da invasão quando saí de Riga. Foi somente em Nijni²⁰ que soube dessa notícia funesta!

STROGOFF - E mesmo assim seguiu sua viagem?

NADIA - Por quê? O senhor já atravessou os montes Urais?

STROGOFF - Para rever e abraçar minha mãe, uma valente siberiana que mora em Kolyvan!

NADIA - Bom, vou rever e abraçar meu pai! O senhor faz o seu dever e eu faço o meu. O dever é tudo.

172

STROGOFF - Sim... tudo! (*aparte*) Essa jovem... tão bela, sozinha, sem ninguém para defendê-la! (*Nadia que se dirige à esquerda*) Aonde vai?

NADIA - Mostrar meu visto! Sempre é bom evitar atrasos, e, se não partir hoje, como saber se conseguirei amanhã?

STROGOFF - Espere, então! Também preciso validar o meu. Talvez consiga o consentimento do chefe da guarda de fronteira, que ele a atenda antes dos outros viajantes. Venha! Nosso destino talvez seja nunca mais nos ver, mas me lembrarei sempre de você. Gostaria de saber o seu nome.

NADIA - Nadia Fedor. E o seu?

STROGOFF - Eu... me chamo Nicolas Korpanoff. (*entram no posto da guarda de fronteira*)

²⁰ Cidade russa e centro administrativo.

CENA V

BLOUNT, CHEFE DA CASA DE CORREIO

(Blount, coberto de poeira, a cabeça envolta por um véu estilo inglês, chega da estrada principal pelos fundos, montado em uma mula; entra pelo corredor)

BLOUNT *(ao fundo, gritando)* “Hoteleira”, “Mister hoteleira”! *(descendo da mula)* Em que situação deplorável nos encontramos, esta pobre mula e eu! Impossível de continuar essa viagem! *(gritando)* “Mister hoteleira”! Fui forçado a pegar “essa pobre animal”, porque roubaram minha carroça e meu cavalo! Fizemos “uma trajeto muita longo”. “Estávamos tão cansada”, os dois, que ele não conseguia mais me “carragar”, e eu não podia descer dele! *(ainda mais alto)* “Mister hotel”...! “Estar” com muitas dores nos rins! É uma “lombal”... *(falando com a mula)* Como se diz... Ah! Não, ela não sabe... *(berrando)* “lombalguia”! Não conseguia mais ficar em cima dela. *(berrando)* “Mister hoteleira”! “Mister hoteleira”!

173

CHEFE DA CASA DE CORREIO *(entra sendo seguido por um menino)* - Veja! Um viajante?

BLOUNT - Yes! Um viajante abandonado, “sozinha”!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Por que não me chamou, senhor?

BLOUNT *(indignado)* - Por que não “chamou”? Estou gritando “mister hoteleira” há mais de uma hora!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Ah! Estava ocupado nas minhas funções para melhor servi-lo.

BLOUNT - Oh! *Very well*. Então, mister chefe, ajude-me!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Aqui, senhor, aqui! *(ele o ajuda)*

BLOUNT - *All right*, obrigado!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Precisa que aqueça uma cama?

BLOUNT *(surpreso olhando para a mula)* - O que disse? Aqueça “um cama” ... *(para si mesmo)* Aquecer “um cama”?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Uma cama quente para o senhor. Também sou o hoteleiro aqui.

BLOUNT - Ah! *Very well*, “um cama” para mim e...

CHEFE DA CASA DE CORREIO (*mostrando a mula*) - E feno para ela?

BLOUNT (*rindo*) - *Yes!* (*abraça a mula que o menino leva pela direita*) Antes, “querer” almoçar. Depois, “dar a eu um charrete e um chavalo”!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Não há mais, senhor.

BLOUNT - Não tem nem mais “chavalos”?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Nenhum, só amanhã ou depois de amanhã!

BLOUNT - Ah! Se eu pegar quem “mim” roubar!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - O senhor foi roubado?

174

BLOUNT - *Yes*, minha charrete e minha mala. Se eu descobrir quem me “roubar”...

CHEFE DA CASA DE CORREIO - O que o senhor deseja para o almoço?

BLOUNT - Você “mim serve”, aqui, nesta mesa... “mim serve”... (*procurando*) serve “beefsteack”, “stockfish”, “costeletas de ovelha”, “batate”, “pumdin”, “ale”, “porter e clarete”... Entendeu bem?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Entendi muito bem. O senhor disse: “beefsteack”, “stockfish”, costeletas...

BLOUNT - “Batate”, “pumdin”, “ale”, “porter e clarete”!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Mas não tenho nada disso, senhor!

BLOUNT - “Você não ter” nada e “fazer eu dizer o que eu gostar”!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Poderia oferecer-lhe um *koulbat*.

BLOUNT - O que “ser” essa coisa, *koulbat*?

CHEFE DA CASA DECORREIO - Um patê feito de carne moída e ovos.

BLOUNT (*anotando em seu caderno*) - Ah! *Very well!* Se escreve c, o, u, l...

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Não, começa com um K!

BLOUNT - Ah, “uma K”! Está bem, assim.

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Excelente!

BLOUNT - Sirva o *koulbat* então, o que mais tem?

CHEFE DA CASA CORREIO - *Kwass*.

BLOUNT - *Kvas*... Se escreve: c, v, n.

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Não, começa com K!

BLOUNT - Mais um K!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Caviar.

BLOUNT - Com K?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Não, com C.

BLOUNT - Ah, era melhor tudo com K...

CHEFE DA CASA DE CORREIO (*rindo*) - Ah, mas é muito bom, mesmo assim.

BLOUNT (*muito sério*) - Ah, você é “uma hoteleiro alegre”! Ter “uma quarto” para eu me lavar?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Vamos prepará-lo.

BLOUNT - Espere, espere, “eu pagar” antes, por segurança!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Como quiser.

BLOUNT - Quanto?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Dois rublos²¹ pelo almoço e dois rublos pelo quarto.

BLOUNT - Tome! “Tratar com carinho, alimentar e dar água” para minha mula! “Viajar” com ela até a próxima casa de correio. (*nesse momento, Blount, dirigindo-se à hospedaria, vê a mala deixada por Jollivet*) Ai!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - O que houve?

BLOUNT - “Este mala”! “Este mala”!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Pertence a um viajante que a deixou aqui ao chegar.

BLOUNT - Mas é “o minha”!

²¹ Rublo: moeda russa.

CHEFE DA CASA DE CORREIO - A sua?

BLOUNT - E “essa” viajante?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Ali está ele, senhor.

CENA VI

OS MESMOS, JOLLIVET

JOLLIVET (*saindo da casa*) - Blount, meu inimigo!

BLOUNT (*furioso*) - “Esse mala”! “Esse mala”!

JOLLIVET (*tranquilamente*) - É a sua mala, senhor Blount. Tive dificuldades em carregá-la.

BLOUNT - Você quer dizer, em “roubá-lo”.

JOLLIVET - Ah! Um erro, eu ia devolvê-la... rapidinho.

BLOUNT - Rapidinho! *Mister*....

176 JOLLIVET (*aparte*) - Deus misericordioso, um inglês furioso!

BLOUNT - E a carroça, senhor?

JOLLIVET - Ia devolver pela metade!

BLOUNT - “Pelo metade”?

JOLLIVET - A outra ainda está andando por aí!

BLOUNT - Ah! É assim, então! Bom, “eu processar você”!

JOLLIVET - Um processo! Me processar, na Rússia? Você não conhece a história da ama de leite que exigia dos pais do bebê um pagamento para a comida de seu próprio bebê?

BLOUNT (*fora de si*) - Não conheço!

JOLLIVET - O bebê, que tinha dez meses quando o julgamento começou, já era coronel quando foi julgado. Por isso, aconselho a não apresentar uma queixa contra mim!

CHEFE DA CASA DE CORREIO (*entrando, a Blount*) - Seu quarto está pronto, senhor.

BLOUNT - Vou ao banheiro e “retornar” para acertar minhas contas com o senhor, *mister*!

JOLLIVET - Estou pronto para reembolsá-lo, senhor.

BLOUNT - Não, não com dinheiro. Você pagará de outra forma, *mister*.

JOLLIVET - Senhor, por favor!

BLOUNT (*com raiva*) - “Jolivette! Jolivette! Jolivette”! (*sai*)
(*o chefe da casa do correio começa a servir o almoço de Blount*)

CENA VII

CHEFE DA CASA DE CORREIO, JOLLIVET

CHEFE DA CASA DE CORREIO - O *gentleman* está saindo furioso.

JOLLIVET - De qualquer jeito, ele vai voltar. Há uma boa razão para que fique. Em seu lugar, estaria fora de mim! (*ao chefe da casa de correio*) O que está servindo aí?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - O almoço do *gentleman*.

177

JOLLIVET - Ah! É o almoço dele? Está com boa aparência! (*senta-se à mesa*)

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Permita-me, senhor, eu já lhe disse. É o almoço do *gentleman*!

JOLLIVET - E daí? (*começa a comer*)

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Mas, senhor, ele pagou adiantado.

JOLLIVET - Ah, pagou adiantado? Então você não corre nenhum risco!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Mas e o *gentleman*?

JOLLIVET - Estamos quites agora. Que delícia!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Mas, senhor, senhor!

JOLLIVET (*comendo*) - Fique tranquilo, resolverei tudo! Decididamente, você cozinha muito bem, meu caro!

CHEFE DA CASA DE CORREIO (*lisonjeado*) - Obrigada pelo elogio, senhor.

JOLLIVET - Ah! É que nós, os franceses, somos apreciadores da

boa gastronomia!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Sim, verdade, são grandes apreciadores!

JOLLIVET - E a sua gastronomia, meu caro, é requintada!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Requintada? Acha isso mesmo?

JOLLIVET - Muito requintada! Estou lhe dizendo!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Bom, se o senhor quiser provar esse aqui... Creio que vai gostar ainda mais! (*mostra um segundo prato*)

JOLLIVET - Excelente, de verdade! É fino, delicado, é...

CHEFE DA CASA DE CORREIO (*servindo o terceiro prato*) - Prove este e me diga o que acha.

JOLLIVET - Com prazer. Mas e o *gentleman*?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Nossa, é verdade! Tinha esquecido que era o almoço dele! Que azar!

178

JOLLIVET – Por falar nisso, o que andam falando dos tártaros?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Que o país foi completamente invadido e que as tropas russas do Norte não serão suficientes para detê-los! Espera-se uma batalha daqui a dois dias.

JOLLIVET - Onde?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Perto de Kolyvan.
(*nesse momento, Blount entra na sala*)

CENA VIII

OS MESMOS, BLOUNT

BLOUNT - Ah! Fiz “meus necessidades”. Eu “morrer” de fome, eu (*vendo Jollivet*) Ah!

JOLLIVET - À sua saúde, senhor Blount!

BLOUNT (*ao chefe da casa de correio*) - E “a minha almoço”? Não serviu ainda “minha almoço”!

JOLLIVET (*mostrando os pratos vazios*) - Sim, foi servido, senhor Blount, e veja o que restou!

BLOUNT - Então, era “a minha almoço” que o senhor “comer”!

JOLLIVET - Estava excelente.

BLOUNT - Era minha *koulbat*?

JOLLIVET - Delicioso esse *koulbat*!

BLOUNT - Você me dá razão agora!

JOLLIVET - Não, não agora! Mais tarde. Depois da batalha que vai acontecer. Preciso falar com a minha prima Madeleine sobre isso.

BLOUNT (*surpreso*) - Batalha?

JOLLIVET - Pois saiba, querido confrade, que os exércitos russos e tártaros vão se encontrar daqui a dois dias.

BLOUNT - Ah! Muito bem! Espere um minuto! (*escrevendo*) “Encontro próximo dos exércitos inimigos...” “Continuar”, *mister*! Eu “matar” você depois!

JOLLIVET - Obrigada, essa batalha será em Kolyvan.

BLOUNT (*escrevendo*) - “Em Kolyvan.” Kolyvan... com um K?

JOLLIVET - Com K, sim!

BLOUNT - *Well*, obrigada. Será com espada?

JOLLIVET - A batalha?

BLOUNT - Nosso duelo. Mas gostaria de ser “generosa”, porque você me passou as informações para meu jornal, eu “deixar” você escolher as armas.

JOLLIVET - De jeito nenhum! Não quero favores. Qual arma prefere?

BLOUNT - A espada, *mister*.

JOLLIVET - Muito bem! Eu gosto mais da pistola. Então, espada para você e pistola para mim. Nos distanciaremos de quinze passos.

BLOUNT - *Yes*! Como você organiza essa coisa mesmo? Você “dizer”: uma espada...

JOLLIVET - Uma espada para você...

BLOUNT - E “um arma”?

JOLLIVET - A arma para mim, e nós iremos nos distanciar de quinze

passos. *(dá gargalhadas)*

BLOUNT - Ainda está zombando de mim, *mister* Jollivet?

JOLLIVET - Acredite em mim, paizinho, primeiro vamos a Kolyvan e, quando tivermos informado nossos correspondentes sobre o resultado desse conflito, faremos nosso duelo.

BLOUNT - Yes! Eu “esperar” você lá!

JOLLIVET - Se você chegar antes de mim! O que duvido muito!

CENA IX

OS MESMOS, NADIA, CHEFE DO POSTO DE FRONTEIRA, VIAJANTES, UM AGENTE

(o sino toca e os viajantes se apressam; Nadia sai do posto de fronteira com seu passaporte em mãos)

180 AGENTE *(gritando)* - Passaportes, passaportes!

PRIMEIRO VIAJANTE - Estão dando más notícias, e o menor atraso seria nossa ruína.

(o agente do posto de fronteira distribui os passaportes)

NADIA - Irei a pé até a próxima hospedaria, digo, casa de correio.

(no momento em que os viajantes saem do corredor, ouve-se um som de trombeta; os cossacos aparecem na estrada e fecham todas as saídas; o chefe da polícia sai pela esquerda e para na porta de seu escritório; um dos cossacos entrega-lhe uma carta recomendada; ouve-se um rufar de tambores)

CHEFE DO POSTO DE FRONTEIRA - Silêncio! Ouçam, todos! *(lendo)* “O governador de Moscou emitiu um decreto que proíbe qualquer súdito russo atravessar a fronteira, sob qualquer pretexto!” *(gritos de decepção)*

NADIA - Meu Deus! O que ele está dizendo?

JOLLIVET *(a BLOUNT)* - Isso não tem nada a ver com a gente!

BLOUNT - Eu “atravessar” sempre!

NADIA (*ao chefe da guarda de fronteira*) - Senhor, meu passaporte está em dia. Então, posso passar, não é?

CHEFE DO POSTO DE FRONTEIRA - Se for russa, impossível.

NADIA - Senhor, vou encontrar meu pai em Irkoutsk! Ele está me esperando! Cada atraso é um dia a mais de sofrimento! Ele sabe que estou a caminho! Vai pensar que fiquei perdida no meio de uma invasão tártara, em um país em rebelião! O Governador não se importará se uma pobre menina como eu seguir pela estepe... Se tivesse partido há uma hora, ninguém teria me parado! Por piedade, senhor, piedade!

CHEFE DO POSTO DE FRONTEIRA - Suas súplicas são inúteis! A ordem é formal. (*aos cossacos*) Permaneçam à margem da estrada, e, a menos que possuam um visto especial, ninguém poderá seguir.

NADIA (*jogando-se a seus pés*) - Senhor, senhor! Eu imploro, de mãos estendidas e de joelhos. Tenha piedade! Não condene meu pai nem a mim a morrer desesperados longe um do outro!

BLOUNT - Oh! Fiquei “emocionada”...

(*nesse momento, Strogoff sai do posto*)

181

CENA X

OS MESMOS, STROGOFF

STROGOFF (*a Nadia*) - Para que tantas súplicas e lágrimas, Nadia? Não importa se o seu passaporte é válido ou não, pois o meu já está conferido.

NADIA (*aparte*) - O que ele está dizendo?

STROGOFF (*mostra seu visto ao chefe da guarda de fronteira*) - E ninguém! Compreende? Ninguém terá o direito de nos impedir de partir!

NADIA (*feliz*) - Ah!

CHEFE DO POSTO DE FRONTEIRA - Seu visto?

STROGOFF - Assinado pelo próprio Governador Geral de Moscou. Direito de ir e vir, em quaisquer circunstâncias, sem interdição! (*o tarentass é levado até a estrada*)

CHEFE DO POSTO DE FRONTEIRA - Na realidade, você tem o direito de passar, mas ela...

STROGOFF (*mostrando o visto*) - Tenho autorização de estar acompanhado. Bom, o que há de mais natural do que... venha, minha irmã!

CHEFE DO POSTO DE FRONTEIRA - Sua o quê?

STROGOFF - Sim, minha irmã. Venha, Nadia!

NADIA (*concordando com ele*) - Irmão, estou indo!

BLOUNT - Bem firme “essa” comerciante!

JOLLIVET - E muito enérgico, amigo Blount.

BLOUNT - Eu não “ser sua amigo”, *mister* “Jollivette”.

JOLLIVET - Jollivet !

BLOUNT - “Jollivette! Jollivette! Jolivette”!

182

CENA XI

OS MESMOS, IVAN

(*Ivan usa um uniforme militar russo, uma farda oficial de viagem*)

IVAN (*ao chefe do posto de fronteira*) - Visto especial! (*mostra seu visto*)

CHEFE DO POSTO DE FRONTEIRA - Mais um visto especial, assinado pelo próprio Governador!

IVAN - Um cavalo!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Não há mais.

JOLLIVET - Se tivesse...

BLOUNT (*a Jollivet*) - Eu “ter pegado” primeiro.

JOLLIVET - E eu teria roubado de você depois.

(*Blount dá as costas com raiva*)

IVAN - De quem é esse *tarentass*?

CHEFE DA CASA DE CORREIO (*mostrando Strogoff*) - Desse viajante.

IVAN (*a Strogoff*) - Camarada, preciso de sua charrete e de seu cavalo.

JOLLIVET (*aparte*) - Esse senhor é bem ousado.

STROGOFF - Este cavalo é meu. Não posso e nem quero cedê-lo a ninguém.

IVAN - Preciso dele, estou lhe dizendo.

STROGOFF - E eu estou lhe dizendo que você não o terá.

IVAN - Cuidado! Sou um homem capaz de tomá-lo à força, caso...

STROGOFF - Caso?

IVAN - Pela última vez, poderia me ceder seu cavalo e sua charrete?

STROGOFF - Não! Já lhe disse não!

IVAN - Não? Bom, serão de quem conseguir ficar com eles!

NADIA - Meu Deus!

IVAN (*empunhando sua espada*) - Deem uma espada a este homem, para que se defenda!

STROGOFF (*aparte*) - Um duelo! E minha missão? E se eu me ferir? (*alto e cruzando os braços*) Não lutarei!

IVAN - Não lutará?

STROGOFF - Não.

IVAN (*com mais força*) - Não lutará? É isso mesmo que está dizendo?

STROGOFF - Não lutarei... e você não terá meu cavalo!

IVAN - Não lutará? É isso mesmo?

STROGOFF - Isso mesmo.

IVAN (*dá uma chicotada em Strogoff*) - Ah! E após isso, covarde?

STROGOFF (*ataca Ivan*) - Miserável... (*recompõe-se*) Não lutarei!
 TODOS - Oh!

IVAN - Será humilhado assim, sem se vingar?

STROGOFF - Serei... (*aparte*) Por Deus, pelo Czar, pela pátria!

IVAN - Vamos! Seu cavalo e sua charrete são meus! (*entra rápido no tarentass*) Pague você! (*o tarentass sai pela esquerda*)

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Obrigado, Excelência!

JOLLIVET - Jamais pensei que ele aceitaria tamanha humilhação!

BLOUNT - Ah! Eu “sentir” borbulhar meu sangue em minhas veias!

CENA XII

OS MESMOS, menos IVAN

STROGOFF - Ah, este homem! Irei encontrá-lo! (*ao hoteleiro*) Quem é esse homem?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Eu não o conheço, mas é alguém que sabe se fazer respeitar!

STROGOFF - Ousa me julgar?

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Sim, sim, porque têm coisas que um homem de verdade nunca recebe sem retribuir!

184 STROGOFF (*agarrando o chefe da casa de correio com violência*) - Maldito! (*friamente*) Vá! Parta, meu amigo! Vá embora! Vou matá-lo!

CHEFE DA CASA DE CORREIO - Verdade, prefiro assim!

JOLLIVET - A coragem tem seus momentos!

BLOUNT - Todo momento é momento para “o coragem inglês”! Inglês sempre pronto!

JOLLIVET - Veremos isso em Kolyvan, colega! (*dirige-se ao albergue e entra*)

NADIA (*aparte*) - A fúria que brotou em seus olhos quando foi insultado! Essa luta contra si mesmo, recusando-se a brigar! E agora, vem um profundo desespero!

STROGOFF (*sentado perto da mesa*) - Ah, jamais pensei que custaria tanto cumprir uma missão!

NADIA (*olhando para ele*) - Está chorando! Deve haver algum mistério que não consigo compreender, um segredo que impede sua coragem! (*indo em sua direção*) Irmão! (*Strogoff levanta a cabeça*)

Por vezes, há dificuldades que nos elevam. Admiro-o ainda mais.
(nesse momento, Blount solta um grito; vê-se, ao fundo, Jollivet passar com a mula de Blount)

BLOUNT - Oh! “Meu mula”! Pare! “Ele roubar meu mula”!!

JOLLIVET - Irei devolvê-la em Kolyvan, colega, em Kolyvan!

BLOUNT *(arrasado)* - Oh!

QUINTO QUADRO

O isbá²² do telégrafo

Nessa cena, há um posto de telégrafo, próximo a Kolyvan, na Sibéria. Uma porta aos fundos, com vista para o campo. Pela direita, uma pequena cabine com um guichê, onde fica o funcionário do telégrafo, e uma porta à direita.

CENA I

185

FUNCIONÁRIO, JOLLIVET

(ouve-se o barulho da batalha de Kolyvan, um pouco ao longe)

JOLLIVET *(entrando pelos fundos)* - A situação está tensa! Uma bala na minha porta, outra no meu casaco! Kolyvan será tomada pelos tártaros! E serei o primeiro a divulgar esta notícia que precisa ser enviada o quanto antes para Paris! Ao escritório do telégrafo! *(observando)* Bom, lá está o funcionário, e Blount está bem longe! Ótimo! *(ao funcionário)* O telégrafo está funcionando?

FUNCIONÁRIO - Está funcionando do lado russo, mas o fio está cortado do lado de Irkoustk.

JOLLIVET - Ainda assim é possível enviar telegramas?

FUNCIONÁRIO - Entre Kolyvan e Moscou, sim.

JOLLIVET - E para o governo?

22 Casa característica dos camponeses do Norte da Europa e da Ásia e mais particularmente da Rússia, construída geralmente com madeira de pinheiro.

FUNCIONÁRIO - Para o governo, somente em caso de necessidade. Para as pessoas em geral, somente pagando. São dez *kopeks*²³ por palavra.

JOLLIVET - E o que você sabe?

FUNCIONÁRIO - Nada.

JOLLIVET - Mas os telegramas que você...

FUNCIONÁRIO - Eu os transmito, mas nunca os leio.

JOLLIVET (*aparte*) - Vejam um homem honesto! (*alto*) Meu amigo, desejo enviar à minha prima Madeleine um telegrama relatando todas as aventuras desse conflito.

FUNCIONÁRIO - Fácil! 10 *kopkes* por palavra.

JOLLIVET - Está bem. Porém, se eu começar a escrever meu telegrama e decidir ir atrás de mais notícias, você poderia guardar meu lugar?

186 FUNCIONÁRIO - Desde que você esteja na fila do guichê, o lugar é seu: dez *kopeks* por palavra, mas, se você sair, esse lugar será do próximo que chegar...

JOLLIVET - Dez *kopeks* por palavra, sim, entendi! Estou sozinho aqui, então, vamos começar. (*escreve sobre a mesinha do guichê*) Senhora Madeleine, região de Montmartre, Paris. De Kolyvan, Sibéria...

FUNCIONÁRIO - Já são oitenta *kopeks*!

JOLLIVET - Isso não é nada. (*entrega um maço de rublos e continua a escrever*) Participação das tropas russas e tártaras... (*nesse momento, escuta-se disparos mais fortes*) Oh, oh, oh! Ouça, mais uma vez!

(*Jollivet, saindo do guichê, corre para a porta dos fundos, para ver o que está acontecendo*)

23 É o decimal de 1 (um) rublo. A moeda russa foi a primeira a ser decimalizada, em 1704 (1 rublo = 100 kopeks).

CENA II

OS MESMOS, BLOUNT

(Blount chega pela porta da direita)

BLOUNT - É aqui a “estação” do telégrafo! *(vê Jollivet)* “Jollivette”!!
(vai agarrá-lo pelo colarinho, mas, quando chega perto, começa a ler tranquilamente sobre seus ombros o que está escrevendo) Ah!!

Ele “contar” todas as notícias, mais recentes que as minhas!

JOLLIVET *(escrevendo)* - Onze horas e doze minutos. A batalha começou nesta manhã.

BLOUNT *(aparte)* - Veja só, “eu estar” lucandro aqui. *(vai ao guichê enquanto Jollivet continua a olhar o que está acontecendo; ao funcionário)* O fio está funcionando?

FUNCIONÁRIO - Sempre.

BLOUNT - *All right!*

FUNCIONÁRIO - Dez *kopeks* por palavra.

BLOUNT - *Well! Very well!* *(escrevendo sobre a mesinha)* *Morning-Post*, Londres. De Kolyvan, Sibéria...

JOLLIVET *(escrevendo em seu caderno)* - Grande fumaça sobre Kolyvan...

BLOUNT *(escrevendo no guichê)* - Oh! *Very well!* Grande “fumaca” sobre Kolyvan.

JOLLIVET - Oh! O castelo está em chamas!

BLOUNT *(escrevendo)* - Ah, ah, ah! O castelo está em chamas!

JOLLIVET - Os russos abandonam a cidade.

BLOUNT *(escrevendo)* - Russos abandonam “o cidade”.

JOLLIVET - Vamos continuar nosso telegrama. *(sai da janela, volta ao guichê e toma novamente seu lugar)* Blount!

BLOUNT - *Yes, mister* Jollivet! Acertaremos as contas depois do meu telegrama e pegarei “meu mula”.

JOLLIVET - Você pegou o meu lugar?

BLOUNT - “A lugar estar” livre.

JOLLIVET - Era minha vez.

BLOUNT - E “o minha” começa agora.

JOLLIVET (*ao funcionário*) - Mas você sabia que eu estava antes aqui, senhor.

FUNCIONÁRIO - Lugar vago, lugar disponível. Dez *kopeks* por palavra.

BLOUNT (*pagando*) - Bom, eu “pagar” mil palavras adiantado!

JOLLIVET - Mil palavras!

BLOUNT (*continua a escrever e, à medida que escreve, passa o texto ao funcionário que o transmite*) - O barulho do conflito fica mais próximo. Na “estação” do telégrafo, correspondente francês queria “minha lugar”, mas não deixei...

JOLLIVET (*furioso*) - Oh, senhor! Esse final...

188 BLOUNT - Não acabou, *mister*! Ivan Ogareff, comandando os táta-ros, vai se unir ao Emir...

JOLLIVET - Acabou?

BLOUNT - Nunca “acabar”.

JOLLIVET - Você não tem mais nada a dizer.

BLOUNT - Sempre tenho. Assim, não perder “minha lugar”. (*escrevendo*) “No início, Deus ‘criar’ o céu e a terra...”

JOLLIVET - Ah! Vai telegrafar a Bíblia, agora!

BLOUNT - *Yes!* “O Bíblia” tem setenta e três mil palavras!

FUNCIONÁRIO - Dez *kopeks* por palavra...

BLOUNT - Tome! (*entrega outro maço de rublos*) “A terra era sem forma e...”

JOLLIVET - Ah! Animal! Já sei como tirar você daqui! (*sai pelos fundos*)

BLOUNT - “A escuridão cobria a face do abismo...” (*continuando*) Onze horas e vinte minutos. Gritos dos habitantes. Confusão geral!

JOLLIVET (*grita pela janela*) - Morte aos ingleses! Mate-os! Saqueie-os! Abaixo a Inglaterra!

BLOUNT - Como é? O que “estar” gritando? Abaixo a Inglaterra?!
A Inglaterra nunca “ser” abaixo de nada!

(pega o revólver de seu cinto e sai pela porta dos fundos; Jollivet entra novamente pela porta da esquerda e pega o lugar de Blount no guichê)

JOLLIVET - Não é tão difícil, então! Abaixo a Inglaterra e o inglês cede a vez. (*ditando*) Onze horas e vinte e cinco minutos. Os projéteis tártaros começam a passar por Kolyvan...

BLOUNT (*retornando*) - Ninguém! Pensei que... (*percebendo Jollivet*) Oh!

JOLLIVET (*saudando-o*) - Viva a Inglaterra, senhor, viva os Ingleses!

BLOUNT - Pegou “minha lugar”?

JOLLIVET - Pois é assim que funciona.

BLOUNT - Você vai me pagar caro, *mister*.

JOLLIVET - Só quando eu acabar.

BLOUNT - E você “acabar”?

JOLLIVET - Vou terminar mais tarde... bem mais tarde. (*ditando*) Os russos ainda foram forçados a se retirarem. (*imitando o sotaque de Blount*) Um correspondente inglês aguarda meu lugar, mas não o terá...

BLOUNT - Acabou, *mister*?

JOLLIVET - Nunca acaba. (*cantando e ditando*) “Era uma vez um homenzinho, meio cinzentinho, em Paris...”

BLOUNT (*furioso*) - Está cantando agora?

JOLLIVET - Du Béranger²⁴! Depois do sagrado, o profano!

BLOUNT - Senhor, lutemos agora mesmo!

JOLLIVET (*cantando e ditando*) - “Rechonchudo como uma maçã, que sem um tostão no bolso...”

24 Pierre Jean de Béranger, poeta, libretista e autor de letras de canções. Foi participante ativo do movimento de convulsão social que se seguiu à Revolução Francesa e ao fim do Império, escrevendo algumas das canções mais emblemáticas do fervor revolucionário da época.

FUNCIONÁRIO (*fechando furiosamente o guichê*) - Ah!

JOLLIVET - Como assim?

FUNCIONÁRIO (*saindo do gabinete*) - O fio foi cortado! Não funciona mais! Senhores, tenho a honra de lhes dizer adeus. (*despede-se e vai embora tranquilamente; muitos gritos ao lado de fora*)

BLOUNT - Não é mais possível mandar telegramas? Só nós agora. Vamos!

JOLLIVET - Sim, vamos sair daqui, (*debochando*) venha “matar eu”.

BLOUNT - Dizemos “venha me matar”. Não sabe nem sua própria língua...

(*saem pelos fundos, se provocando*)

CENA III

SANGARRE, UM BOÊMIO

190 SANGARRE (*chegando pela esquerda com um boêmio*) - Os tártaros venceram!

BOÊMIO - Ivan Ogareff comandou a tomada de Kolyvan!

SANGARRE - Russos e siberianos foram todos massacrados! A cidade está em chamas e os fugitivos estão por toda parte!

BOÊMIO (*olhando*) - Eles vão ganhar desse lado também!

SANGARRE - Sim, mas aquela velha siberiana, que pude finalmente rever, a tal de Marfa Strogoff, que fim levou? Estava lá, vendo sua casa pegar fogo! E depois, de repente, desapareceu! Ah, irei encontrá-la! Ah, Marfa, você me denunciou e por isso fui espancada pelos russos! Maldita!

CENA IV

OS MESMOS, MARFA, FUGITIVOS

(*grande tumulto do lado de fora, barulho de tiroteio se aproximando; os fugitivos correm para uma casa de correio*)

PRIMEIRO FUGITIVO - Está tudo perdido!

SEGUNDO FUGITIVO - A cavalaria tártara está atacando todos os infelizes que saem de Kolyvan!

TODOS - Vamos fugir! Vamos fugir! (*saem apavorados da casa de correio*)

MARFA (*aparecendo ao fundo*) - Parem, parem!

TODOS - Marfa Strogoff!

SANGARRE (*aparte*) - Marfa!

MARFA - Covardes, fugindo dos tártaros!

SANGARRE (*aparte*) - Ah, desta vez você não me escapará!

MARFA - Parem, estou dizendo! Vocês não são mais os filhos da nossa Sibéria?

PRIMEIRO FUGITIVO - Ainda existe uma Sibéria? Os tártaros não invadiram a província inteira?

MARFA (*sombria*) - Sim, lamentável! Toda a província está devastada!

SEGUNDO FUGITIVO - Todo um exército de bárbaros espalhou-se em nossas aldeias!

MARFA - Sim, até onde podemos ver, vemos somente aldeias em chamas!

PRIMEIRO FUGITIVO - E esse exército não é liderado pelo cruel Feofar?

MARFA - Sim, pois corre muito sangue em nossos rios!

PRIMEIRO FUGITIVO - Então, o que podemos fazer?

MARFA - Continuar a resistir, resistir sempre e morrer se for preciso!

PRIMEIRO FUGITIVO - Resistir? Quando nosso Pai não vem a nós e Deus nos abandona?

MARFA - Deus está lá no alto, e o Pai está bem longe! Ele não pode reduzir distâncias nem acelerar os passos de seus soldados! As tropas estão a caminho. Elas chegarão, mas até lá é preciso resistir! Que a vida de um tártaro valha dez vidas de um siberiano, que dez morram em combate! Kolyvan não se renderá até que reste um só

filho para defendê-la!

SEGUNDO FUGITIVO - Eram vinte desses bárbaros contra um dos nossos!

PRIMEIRO FUGITIVO - E agora, Kolyvan está em chamas!

MARFA - Bom, se foram impedidos de entrar na cidade, lutem do lado de fora! Cada hora que ganharmos dará às tropas russas o tempo de se organizarem! Construam uma barricada na casa de correio. Fortifiquem-na! Impeçam imediatamente esse ataque! Meus amigos, escutem a voz dessa velha siberiana que morrerá com vocês pela defesa de seu país!

SANGARRE (*aparte*) - Ah, não! Não será aqui que você morrerá. (*ao boêmio que a acompanha*) Fique e observe. (*ela sai pelos fundos*)

MARFA - Meus amigos, escutem! Eu, a viúva de Pierre Strogoff, conhecida de todos! Ah, se ele ainda estivesse aqui, lideraria e guiaria o combate! Escutem-no, meus amigos! Ele fala usando a minha voz!

192

PRIMEIRO FUGITIVO - Pierre Strogoff não está mais aqui! Talvez com um líder tão bom quanto ele, poderíamos ter ficado na estepe, combatendo os soldados do Emir...

OS FUGITIVOS - Sim, um líder! Precisamos de um líder!

MARFA (*desesperada*) - Tudo está perdido!
(*detonação violenta lá fora*)

CENA V

OS MESMOS, STROGOFF, NADIA, BLOUNT, JOLLIVET

JOLLIVET (*entrando pelos fundos*) - Chove balas pela estrada!

BLOUNT (*seguindo-o*) - Somos forçados a cancelar nosso “duelar”!

STROGOFF (*entrando pelos fundos junto de Nadia*) - Aqui, Nadia! Aqui, pelo menos, você terá abrigo, mas sou obrigado a me separar de você!

NADIA - Vai me abandonar?!

STROGOFF - Ouça, os tártaros estão chegando! Estão indo para

Irkoustk! Preciso estar lá antes deles! Um dever imperioso e sagrado me chama! Preciso seguir, mesmo que seja através de disparos de metralhadora, mesmo que isso custe meu sangue ou minha vida!

NADIA - Se é assim, irmão, então parta. Que Deus lhe proteja!

STROGOFF - Adeus, Nadia. (sai em direção à porta dos fundos e encontra Marfa)

MARFA (*parando*) - Meu filho!

JOLLIVET - Nicolas Korpanoff, vejam!

MARFA - Meu filho! (*aos siberianos*) É ele, meus amigos! É meu filho, Michel Strogoff!

TODOS - Michel Strogoff!

MARFA - Ah! Vocês pediam um líder para conduzi-los pela estepe! Um líder digno de guiá-los! Aqui está, Michel, dê-me um abraço! Pegue esse fuzil e lute contra os tártaros!

STROGOFF (*aparte*) - Não, não! Não posso, eu jurei...

MARFA - Não está me ouvindo, Michel? Você me olha e não diz nada!

STROGOFF (*friamente*) - Quem é a senhora? Não a conheço!

MARFA - Quem sou eu? Não me reconhece mais? Michel! Meu filho!

STROGOFF - Não! Senhora, não a conheço!

MARFA - Não reconhece sua mãe?

STROGOFF - Não a conheço!

MARFA - Você não é o filho de Marfa e Pierre Strogoff?

STROGOFF - Sou Nicolas Koparnoff, e aqui está minha irmã Nadia.

MARFA - Sua irmã?! (*indo em direção a Nadia*) Você? Irmã dele?

STROGOFF (*com força*) - Sim, sim, responda! Responda, Nadia!

NADIA - Eu sou irmã dele!

MARFA - Está mentindo! Não tenho filha. Só tenho um filho e ele está aqui!

STROGOFF - Está enganada, senhora! Me deixe... (*dirigindo-se à porta*)

MARFA - Você não sairá!

STROGOFF - Solte-me! Solte-me!

MARFA - Você não sairá daqui! Está bem, você não é meu filho. Uma semelhança levou-me a cometer esse erro, enganei-me, devo estar louca. Você não é meu filho! Deus julgará isso! Mas você é um filho da nossa Sibéria. O inimigo está aqui e estou lhe dando esta arma! Michel, você pode rasgar minha alma, pode partir meu coração, mas a pátria é a primeira mãe, mil vezes mais sagrada e santa! Você pode me matar, Michel, mas por ela você deve morrer!

STROGOFF (*aparte*) - Sim, é um dever sagrado! Sim, mas não posso ficar nem lutar. Não tenho tempo, nem um minuto a perder! (*a Marfa*) Não a conheço e estou partindo!

MARFA - Ah, maldito! Tornou-se ao mesmo tempo desnaturado e traidor da pátria!

(*uma explosão forte lá fora; um projétil cai, em chamas, perto de Marfa*)

STROGOFF (*protegendo-a*) - Cuidado, Marfa!

194

MARFA - Que esse projétil me mate, pois meu filho é um covarde!

STROGOFF - Um covarde? Eu? Veja se estou com medo! (*pega o projétil e joga do lado de fora*) Adeus! (*Nadia corre para o fundo do palco*)

MARFA - Como dizia, ele é meu filho! É meu filho! É Michel Strogoff, o mensageiro do Czar!

TODOS - O mensageiro do Czar!

MARFA - Provavelmente, alguma missão secreta o leva para longe de mim. Vamos lutar sem ele! Vamos criar uma barricada nesta porta e nos defendermos! (*tiros de fuzil do lado de fora*)

BLOUNT (*segurando a perna*) - Oh, fui ferido.

JOLLIVET (*estancando o sangue da ferida de Blount*) - Ah, pobre Blount!

MARFA - Coragem, meus amigos! Que cada um de nós saiba morrer bravamente! Não pela salvação, mas em honra da Rússia!

TODOS - Urra! Viva a Rússia!

(o combate começa com a chegada dos tártaros; névoa de fumaça, a casa de correio desmorona)

SEXTO QUADRO

O campo de batalha de Kolyvan

Vista do campo de batalha. Horizonte em chamas, ao pôr-do-sol. Mortos e feridos estirados, cadáveres de cavalos. Acima do campo de batalha, urubus que voam e pairam sobre os cadáveres.

STROGOFF *(aparecendo ao fundo e atravessando o campo de batalha)* Mãe? Nadia? Elas devem estar aqui, talvez entre os mortos e feridos... Esse implacável dever exige o silêncio do meu coração. Não posso procurá-las nem as socorrer! Não! *(recompondo-se)* Não, por Deus, pelo Czar, pela pátria! *(continua a caminhar pela direita e as cortinas se fecham)*

195

TERCEIRO ATO

SÉTIMO QUADRO

A tenda de Ivan Ogareff

CENA I

JOLLIVET, BLOUNT

(Blount está recostado e Jollivet cuida dele)

BLOUNT *(afastando-se)* - Mister Jollivet, por favor, me “deixar” tranquilo!

JOLLIVET - Senhor Blount, mesmo que não queira, cuidarei do senhor.

BLOUNT - Até agora, “os seus cuidados” foram terríveis.

JOLLIVET - Terríveis, mas benéficos! E se eu abandonasse você?

Quem cuidaria de você nesse campo de batalha tártaro?

BLOUNT - Aviso que eu não “estar” nada “satisfeita” com o que você “fiz”!

JOLLIVET - Por acaso estou pedindo reconhecimento?

BLOUNT - Você roubou “meu carroça”, “minha almoço”, “meu mula” e “minha lugar” no guichê do telégrafo! Eu era seu inimigo mortal e eu queria...

JOLLIVET - E você quer “matar eu”. Combinado! Mas, para que possa me matar, é preciso, antes, que você se recupere!

BLOUNT - Ah, que pena que esse projétil foi para mim!

JOLLIVET - Não foi um projétil, foi a bala de um fuzil!

BLOUNT - Um “fu”...?

JOLLIVET - “zil”!

BLOUNT - Com “s”?

JOLLIVET - Não, com “z”.

196

BLOUNT - Ah, com “z”. Mesmo assim foi terrível.

JOLLIVET - Vejamos, segure no meu braço e caminhe um pouco.

BLOUNT (*com força*) - Não vou andar!

JOLLIVET - Pegue meu braço, estou lhe dizendo, ou eu o carregarei nos ombros, como um saco de farinha!

BLOUNT - Saco de farinha? Você me “insultar” mais ainda!

JOLLIVET - Não diga besteiras! (*tenta levá-lo; um tártaro chega e para os dois*)

TÁRTARO - Parem! O senhor Ivan Ogareff quer interrogá-los.

JOLLIVET - Interrogar? Ele! Ogareff? Esse traidor?!

BLOUNT - “Essa brigadeiro”! “Essa bandida querer interrogar eu”? (*Ivan, vestido magnificamente como um oficial tártaro, aparece, para na entrada da tenda e fala baixo com os dois tártaros que o acompanham; eles saem*)

JOLLIVET - Quem vejo? O homem que insultava brutalmente o comerciante Korpanoff?

BLOUNT - Foi “essa coronel” Ogareff! Ah, eu “sentir muito indignação”!

CENA II

OS MESMOS, IVAN

IVAN (*sentado perto de uma mesa pequena*) - Aproximem-se! Digam, quem são vocês?

JOLLIVET - Alcide Jollivet, cidadão francês, que ninguém tem o direito de prender.

IVAN - Talvez... (*a Blount*) E você?

BLOUNT - Harry Blount, “uma homem honesta”, ou seja, “uma fiel cidadão” da Inglaterra. “Uma leal serve de seu pátria”. Entendeu?

IVAN - Estão dizendo que foram pegos entre os nossos inimigos?

JOLLIVET (*com ironia*) - Não é verdade, enganaram o senhor.

197

IVAN - O que ousa me dizer?

JOLLIVET - Digo que não foi entre os inimigos de um coronel russo, pois fomos detidos quando estávamos com seus compatriotas russos. Então, veja, senhor, foi enganado!

BLOUNT (*aparte*) - *Very well!* “Muito bom resposta”!

IVAN - Qual a razão da presença de vocês nesse teatro da guerra?

JOLLIVET - Somos jornalistas, senhor. Dois repórteres.

IVAN (*desdenhando*) - Sei... repórteres, ou seja, um tipo de espião disfarçado.

BLOUNT (*furioso*) - “Espião”, não, nunca “espionão”!

JOLLIVET (*com força*) - Senhor, o que nos diz é uma infâmia. Toda a Europa é testemunha disso!

IVAN - O que tenho a ver com a opinião da Europa? Irei tratá-los como quiser, pois pegamos vocês entre os russos, nossos inimigos. Sabem bem disso!

JOLLIVET - Não sabia que a pátria se tornou inimiga do seu soldado

mais leal!

BLOUNT - Foi o soldado desleal que virou inimigo de “seu pátria”.

JOLLIVET - É ele o traidor!

IVAN (*com raiva*) - Cuidado! Lembrem-se de que sou o todo poderoso aqui!

JOLLIVET - Você deveria esquecer isso.

IVAN (*com raiva*) - Senhor, (*acalmado-se*) o insulto de um homem de seu tipo não me atinge!

JOLLIVET - É natural, Coronel Ogareff. A voz não desce, ela sobe!

IVAN (*levantando-se e ameaçando Jollivet com o seu punhal*) - Já chega!

BLOUNT (*aparte*) - Ele não “estar”, mesmo, satisfeito.

IVAN (*depois de ter recolocado seu punhal no cinto*) - Vocês me pagarão por esse ultraje e pagarão caro! (*chamando*) Guardas! (*um tártaro entra*) Que esse Inglês seja conduzido para fora do acampamento, em uma hora! E que, antes de uma hora, o outro seja fuzilado! (*sai com o tártaro*)

198

CENA III

BLOUNT, JOLLIVET

BLOUNT (*aterrorizado*) - “Fuzilada!” “Fuzilada!” “Fuzilada!”

JOLLIVET - Não posso controlar minha indignação!

BLOUNT - “Fuzilada!” “Essa miserável atrevida” vai fuzilar você.

JOLLIVET - Maldição! Sim! Nada pode me salvar, o melhor é me resignar corajosamente!

BLOUNT - Ah! Jollivet!

JOLLIVET - Vai se livrar do rival e inimigo!

BLOUNT (*indignado*) - Livrar de meu inimigo!

JOLLIVET - Estava escrito, nosso duelo nunca aconteceria!

BLOUNT (*emocionado*) - Nosso duelo? Realmente imaginava que

eu “lutar” com você, Jollivet?

JOLLIVET - Eu sei que você sentia mais raiva do que ódio!

BLOUNT - Ah, não! Eu não “odiar” você, Jollivet! E mesmo que você “zombar” um pouco de mim, você me “defender” na batalha, “curar” minha ferida. Você me “salvar” como “uma boa e brava cavalheiro”, Jollivet!

JOLLIVET (*sorrindo tristemente*) - Veja só, você não me chama mais de “Jolivette”, senhor Blount.

BLOUNT - Eu “pedir” perdão a você por “esse brincadeira” de mau gosto!

JOLLIVET - Somos amigos, então?

BLOUNT - Oh, *yes!* Até a morte.

JOLLIVET - Amigos até a morte. Infelizmente não será por muito tempo. Gostaria de pedir algo antes de morrer, meu amigo Blount.

BLOUNT (*atento*) - Um pedido! Prometido e jurado!

JOLLIVET - Estamos aqui, meu amigo, como dois sentinelas perdidos, encarregados de esclarecer nossos compatriotas sobre os graves acontecimentos que se passam aqui. Pois bem, o dever que não poderei mais cumprir, peço que cumpra em meu lugar.

BLOUNT (*muito emocionado*) - Oh, *yes, yes!*

JOLLIVET - Prometa-me, Blount, que, após cada correspondência enviada à Inglaterra, enviará, em seguida, as minhas à França?

BLOUNT - Em seguida? Não, isso não! Eu “querer” substituir você, realmente. Como você era bem mais “rápida” que eu, prometo enviar primeiramente as notícias para a França!

JOLLIVET - Ao mesmo tempo, Blount. Por favor, quero que seja ao mesmo tempo!

BLOUNT - *Yes*, ao mesmo tempo. Está “satisfeita”, Jollivet?

JOLLIVET - Sim, mas isso não é tudo, Blount.

BLOUNT - Fale, eu “escutar” você.

JOLLIVET - Meu amigo, deixei uma mulher na França.

BLOUNT - Uma mulher?

JOLLIVET - Uma jovem e um bebê. Ela é boa como uma santa e ele é bonito como um anjo!

BLOUNT (*censurando*) - Oh! Você “ter mulher” e “um criancinha”! E você “deixar” eles. Oh, Jollivet...

JOLLIVET (*triste*) - O que você queria? Éramos pobres, meu amigo!

BLOUNT (*chorando*) - Pobres! Você foi forçado a abandonar “eles” e eu “culpar” você, “acusar” você. Oh *my friend, my dear friend! I am a very bad man. Your pardon... for... having spoken as! I have done!* Desculpe-me, Jollivet, quando “o guerra” acabar, eu “jurar ir” à França, procurar “seu família”, eu vai “ser” como um pai de “seu criancinha” e uma irmão de sua bela e boa esposa. Eu “prometer”, eu “jurar”, eu...

(*aperta a mão de Jollivet, joga-se em seus braços e o abraça; ouve-se o barulho de fanfarras*)

200 JOLLIVET - O que é isso?

TÁRTARO (*entrando*) - O Emir Feofar está chegando. Todos os prisioneiros devem se ajoelhar diante dele. Venham!

BLOUNT - Ajoelhar! Eu não “ajoeilhar”, eu nunca “ajoeilhar”! (*o cenário muda, e agora está representado um campo de batalha tártaro*)

OITAVO QUADRO

O campo do Emir

A cena mostra um acampamento, em um esplêndido campo verde. À direita, um trono magnificamente adornado, à esquerda, uma tenda.

CENA I

FEOFAR, IVAN, TÁRTAROS

(grande estrondo de trombetas e tambores; um belo cortejo desfila em frente ao trono de Feofar; Ivan e todo o seu exército chegam ao

campo de batalha; recepção solene)

IVAN - Glória ao poderoso Emir, que comandará pessoalmente esse exército triunfante!

TODOS - Glória ao Feofar! Glória ao Emir!

IVAN - As províncias da Sibéria agora estão em seu poder. Pode comandar colônias vitoriosas, tanto nas terras onde o sol nasce quanto naquelas onde o sol se põe.

FEOFAR - E se eu caminhar com o sol?

IVAN - Irá para a Europa e logo conquistará países até os montes Urais!

FEOFAR - E se eu for à frente dos raios luminosos?

IVAN - Então, Irkoutsk e as províncias mais ricas da Ásia Central ficarão sob seu poder.

FEOFAR - O que almeja dedicando-se à nossa causa?

IVAN - Conquistar Irkoutsk, a capital. E depois, o precioso refém cuja captura vale uma província! Emir, é preciso que o Grã-duque caia em suas mãos!

FEOFAR - Que assim seja!

IVAN - Quando o Emir deixará o acampamento?

FEOFAR - Amanhã, porque hoje é a festa dos vencedores.

TODOS - Glória ao Emir

201

CENA II

OS MESMOS, BLOUNT, JOLLIVET

BLOUNT - O Emir! Eu gostaria de falar com o Emir!

FEOFAR - Como é?

IVAN - O que você quer?

BLOUNT - Eu “querer” falar com o Emir.

FEOFAR - Fale!

BLOUNT - Emir Feofar, eu “suplicar”, não, eu “aconselhar” você “a

mim escutar”!

FEOFAR - Chegue mais perto!

BLOUNT- Eu “pedir” ao todo poderoso Feofar para impedir o “afuzilhar” de um cavaleiro!

FEOFAR - Como assim?

IVAN - Um estrangeiro que ousou me insultar e a quem ordenei esse castigo!

FEOFAR - Tragam esse homem! (*Jollivet é trazido e fica próximo a Blount*)

BLOUNT - E se eu “aconselhar”, grande Feofar, a dar a liberdade a *mister* Jollivet, foi pela sua segurança, pois, se um fio de cabelo for arrancado da cabeça dele, o senhor “entrar” em perigo.

FEOFAR - E a quem devo temer?

BLOUNT - “O França”!

FEOFAR - A França?

202

BLOUNT- Sim, “o França” não “deixar” impune a morte de “seu filha”! E eu “avisar” você, se não libertar ele, eu “ficar” preso junto! Eu “avisar”, se matar ele, será preciso me matar também! Assim, em vez de somente “o França”, terá “o França e o Inglaterra juntos” contra você! Eis o que eu tinha a dizer a você, Emir Feofar. Agora, “matar nós”, se quiser!

FEOFAR - Ivan, que as palavras do francês se apaguem de sua memória e que poupemos a vida dele!

IVAN - Mas ele me insultou!

FEOFAR - É uma ordem!

IVAN - Que assim seja! Serão expulsos do acampamento agora mesmo.

JOLLIVET - Adivinhou meu desejo, senhor Ogareff! Mal posso esperar para me livrar de sua honorável presença. Blount, nunca esquecerei o que fez por mim!

BLOUNT - Nós “estar” quites! Somos muitos bons amigos, Jollivet!

JOLLIVET - E continuaremos nossa jornada juntos!

BLOUNT- *All right!*

(os dois saem pelos fundos; Feofar e seus oficiais entram na tenda pela esquerda)

CENA III

IVAN, SANGARRE

IVAN (*vendo Sangarre entrar*) - Sangarre, veja, logo minha missão acabará.

SANGARRE - Está falando da vingança?

IVAN - Sim, da vingança que agora está garantida!

SANGARRE - Não será possível, se o Grã-duque chegar a tempo.

IVAN - Como um mensageiro passaria pelo exército?

SANGARRE - Tem um que, se não fosse por mim, estaria neste exato momento a caminho de Irkoutsk.

IVAN - Conte-me!

SANGARRE - Ivan, estou mais perto do que você de nosso objetivo! O Grã-duque não estará em suas mãos, enquanto eu não tiver em meu poder essa tal de Marfa Strogoff, a quem jurei de morte!

IVAN - Continue!

SANGARRE - A velha siberiana foi capturada em uma casa de correio de Kolyvan, com muitas outras pessoas. Mas, lá, Marfa não era a única com o sobrenome Strogoff.

IVAN - Como assim?

SANGARRE - Ontem, um homem se recusou a reconhecer Marfa, mesmo ela o chamando de filho! Ele a renegou publicamente. Contudo, mães não se enganam em relação aos filhos. Esse homem que não queria ser reconhecido era Michel Strogoff, um dos mensageiros do Czar.

IVAN - Onde ele está? Para onde foi? É possível capturá-lo?

SANGARRE - Após a vitória, todos os que fugiam do campo de ba-

talha foram presos. Nenhum fugitivo conseguiu escapar, e Michel Strogoff deve estar entre os prisioneiros!

IVAN - Você o reconheceria?

SANGARRE - Não.

IVAN - Preciso desse homem! Ele deve ser o portador de alguma mensagem importante. Quem poderá me mostrá-lo?

SANGARRE - A mãe dele!

IVAN - A mãe dele?

SANGARRE - Ela se recusará a falar, mas...

IVAN - Mas eu saberei forçá-la. Tragam-na! (*Sangarre sai pelos fundos*) Naturalmente, uma mensagem para o Grã-duque! Ele leva uma mensagem! Ela será minha!

CENA IV

204

IVAN, SANGARRE, MARFA, NADIA, PRISIONEIROS, SOLDADOS

NADIA (*falando baixo*) - Para onde nos levam?

MARFA (*falando baixo*) - Provavelmente para me interrogar sobre meu filho, mas percebi que ele não quer ser reconhecido. Ele já está longe, não tirarão nada de mim!

SANGARRE - Olhe para mim, Marfa, olhe bem! Sabe quem eu sou?

MARFA (*olhando para Sangarre*) - Sim! A espiã tártara que mandei punir!

SANGARRE - E que, desta vez, está em seu poder!

NADIA (*pegando a sua mão*) - Marfa!

MARFA (*falando baixo*) - Não se preocupe comigo, minha filha!

IVAN (*a Marfa*) - Qual é o seu nome?

MARFA - Marfa Strogoff.

IVAN - Você tem um filho?

MARFA - Sim!

IVAN - Onde ele está agora?

MARFA - Em Moscou, suponho.

IVAN - Tem notícias dele?

MARFA - Nenhuma notícia.

IVAN - Quem era então esse homem que você chamava de filho, ontem, na casa de correio de Kolyvan?

MARFA - Um siberiano que me pareceu ser ele. É a segunda vez que penso ter reencontrado meu filho, pois Kolyvan passou a ficar cheia de estrangeiros.

IVAN - Mas, então, esse jovem não era Michel Strogoff?

MARFA - Não era ele.

IVAN - E você não sabe o paradeiro de seu filho?

MARFA - Ignoro completamente.

IVAN - E ontem não o viu entre os prisioneiros?

MARFA - Não!

IVAN - Escute. O seu filho está aqui, pois nenhum dos fugitivos pôde escapar dos soldados que cercaram Kolyvan. Todos esses prisioneiros passarão diante nós e, se você não me disser qual deles é Michel Strogoff, será castigada com minhas próprias mãos e meu chicote!

NADIA - Meu Deus!

MARFA - Quando quiser, Ivan Ogareff. Estou esperando.

NADIA - Pobre Marfa!

MARFA (*a Nadia*) - Serei corajosa! Não tenho por que temê-lo!

IVAN - Tragam os prisioneiros! (*a Sangarre*) E você, preste bem em atenção se algum se trai!

(*os prisioneiros desfilam; Michel Strogoff está entre eles, mas, quando passa em frente à Marfa, ela não se mexe*)

IVAN - E então? Qual deles é o seu filho?

MARFA - Meu filho não está entre esses prisioneiros!

IVAN - Está mentindo! Diga qual deles! Fale! Quero ele!

MARFA (*decidida*) - Não tenho nada a dizer a você.

SANGARRE (*falando baixo*) - Ah, conheço essa mulher! Mesmo sendo chicoteada, ela não falará!

IVAN - Não falará? Vamos ver! Prendam essa mulher e que ela seja açoitada até a morte!

(*dois soldados jogam Marfa de joelhos no chão; um soldado com chicote se coloca atrás dela*)

IVAN (*ao soldado*) - Chicoteie-a!

(*o chicote é levantado para Marfa; Strogoff se precipita em direção ao soldado, pega o chicote e bate no rosto de Ivan*)

STROGOFF - Olho por olho, Ivan Ogareff!

MARFA - O que fez, infeliz?!

IVAN - O homem da casa de correio!

SANGARRE - Michel Strogoff.

STROGOFF - Sim, eu mesmo, quem você insultou e ultrajou! Eu, cuja mãe você quer assassinar!

206

TODOS - Mate-o! Mate-o!

IVAN - Não matem esse homem! Avisem ao Emir!

MARFA - Meu filho! Por que se traiu?

STROGOFF - Pude me conter quando esse traidor me bateu! Mas chicotear você, minha mãe! Ah, isso seria impossível!

IVAN - Levem essa mulher daqui! E revistem-no!

STROGOFF (*resistindo*) - Me revistar? Covarde! Miserável!

IVAN (*pega a carta que Strogoff guarda em seu peito e a lê*) - Ah, já era tempo! Esta carta colocaria tudo a perder. Agora o Grã-duque é meu!

CENA V

OS MESMOS, FEOFAR E SUA COMITIVA

IVAN - Emir Feofar, você tem um ato de justiça a cumprir.

FEOFAR - Contra esse homem?

IVAN - Contra ele.

FEOFAR - Quem é ele?

IVAN - Um espião russo.

TODOS - Um espião!

MARFA - Não, não, meu filho não é um espião. Esse homem mente!

IVAN - Nesta carta, encontrada com ele, diz o dia em que uma tropa de reforço chegará a Irkoutsk para ajudar o Grã-duque nas batalhas.

TODOS - Mate-o! Mate-o!

NADIA - Piedade para ele!

MARFA - Vocês não o matarão!

IVAN (*a Strogoff*) - Está escutando?

STROGOFF (*a Ivan*) - Eu morrerei, mas seu rosto de traidor, Ivan, terá para sempre a marca do chicote!

IVAN - Emir, aguardamos seu julgamento justo.

FEOFAR - Tragam o Alcorão!

TODOS - Alcorão! Alcorão!

FEOFAR - Esse santo livro possui punições para traidores e espiões! É ele quem ditará a sentença!

(*os padres tártaros trazem o livro sagrado e apresentam-no a Feofar*)

FEOFAR (*a um dos padres*) - Abra este livro na parte onde fala das punições e castigos. Meu dedo passará pelos verbetes das sentenças e quando eu parar o dedo...

(*o Alcorão está aberto; o dedo de Feofar passa por uma das páginas, e um padre lê em voz alta o verbeito tocado pelo emir*)

PADRE (*lendo*) - “Seus olhos se escurecerão como as estrelas sobre a nuvem, e ele não verá mais as coisas da terra.”

TODOS - Oh!

FEOFAR (*a Strogoff*) - Você veio para ver o que acontece no campo tártaro! Veja! Nosso exército triunfante festeja, uma festa para celebrar nossas vitórias!

TODOS - Glória ao Emir!

FEOFAR (*tomando seu lugar ao trono*) - E você, espião, veja com seus olhos, pela última vez em sua vida! Veja!

(*Strogoff é conduzido aos pés do estrado do trono; Marfa está no chão; Nadia está ajoelhada ao lado dela*)

NONO QUADRO

A festa Tártara

BALÉ

CENA I

PADRE, FEOFAR, NADIA, IVAN, STROGOFF

(*após a primeira apresentação do balé, ouve-se a voz do padre que repete as falas do Emir*)

208

PADRE - Veja com seus próprios olhos! Veja!

(*o balé termina, Strogoff é levado para o meio cena; um tripé com carvões em brasa é montado ao seu lado; a espada do executor é posta entre os carvões; após um sinal do Feofar, o executor aproxima-se de Strogoff, pega a espada incandescente*)

FEOFAR - Deus condenou este homem! Ele ordenou que o prisioneiro seja privado da luz! Que sua visão seja queimada por essa lâmina ardente!

NADIA - Michel! Michel!

STROGOFF (*a Ivan*) - Ivan! Ivan, o traidor! Minha última ameaça será para você!

MARFA (*corre em direção a seu filho*) - Filho, meu filho!

STROGOFF - Mãe! Minha mãe! Que meu olhar supremo seja para você! Fique aqui ainda, para que eu veja sua figura tão amada. Que meus olhos se fechem olhando para você!

IVAN (*a Strogoff*) - Ah, está chorando! Chora como uma mulher!

STROGOFF (*a Ivan*) - Não, choro como um filho!

IVAN - Carrasco, cumpra seu dever!

(os braços de Strogoff são amarrados pelos soldados; está de joelhos de forma a não poder se movimentar; a lâmina incandescente passa em frente a seus olhos)

STROGOFF *(solta um grito terrível)* - Ai! *(Marfa desmaia, Nadia corre para socorrê-la)*

IVAN - Morte ao espião!

TODOS - Morte ao espião! Morte ao espião! *(os soldados seguram Strogoff querendo matá-lo)*

FEOFAR - Parem! Parem! Padre, complete o versículo que começou!

PADRE *(lendo)* - “E, cego, ele ficará como uma criança, como um ser privado de razão, um ser para todos!”

FEOFAR - Que ninguém nunca toque neste homem, pois o Alcorão diz: “Terão como sagradas as crianças, os loucos e os cegos”!

IVAN *(a Sangarre)* - Agora, não há mais nada a temer.

(Feofar, Ivan e todo o cortejo saem pelos fundos; é tarde da noite, só ficam em cena Strogoff, Marfa e Nadia; Strogoff levanta e se dirige tateando até o lugar onde está sua mãe)

STROGOFF - Mãe, mãe, minha pobre mãe!

NADIA *(vindo até ele)* - Irmão, caro irmão, meus olhos serão os seus a partir de agora! Conduzirei você!

STROGOFF - Para Irkoutsk! *(abraça uma última vez sua mãe)*
Para Irkoutsk!

QUARTO ATO

DÉCIMO PRIMEIRO QUADRO

A clareira

A cena mostra um ébrio na margem direita de Angara. Ainda é dia.

CENA I

IVAN, SANGARRE, CHEFE TÁRTARO, SOLDADOS

IVAN (*ao chefe*) - Aqui nos separamos de você e de seus soldados. Em seguida, você seguirá fielmente todas as minhas instruções.

CHEFE - Conte conosco, Ivan Ogareff.

SANGARRE - Para onde iremos agora?

IVAN - Ouçam! A energia desse Grã-duque atrapalha todos os meus cálculos, frustra todas as minhas previsões. Cada dia ele comanda novos ataques que, em breve, terá ajuda da tropa de reforço. Então, ficaremos entre as tropas, no fogo cruzado. Preciso executar rapidamente o ousado plano que concebi.

SANGARRE - E esse plano, como é?

IVAN - Sangarre, hoje entrarei sozinho em Irkoutsk. Os russos me acolherão com entusiasmo, pois usarei o nome de Michel Strogoff, o mensageiro do Czar. Vá! Está tudo bem planejado e minha vingança será em breve. Na hora combinada entre mim e o Emir, os tártaros atacarão a porta de Tchernaiä²⁵, que a mão amiga, a minha, abrirá para eles.

SANGARRE - Imagina que os russos não defenderão essa porta?

IVAN - Uma terrível diversão os impedirá. Enviarão todos os seus valentes homens para Angara²⁶!

SANGARRE - E que diversão será essa?

IVAN - Um incêndio!

TODOS - Um incêndio?

IVAN - Que vocês, soldados, irão provocar!

CHEFE - Nós? O que quer dizer?

IVAN (*mostrando Angara*) - Vejam esse rio que atravessa a cidade!

É Angara, é ele que irá devorar Irkoutsk!

SANGARRE - Esse rio?

25 A batalha do rio Tchernaya ou Chernaya foi uma batalha disputada em suas margens, na cidade de Inkerman, durante a guerra da Crimeia, hoje Ucrânia, em agosto de 1855.

26 O rio Angara no sudeste da Sibéria.

IVAN - No momento certo, a correnteza do rio incendiário chegará. Fontes de nafta são exploradas a três verstas daqui. Somos os donos dos imensos reservatórios em Baikal²⁷, que contém um lago desse líquido inflamável! Um pedaço do muro derrubado por vocês, e uma corrente de nafta se espalhará na superfície de Angara. Então, bastará uma faísca para queimar tudo e começar o incêndio até o centro de Irkoutsk! As palafitas e até o palácio do Grã-duque serão devorados, destruídos! Ah, malditos russos! Vocês me jogaram no campo dos tártaros! Então, será como tártaro que lutarei!

CHEFE - Suas ordens serão executadas, Ivan, mas quando derrubaremos a muralha dos reservatórios de Baikal?

IVAN - Quando o sol desaparecer no horizonte.

SANGARRE - Nessa hora, a capital da Sibéria estará em chamas!

IVAN - E minha vingança realizada! Vamos partir agora! *(ao chefe)*

Lembrará de tudo?

CHEFE - Lembrarei.

(Ivan e Sangarre saem)

211

CENA II

CHEFE, SOLDADOS, SARGENTO

CHEFE - Vamos descansar por meia hora, antes de cumprirmos nossa missão.

SARGENTO - Os homens podem ir e vir?

OFFICIAL - Sim, mas que não se afastem muito, pois precisaremos de muitos braços para derrubar o muro da reserva de nafta!

SARGENTO - Está bem. Podem ir!

(todos desaparecem após terem deixado os fuzis)

²⁷ O lago Baikal é um antigo e extenso lago na região montanhosa russa da Sibéria, ao norte da fronteira com a Mongólia. Considerado o lago mais profundo do mundo.

CENA III

MARFA, UM OFICIAL, OS TÁRTAROS

MARFA (*entrando pela direita, apoiada em um bastão*) - Minha pobre criança, sua visão foi apagada, olhando pela última vez sua mãe. Onde você está? O que aconteceu? (*senta-se*) Uma jovem, me disseram... provavelmente, Nadia, guia os passos desse cego! Os dois foram para Irkoutsk e, há um mês, sigo pela grande estrada siberiana! Meu filho querido, perdi você! Não pude me conter, vendo você assim... na minha frente! Ficou fora de si, vendo o chicote bater em sua mãe! Ah, por que você não os deixou rasgarem-me os ombros? Nenhuma tortura teria arrancado seu segredo de mim! Vamos, Marfa, estou quase chegando a Irkoutsk! Talvez, lá, o encontrarei! Vamos. (*levanta-se*) Ah, os malditos tártaros!

212

OFICIAL (*vendo Marfa*) - Quem é esta mulher?

SARGENTO - Uma mendiga.

MARFA - Não estou mendigando. Peço a piedade de um tártaro!

OFICIAL - Você é bem orgulhosa! O que faz aqui? Para onde vai?

MARFA - Vou para onde estão indo todos aqueles que não têm mais pátria nem casa e fogem dos invasores! Vou continuar até não aguentar mais! Até que caia, que morra!

SARGENTO (*ao capitão*) - Ela é louca, capitão.

OFICIAL - Não gosto desses andarilhos que seguem nossa retaguarda. São um bando de espiões. (*a Marfa*) Parta, não quero mais vê-la! Ou amarrarei você aos pés de uma árvore, e lá os lobos famintos não pouparão você!

MARFA - Lobo ou tártaro, são todos a mesma coisa! Morrer de uma mordida ou de uma bala de fuzil pouco importa!

OFICIAL - Ah, a vida vale pouco para você!

MARFA - Sim, depois que perdi o homem que procuro incessantemente, meu filho, que os seus martirizaram cruelmente! *(Marfa pega novamente seu bastão e vai pela direita)*

SARGENTO *(ao oficial)* - Capitão, provavelmente ainda há fugitivos. *(mostra Strogoff e Nadia que aparecem nos fundos)*

CENA IV

OS MESMOS, NADIA, STROGOFF

MARFA *(aparte)* - É ele, meu filho, meu filho!

STROGOFF *(a Nadia, que o guia pelas mãos)* - Quem é?

NADIA - Tártaros.

STROGOFF - Eles nos viram?

NADIA - Sim!

213

MARFA *(aparte)* - Ah, dessa vez não vou me trair na frente deles! *(esconde-se)*

OFICIAL - Aproximem-se!

SARGENTO - Vamos, aproximem-se!

OFICIAL - Quem é você?

NADIA - Meu irmão é cego, e nós percorremos, apesar dos terríveis sofrimentos, um caminho tão longo e doloroso que ele mal consegue ficar de pé.

OFICIAL - De onde vêm?

STROGOFF - De Irkoutsk, onde não pudemos entrar, pois os tártaros estão atacando.

OFICIAL - E para onde vão?

STROGOFF - Para o lago Baikal, onde, talvez, a Sibéria esteja tranquila.

OFICIAL - Estará sob dominação tártara!

SARGENTO *(observando Nadia com atenção)* - Ela é bonita, essa

menina, capitão!

OFICIAL (*a Strogoff*) - É verdade, você tem uma bela companheira!
(*o sargento tenta se aproximar de Nadia*)

NADIA (*afastando-se*) - Ah! (*pega novamente a mão de Strogoff*)

STROGOFF - É minha irmã!

SARGENTO - Poderíamos dar um outro guia ao cego, e essa bela menina ficaria conosco! (*aproxima-se dela*)

NADIA - Deixe-me! Deixe-me!

STROGOFF (*aparte*) - Miseráveis!

SARGENTO - Feroz, essa jovem siberiana! Nós nos veremos mais tarde, minha linda!

UM SOLDADO (*entrando*) - Capitão, ao subir a colina, a cem passos daqui, vimos muitas fumaças no ar e conseguimos ouvir ao longe o barulho de canhões.

OFICIAL - Nosso povo está invadindo Irkoutsk.

214

STROGOFF (*aparte*) - Invasão de Irkoutsk!

OFICIAL - Vejamos! (*aos soldados*) Em uma hora, será o momento de cumprirmos nossa missão. Isso feito, iremos nos juntar aos invasores. (*sai, os soldados o acompanham; o sargento olha uma última vez para Nadia e sai*)

CENA V

NADIA, STROGOFF, MARFA, SARGENTO

NADIA - Já foram, irmão, podemos continuar nosso caminho.

STROGOFF - Não! Disse que iríamos em direção ao lago Baikal! Eles não podem ver que fomos por outro caminho!

NADIA - Vamos esperar até que se afastem.

STROGOFF - É hoje, dia 24 de setembro. É hoje que eu devia estar em Irkoutsk.

NADIA - Esperemos mais um pouco! Esses tártaros vão embora.

Nesta madrugada, quando não seremos mais vistos, acharemos uma forma de descer o rio. Assim, você chegará à cidade antes de amanhã! Enquanto espera, tente descansar! *(ela o leva até o pé de uma árvore)*

STROGOFF - Repousar? Mas e você, pobre Nadia, não estaria tão destruída pelo cansaço quanto eu?

NADIA - Não, sou forte. Mas e você, com essa ferida e essa febre que o devoram?

STROGOFF *(senta-se ao pé da árvore)* - Ah, Nadia, não tem importância! Se conseguir chegar a tempo ao Grã-Duque e se minha mãe ainda estiver viva, não terei mais nada a pedir, meu Deus!

NADIA - Perante seu filho martirizado pelos bárbaros, ela caiu, imóvel. Mas quem pode dizer que a vida dentro dela se desfez? Quem disse que ela estava morta? Irmão, acredito que você ainda a terá em seus braços. Sua mãe cobrirá de beijos as lágrimas dos seus pobres olhos, cuja luz foi apagada.

215

STROGOFF - Quando beijei sua testa, senti que estava muito gelada! Quando senti seu coração, ele não batia mais! Maldição, minha mãe está morta!

(ao reaparecer, Marfa aproxima-se de seu filho)

NADIA *(avistando Marfa)* - Ah!

STROGOFF - O que foi? O que você tem, Nadia?

MARFA - Nada! Nada!

(Marfa, ajoelhada, faz um sinal a Nadia para ficar em silêncio; em seguida, pegando as mãos de seu filho, ela chora ao encostá-las em seus lábios; Nadia está à direita)

STROGOFF - Ah, Nadia! Nadia! Esses beijos, essas lágrimas! Esse choro que ouço! Ah, é ela! É ela! É ela! É minha mãe!

MARFA - Meu filho! Meu filho! *(eles caem nos braços um do outro)*

NADIA - Marfa...

MARFA - Sim, sim, sou eu! Meu filho querido! Sou eu, meu nobre e corajoso mártir. Deixe-me beijar mil vezes esses olhos! Esses pobres

olhos apagados! Foi por mim, porque quis defender sua mãe, eles o torturaram! Ah, por que não morri antes desse dia fatídico? Por que não morri, meu Deus?

STROGOFF - Morrer! Você? Não! Não chore, mãe! Lembre-se de minhas palavras: Deus reserva inexplicáveis consolações àqueles que sofrem!

MARFA - De quais consolações está falando? Eu, cujos olhos só podem ver os seus, aos prantos?

STROGOFF - A felicidade pode renascer em sua alma.

MARFA - A felicidade?

STROGOFF - Deus faz milagres, minha mãe...

MARFA - Milagres? O que isso significa? Responda, em nome do céu!

STROGOFF - Bom, aprenda então! Eu, eu... a alegria! A emoção desse reencontro, minha mãe! Minha...

216 MARFA - Meu Deus! As palavras estão evaporando de seus lábios! Está ficando pálido! Está perdendo a consciência!

NADIA - É a emoção após tantos esforços!

MARFA - Para reanimá-lo, seria preciso... o cantil! (*pega o cantil que está ao lado de Strogoff*) Nada! Está vazio! Traga água! Vá, vá! (*Nadia pega o cantil e vai até o final do caminho que sobe pela direita*)

MARFA - Michel! Minha criança, está me ouvindo? Michel, fale comigo, Michel! Diga que me perdoa após tudo o que sofreu por minha causa!

STROGOFF (*com uma voz fraca*) - Mãe, mãe!

MARFA - Ah, ele voltou! (*olhando para o fundo*) Nadia, Nadia! (*nesse momento, Nadia, que estava enchendo o cantil, levanta-se, mas logo o sargento tártaro reaparece e corre até ela*)

SARGENTO - A menina bonita é minha!

NADIA - Solte-me!

SARGENTO - Você virá por bem ou por mal! (*tenta agarrá-la*)

NADIA - Solte-me! Solte-me!

MARFA (*avistando Nadia*) - Esse miserável! Nadia! (*corre até*

Nadia)

SARGENTO - Para trás! (*empurra Nadia para seus braços e tenta levá-la*)

NADIA (*gritando*) - Piedade!

STROGOFF- Nadia!

(ele se levanta com um movimento involuntário, se joga por cima de seu fuzil que estava perto da árvore, pega a arma, aponta para o sargento e atira; o sargento cai morto)

MARFA E NADIA - Ah!

(as duas, após ficarem por um instante perplexas, descem novamente correndo até Strogoff)

STROGOFF - Que Deus e o Czar me perdoem! Esse constrangimento foi mais forte do que eu!

MARFA - Ah, Michel, meu filho! Os seus olhos veem a luz do céu!

NADIA - Irmão, irmão, então é verdade?

STROGOFF - Sim, sim, eu vejo você, mãe! Sim, eu vejo você, Nadia!

MARFA - Meu filho, meu filho! Que alegria, que felicidade, que contentamento! Agora compreendo: Deus guarda inexplicáveis consolações aos aflitos.

NADIA - Mas como isso aconteceu?

MARFA - E de onde vem esse milagre?

STROGOFF - Quando pensava ter visto minha mãe pela última vez, meus olhos inundaram-se de tantas lágrimas que o ferro em brasa apenas secou meus olhos sem queimá-los. E como preciso cruzar as linhas tártaras para salvar a Sibéria: “Sou cego”, dizia. “O Alcorão me protege!”, “Sou cego!” E eu passava.

NADIA - Mas por que não me disse?

STROGOFF - Porque, em um momento de descuido ou esquecimento, poderíamos colocar tudo a perder!

MARFA - Silêncio! Estão voltando.

CENA VI

OS MESMOS, CAPITÃO, SOLDADOS

(o capitão chega pelos fundos com os soldados; levantam o cadáver do sargento)

CAPITÃO - Quem matou este homem?

UM SOLDADO *(mostrando Strogoff)* - Só tem esse mendigo aqui.

OFICIAL - Peguem-no e levem-no ao acampamento!

STROGOFF *(aparte)* - Me levar? E a minha missão? Está tudo perdido!

NADIA - Vocês não sabem que meu irmão é cego?

MARFA - Ele não poderia ter usado essa arma.

OFICIAL - Cego? Vamos saber se ele é mesmo!

MARFA *(baixo)* - O que ele vai fazer?

218 OFICIAL - Os teus olhos não podem ver, é isso que disse?

STROGOFF - Sim.

OFICIAL - Quero ver você andar sem guia e nem apoio! Afastem essas duas mulheres e, você, ande! *(ele impõe a sua espada)*

STROGOFF - Para qual lado?

OFICIAL *(aponta a espada contra o peito de Strogoff)* - Bem em frente.

NADIA - Meu Deus!

MARFA *(grita fechando a boca)* - Ah!

STROGOFF *(caminhando até a espada e parando quando a ponta entra em seu peito)* - Ah! Você me feriu!

MARFA *(correndo em sua direção)* - Michel, minha pobre criança!

NADIA - Irmão!

MARFA *(ao oficial)* - Assassino!

OFICIAL - Foi uma dessas duas mulheres quem matou o soldado, então!

MARFA - Fui eu.

STROGOFF (*a Marfa*) - Não, mãe! Não precisa, não quero!

MARFA (*aparte para Strogoff*) - Para salvar nossa Sibéria, é preciso que você esteja livre! Proíbo-o de falar!

OFICIAL - Peguem esta mulher, prendam-na ao pé dessa árvore e a fuzilem!

STROGOFF - Fuzilar? Você mãe?

NADIA - Piedade por ela!

MARFA - Deus contou meus dias! Meus dias pertencem a Ele!

(*os soldados prendem Marfa na árvore e levam Strogoff e Nadia*)

STROGOFF - Minha mãe! Minha mãe!

DÉCIMO PRIMEIRO QUADRO

A jangada

CENA VII

219

OS MESMOS, JOLLIVET, BLOUNT, UM BARQUEIRO, VÁRIOS FUGITIVOS

(*no momento em que os tártaros vão fuzilar Marfa, uma jangada de Angara aparece, vindo pela esquerda*)

JOLLIVET - Uma mulher que os tártaros querem assassinar! Para trás, miseráveis!

STROGOFF - Aqui, meus amigos!

OFICIAL (*aos tártaros*) - Fogo!

BLOUNT - Jollivet, “atirar” nos soldados! Eu “ficar” com o capitão! (*atira*)

OFICIAL (*ferido*) - Ah!

BLOUNT - Eu “mirar” bem, não foi?

JOLLIVET - Boa mira, meu amigo Blount!

(*os tártaros se aproximam do chefe, enquanto Strogoff e Nadia soltam Marfa*)

OFICIAL - Levem-me aos reservatórios! Ordem de Ogareff! (*os tártaros o levam*)

BLOUNT, JOLLIVET - Viva a França! Viva a Inglaterra! Hurra, hip hip!

JOLLIVET - Veja! Michel Strogoff!

STROGOFF - Obrigado, senhor Jollivet. Obrigado, senhor Blount!

BLOUNT - “Ser” a gente, cego infelizmente!

STROGOFF - Não perderemos nenhum minuto sequer! Essa jangada estava levando vocês para onde?

JOLLIVET - Para Irkoutsk.

STROGOFF - Para Irkoutsk! Vocês são os enviados do céu!

BLOUNT - Sim, sempre muito “esperta a céu”!

MARFA - Podem nos levar junto?

JOLLIVET - Sim, descendo o curso de Angara, entraremos em Irkoutsk, protegidos pela escuridão!

220

STROGOFF - Embarquem!

JOLLIVET - Então ele não está cego!

MARFA - A ternura de meu filho o salvou! Seus olhos despediram-se de mim, inundados de tantas lágrimas!

BLOUNT - Essa é boa! Muito boa. Vou anotar para instruir a Academia de Medicina.

JOLLIVET - Sim, sim! Escreva, Blount: Ferro em brasa é excelente para secar lágrimas!

BLOUNT - Mas não “ser” suficiente para queimar os olhos e cegar!

TODOS - Embarquemos! (*embarcam*)

DÉCIMO SEGUNDO QUADRO

Às margens do rio Angara

A paisagem ao fundo mexe-se pouco a pouco, enquanto a jangada está imóvel. É possível ver as margens do rio.

DÉCIMO TERCEIRO QUADRO

O rio de nafta

A noite chegou. A correnteza de nafta pega fogo na superfície do rio, e a jangada, vigorosamente dirigida, passa por cima.

DÉCIMO QUARTO QUADRO

A cidade em chamas

Irkoustk está em chamas. A população corre para as margens do rio. Strogoff aparece e se joga em cima de uma porta em brasas.

221

QUINTO ATO

DÉCIMO QUINTO QUADRO

Palácio do Grã-duque²⁸

Um cômodo na caserna da porta de Tchernaiã, em Irkoutsk. Porta nos fundos e nas laterais, grande janela à direita, iluminada pelo reflexo do incêndio. Sinos batendo sem parar em sinal de alarme.

CENA I

GRÃ-DUQUE, GENERAL VORONZOFF, OFICIAIS

28 Grã-duque é um título de nobreza, usado sobretudo na Europa Central e Europa Oriental, para designar soberanos de estados menores. Na hierarquia da nobreza, os Grã-duques são considerados inferiores aos arquidukes, mas superiores aos duques.

GRÃ-DUQUE - Só poderia ser a mão de um bárbaro, para espalhar sobre a superfície do rio toda essa nafta.

VORONZOFF - Os soldados do Emir provavelmente derrubaram a muralha do imenso reservatório de Baïkal.

GRÃ-DUQUE - Uma fagulha foi suficiente para pôr fogo nessa nafta e incendiar as palafitas, cujos pilotis estavam no rio! Miseráveis! Usar essa maneira para destruir!

VORONZOFF - Querem uma guerra de selvagens. Alteza, juraram exterminar a cidade.

GRÃ-DUQUE - Ainda não dominaram Irkoustsk. General, o fogo fez muitas vítimas?

VORONZOFF - Quase todos os habitantes conseguiram escapar.

GRÃ-DUQUE - Precisamos socorrer essas pobres pessoas... que todos os que se salvaram sejam instalados em meu palácio, na área pública.

222

VORONZOFF - Todos ajudarão, nada lhes faltará! A dedicação da nossa população equivale a seu patriotismo.

GRÃ-DUQUE - Bem, bem... Esse incêndio deve ser uma espécie de diversão. Assim que o fogo for localizado, todos os defensores devem retornar ao alto da muralha.

VORONZOFF - Sobre isso, Alteza, gostaria de lhe trazer uma súplica que recebi de meu intermediário.

GRÃ-DUQUE - Quem me suplica?

VORONZOFF - Todos os exilados políticos que, no início da invasão, receberam ordem de voltar para a cidade. Vossa Alteza sabe que eles lutaram com bravura e que podemos contar com o patriotismo deles.

GRÃ-DUQUE - Sim, claro! Qual é o pedido?

VORONZOFF - Pedem que Vossa Alteza receba uma pequena delegação deles.

GRÃ-DUQUE - Quem é o chefe dessa delegação?

VORONZOFF - Um exilado que se distinguiu desde do início dos ataques.

GRÃ-DUQUE - Seu nome?

VORONZOFF - Wasili Fedor! Homem de valor e coragem, cuja influência sobre os companheiros sempre foi importante.

GRÃ-DUQUE - Mande entrar essa delegação! (*Fedor e seus companheiros entram*)

CENA II

OS MESMOS, FEDOR, EXILADOS

GRÃ-DUQUE - Wasili Fedor, você e seus companheiros lutaram bravamente desde o início. O patriotismo de vocês nunca falhou! A Rússia nunca esquecerá!

FEDOR - Viemos pedir, Vossa Alteza, que nos permita continuar a lutar pela pátria.

GRÃ-DUQUE - O que querem?

223

FEDOR - Autorização de formar um grupo especial, que tenha o direito de ir à frente.

GRÃ-DUQUE - Que seja! Mas um grupo de elite necessita de um chefe digno para comandar. Quem será?

TODOS - Wasili Fedor!

FEDOR - Eu?

TODOS - Sim, sim!

GRÃ-DUQUE - Escutou? Escolheram você. Aceita?

FEDOR - Bom, se a pátria me exige... O amor pelo país está sempre vivo no coração de um exilado. Na primeira batalha estaremos à frente, se nos permitir.

TODOS - Vamos, vamos!

GRÃ-DUQUE - Wasili Fedor, seus companheiros são fortes e corajosos! Duplicarei a força e a coragem deles, dando-lhes a liberdade, a arma mais poderosa.

TODOS - Liberdade!

GRÃ-DUQUE - A partir deste momento, não há mais proscrito na Sibéria!

TODOS - Urra, viva o Grã-duque! Urra, viva a Rússia!

FEDOR - Alteza, não serei o único de minha família a abençoá-lo. Minha filha Nadia, que neste momento atravessa muitos perigos para chegar até aqui...

GRÃ-DUQUE - E ao invés de um proscrito, sua filha encontrará um homem livre.

AJUDANTE DE ORDENS - Alteza, alguém lhe traz uma mensagem do Czar.

TODOS - Mensagem!

GRÃ-DUQUE - Um mensageiro que conseguiu chegar até nós! Faça-o entrar!

224

CENA III

OS MESMOS, IVAN

GRÃ-DUQUE - Quem é você? Fale! Fale logo!

IVAN - Michel Strogoff, mensageiro do Czar.

GRÃ-DUQUE - De onde você vem?

IVAN - De Moscou.

GRÃ-DUQUE - Você deixou Moscou quando?

IVAN - Dia 22 de agosto.

GRÃ-DUQUE - E como vou saber que você é mesmo mensageiro do Czar e enviado da Rússia?

IVAN (*mostrando um papel*) - Eis aqui a permissão do Governador de Moscou para assegurar minha passagem pela Sibéria.

GRÃ-DUQUE - Mas aqui está escrito Nicolas Korpanoff.

IVAN - Viajei com este nome, como um comerciante siberiano.

GRÃ-DUQUE - Tem uma carta ou mensagem para mim?

IVAN - Eu tinha uma carta escrita pelo governador, mas fui obrigado

a destruí-la, pois caí nas mãos dos tártaros, fiquei prisioneiro deles.

GRÃ-DUQUE - Aproxime-se! O que havia nela?

IVAN - Isto: “Uma tropa de reforço chegará pelas províncias do Norte, para salvá-los, dia 28 de setembro.”

GRÃ-DUQUE - Dia 28 de setembro.

IVAN - Que vossa alteza faça, somente nesse dia, um grande ataque, pois terá reforços. Os tártaros serão massacrados.

GRÃ-DUQUE - Sendo assim, aquele que prevíamos para hoje, amanhã e ... seria funesto? Devemos esperar quatro dias, então. Pois bem, apesar de tudo, podemos suportar até lá.

IVAN (*aparte*) - Assim, amanhã os tártaros serão os donos de Irkoutsk!

GRÃ-DUQUE - O que mais havia nessa carta do Governador de Moscou?

IVAN - Havia também um aviso sobre um homem de quem vossa alteza deve desconfiar... um oficial russo.

GRÃ-DUQUE - Um oficial russo? Qual o nome desse traidor?

IVAN - Ivan Ogareff, hoje tenente de Feofar e organizador dessa invasão.

GRÃ-DUQUE - Ivan Ogareff, outrora condenado à degradação por mim!

IVAN - Ele jurou vingança contra Vossa Alteza e também jurou entregar a cidade nas mãos dos tártaros.

GRÃ-DUQUE - Que venha então, vamos aguardá-lo! Esse miserável mereceu o castigo que lhe fora dado, que provocaria em seguida a invasão de seu país.

IVAN (*friamente*) - Ele mereceu o castigo.

GRÃ-DUQUE - Mas, diga-me, como conseguiu entrar em Irkoutsk?

IVAN - Durante o último recrutamento, que acabou de ser feito, misturei-me aos defensores da cidade, me apresentei e fui conduzido a Vossa Alteza.

GRÃ-DUQUE - Você mostrou-se muito corajoso, Michel Strogoff.

O que deseja como recompensa?

IVAN - O direito de lutar em defesa de Irkoutsk.

GRÃ-DUQUE - Que seja! Na Porta do Tchernaiã.

VORONZOF (*olhando pela janela*) - Alteza!

GRÃ-DUQUE - O que houve?

VORONZOF - Parece que o inimigo se aproxima de nossas muralhas.

GRÃ-DUQUE - Nos encontrará prontos para recebê-lo!

(*todos saem, exceto Ivan*)

CENA IV

IVAN

226 IVAN (*sozinho*) - Sim, claro, nobres defensores da pátria! Vamos, heróis invencíveis! A hora da derrota e da morte soará em breve. E, você, maldita cidade, queime, seus palácios serão destruídos pelo fogo, suas casas virarão cinzas! Os tártaros deixarão a cidade em ruínas. Queime, Irkoutsk, e seja destruído tudo que tem o maldito nome russo ou siberiano!

CENA V

IVAN, STROGOFF, OFICIAL

OFICIAL (*a Strogoff*) - Espere aqui! Vou prevenir Vossa Alteza, o Grã-duque, de sua chegada.

STROGOFF - Está bem, mas vá rápido!

IVAN (*aparte, ao fundo*) - Como o cego conseguiu chegar aqui?

STROGOFF - Não podemos perder um só minuto.

IVAN - Ah, não, nem um instante! (*apoiando a mão no ombro de Strogoff*) Michel Strogoff, reconhece minha voz?

STROGOFF - Claro, a voz de um traidor! É a voz de Ivan Ogareff!

IVAN - Ogareff, de quem você não escapará desta vez! Ogareff que

não respeitará esse vão mandamento do Alcorão que protege os cegos! Ah! Está feliz de ter conseguido chegar para terminar sua missão e salvar Irkoutsk e o Grã-duque?

STROGOFF - Talvez!

IVAN - Ainda tem esperança, certo? Mas saiba, visto que estamos a sós agora. Antes que alguém chegue, meu punhal entrará em seu peito e arrancará seu coração!

STROGOFF (*friamente*) - Tente!

IVAN - Ousa me enfrentar, mesmo sozinho e sem defesa, quando só preciso escolher onde golpeá-lo? Ah, como terei prazer em matá-lo!

STROGOFF - Estou esperando. (*Ivan se aproxima de Strogoff, punhal na mão, porém o golpe é desviado e Strogoff arranca a arma da mão de Ivan*) Ainda espero.

IVAN - Estou sonhando? Um milagre não salvará este miserável.

STROGOFF (*avançando e imobilizando Ivan*) - Por que está tremendo?

IVAN (*tentando se soltar*) - Não! Isso é impossível!

STROGOFF - Ivan Ogareff, sua hora suprema chegou. Olhe com atenção!

IVAN - Misericórdia! Ele enxerga! Enxerga sim!

STROGOFF - Isso mesmo, vejo na sua cara de traidor a palidez e o medo. Vejo as marcas do *knout*²⁹, o estigma da vergonha que marquei em seu rosto. Miserável, vejo até onde vou golpear! Canalha, vou matar você!

IVAN (*recompondo-se*) - Que seja, mas morrerei como um soldado, de pé!

STROGOFF - Como um soldado, você? Não! Morrerá como um traidor deve morrer, ajoelhado. Vamos, ajoelhe-se! Para expiar a ofensa que me fez, ajoelhe-se! Por ter chicoteado vergonhosamente minha mãe, ajoelhe-se! Por ter traído sua pátria, ajoelhe-se! (*Ivan*

29 Um knout é um chicote múltiplo, pesado, semelhante a um flagelo.

tenta pegar o punhal da mão de Strogoff e consegue; lutam, Ivan fere sua própria perna e cai)

CENA VI

OS MESMOS, GRÃ-DUQUE, VORONZOFF, JOLLIVET, BLOUNT, NADIA, MARFA, FEDOR, OFICIAIS

GRÃ-DUQUE (*a Strogoff*) - Solte este homem! Quem é você? Assassinou o mensageiro do Czar!

STROGOFF - Michel Strogoff, Alteza. E este é Ivan Ogareff.

MARFA (*entrando*) - Michel Strogoff, meu filho! Alteza, diante do senhor, eis a dedicação e a traição!

JOLLIVET (*apontando para Strogoff*) - A dedicação é ele.

BLOUNT (*apontando para Ivan*) - A traição é este.

228 GRÃ-DUQUE - Quem são esses homens?

STROGOFF - Meus corajosos companheiros.

JOLLIVET (*apontando Blount*) - Tenho a honra de apresentar a Vossa Alteza, o senhor Blount, um inglês corajoso.

BLOUNT (*imitando Jollivet*) - Mister Jollivet, “uma francesa” também “corajosa”, bem mais “corajosa”.

GRÃ-DUQUE - E diga-me...

BLOUNT - Este aqui é Ivan Ogareff.

JOLLIVET - E este é Michel Strogoff.

FEDOR - O salvador de minha filha, Alteza.

(*som de canhões aproximando-se*)

STROGOFF - Escutem, os canhões!

GRÃ-DUQUE - Os inimigos atacam a cidade. Precisamos defender as muralhas!

STROGOFF - Não, escute bem... O som do canhão aqui perto responde ao canhão que está longe. Hoje é dia 24 de setembro. Os reforços chegaram!

TODOS - As tropas do Czar!

STROGOFF - Vossa alteza, ordene um ataque em massa! O exército tártaro será vencido.

GRÃ-DUQUE - Vamos, meus amigos, ao combate!

TODOS - Vamos lutar!

DÉCIMO SEXTO QUADRO

CENA I

OS MESMOS, TROPAS

GRÃ-DUQUE - Soldados, graças à coragem de todos e à persistência de Michel Strogoff, nossas tropas se juntaram à tropa de reforço. Os tártaros estão fugindo, o Emir Feofar está preso e Irkoutsk está salva.

TODOS - Urra! Urra!

GRÃ-DUQUE - Michel Strogoff, o que deseja como recompensa?

STROGOFF - Nada, não quero nada, Alteza. Cumpri apenas meu dever de soldado... Por Deus, pelo Czar, pela Pátria! *(os tambores tocam, as bandeiras russas se agitam e a gritaria é geral)*

229

FIM

